

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**O ALCOOLISMO ENTRE OS MECÂNICOS DE
MANUTENÇÃO DE VEÍCULOS: UM ESTUDO DE
CASO EM BELO HORIZONTE - MG.**

BELO HORIZONTE

2008

ALESSANDRO VINICIUS DE PAULA

**O ALCOOLISMO ENTRE OS MECÂNICOS DE
MANUTENÇÃO DE VEÍCULOS: UM ESTUDO DE
CASO EM BELO HORIZONTE - MG.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social.

Orientadora: Dra. Maria Elizabeth Antunes Lima.

BELO HORIZONTE

2008

150 Paula, Alessandro Vinicius de
P324a O alcoolismo entre os mecânicos de manutenção de veículos:
2008 [manuscrito]: um estudo de caso em Belo Horizonte - MG / Alessandro
Vinicius de Paula. - 2008.

137 f.

Orientadora: Maria Elizabeth Antunes Lima.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Psicologia - Teses 2. Alcoolismo - Teses 3. Saúde mental - Teses
4. Mecânicos de automóveis - Teses 5. Trabalho - Teses. I. Lima,
Maria Elizabeth Antunes II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas III. Título



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Mestrado em Psicologia

A Dissertação "*O alcoolismo entre os mecânicos de manutenção de veículos: um estudo de caso em Belo Horizonte - MG*".


elaborada por **Alessandro Vinicius de Paula**


e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Belo Horizonte, 18 de agosto de 2008.

BANCA EXAMINADORA


.....
Profa. Dra. Maria Elizabeth Antunes Lima
(Orientadora)


.....
Profa. Dra. Daisy Moreira Cunha


.....
Profa. Dra. Regina de Paula Medeiros

Aos trabalhadores, por me confiarem e emprestaram suas vozes para que eu contasse suas vidas e entendesse um pouco mais sobre o seu saber fazer.

AGRADECIMENTOS

Vivemos de forma tão atribulada que muitas vezes esquecemo-nos de dizer um “muito obrigado” às pessoas que nos cercam. Transformar em palavras todo esse carinho é ainda mais difícil! Como reconhecer cada gesto de apoio, cuidado, compreensão e dedicação? Como Deus não me deu a sorte de ser poeta, faço aqui um humilde registro do meu agradecimento às pessoas que estiveram presentes nessa caminhada, seja retirando ou colocando algumas pedras no caminho...

A essa misteriosa força que movimenta o mundo e que denominamos Deus;

Aos familiares: pai e mãe (mesmo não sabendo para que tanto trabalho? por que um caminho tão longo? Sempre me apoiaram e financiaram), irmãos e respectiv@s agregad@s, “voinha”, ti@s, sobrinh@s e prim@s;

À Júlia, minha dedicada e querida namorada, que sempre esteve presente nessa longa jornada. Obrigado pela paciência e grande compreensão nos muitos momentos de ausência;

A tod@s @s amig@s, de A a Z, tanto os de perto quanto os de longe, que compreenderam, perdoaram e incentivaram as ausências nos passeios, cinemas, festas, aniversários, etc: Dê (pelo pagamento antecipado de uma promessa), Arlete (minha irmã de livros), Alan, Leandro, Amanda, Vanilde, Cássia, Alessandro, Andréia, Danielle, Cecília e tod@s @s demais;

À Empresa K e seus funcionários, em especial, aos integrantes do Departamento de Manutenção de Veículos e do Setor de Psicologia;

À Beth Antunes, minha paciente orientadora, que soube praticar a arte de ensinar, fomentando a minha autonomia, mas sempre próxima quando preciso;

Às dedicadas, prestativas e competentes “anjas da guarda”: Eloísa e Gislaine. Vocês foram indispensáveis para a efetivação desse trabalho, não conseguiria terminar a tempo todas as entrevistas e transcrições; obrigado também pelos longos debates;

Aos professores componentes das bancas de Qualificação (Dra. Vanessa Andrade Barros e Dr. José Newton Garcia de Araújo) e de Defesa (Dra. Daisy Moreira Cunha e Dra. Regina de Paula Medeiros) pelas orientações e conselhos, vocês foram indispensáveis para o meu crescimento profissional e para garantir a qualidade deste trabalho;

Aos participantes do “grupo de estudos para o mestrado”, hoje grandes amigos: Mônica, Ênio, Cida, Zeca e, nossa “recente aquisição”, Carla;

Aos colegas do Mestrado, especialmente Saulo e Edmar. Obrigado pelas “conversas fiadas” e também pelas conversas mais sérias, pelos momentos de angústias, desabafo, confidências e alegrias;

Aos funcionários da UFMG, por tornarem mais humana e suportável a aspereza institucional: Bete - fiel escudeira e companheira; Alessandro - meu anjo da guarda que sempre me atendeu com muita paciência; Sindier, Vilma e Anália - um maravilhoso trio que “sempre encontra tudo o que precisamos”, seja dentro ou fora da biblioteca; Carminha, Margaret e Helô - por sempre “quebrar o galho” quando mais precisamos;

Aos professores que sempre me apoiaram ao longo da graduação e mestrado: Ingrid, Beth Nascimento, Larissa, Sônia, Íris, Sandra e Cris Fellet;

Aos profissionais do Centro Mineiro de Toxicomania - BH/MG, pela grande disponibilidade;

Aos meus (ex)alunos, forte incentivo para empreender tal jornada;

Tocando em frente

Almir Sater e Renato Teixeira

*Ando devagar porque já tive pressa
e levo esse sorriso porque já chorei demais.
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe,
eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei.
Eu nada sei.*

*Conhecer as manhas e as manhãs,
o sabor das massas e das maçãs.
É preciso amor pra poder pulsar,
é preciso paz pra poder sorrir.
É preciso chuva para florir.*

*Penso que cumprir a vida seja simplesmente
compreender a marcha e ir tocando em frente.
Como um velho boiadeiro levando a boiada,
eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou.
Estrada eu sou.*

*Conhecer as manhas e as manhãs,
o sabor das massas e das maçãs.
É preciso amor pra poder pulsar,
é preciso paz pra poder sorrir.
É preciso a chuva para florir.*

*Todo mundo ama um dia, todo mundo chora
um dia a gente chega, no outro vai embora.
Cada um de nós compõe a sua história
e cada ser em si carrega o dom de ser capaz,
de ser feliz.*

*Conhecer as manhas e as manhãs,
o sabor das massas e das maçãs.
É preciso amor pra poder pulsar,
é preciso paz pra poder sorrir.
É preciso a chuva para florir.*

*Ando devagar porque já tive pressa
e levo esse sorriso porque já chorei demais.
Cada um de nós compõe a sua história
e cada ser em si carrega o dom de ser capaz,
de ser feliz...*

LISTA DE SIGLAS

AA	Alcoólicos Anônimos.
ABRAD	Associação Brasileira de Alcoolismo e Drogas.
AET	Análise Ergonômica do Trabalho.
APT	Análise Psicossocial do Trabalho.
AVC	Acidente Vascular Cerebral.
CEBRID	Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas.
CID-8	Classificação Internacional das Doenças - oitava revisão.
CID-10	Classificação Internacional das Doenças - décima revisão.
CNEN	Conselho Nacional de Energia Nuclear.
DMV	Departamento de Manutenção de Veículos.
DSM-I	Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais da Associação Norte - Americana de Psiquiatria - primeira edição.
DSM-IV	Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais da Associação Norte - Americana de Psiquiatria - quarta edição.
FIAT	Fiat Automóveis.
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde.
GM	General Motors do Brasil.
OIT	Organização Internacional do Trabalho.
OMS	Organização Mundial da Saúde.
PBH	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.
PPAA	Programa de Prevenção ao Abuso de Álcool.
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
SISNAMA	Sistema Nacional do Meio Ambiente.
SM & T	Saúde Mental e Trabalho.
SMAMA	Secretaria Municipal Adjunta de Meio Ambiente.
SMURBE	Secretaria Municipal de Políticas Urbanas.
SNC	Sistema Nervoso Central.

SUMÁRIO

RESUMO	01
ABSTRACT	02
APRESENTAÇÃO	03
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	06
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	08
1.2 O CAMPO DE PESQUISA	14
CAPÍTULO II - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ALCOOLISMO	19
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO CONSUMO DE ÁLCOOL	19
2.2 A EVOLUÇÃO DO CONCEITO E OS MODELOS EXPLICATIVOS	23
2.2.1 O modelo moral	23
2.2.2 O modelo médico	24
2.3 A BUSCA POR “UMA” ETIOLOGIA DO ALCOOLISMO	26
2.3.1 As teorias biológicas	26
2.3.2 As teorias sócio-culturais	27
2.3.3 As teorias psicológicas	28
2.3.3.1 <i>A abordagem cognitivo-comportamental</i>	29
2.3.3.2 <i>A abordagem sistêmica</i>	32
2.3.3.3 <i>A abordagem existencialista</i>	34
2.3.3.4 <i>A abordagem psicanalítica</i>	36
2.3.3.5 <i>A abordagem junguiana</i>	40
2.3.4 A abordagem biopsicossocial	42
2.4 O USO EXCESSIVO E PROLONGADO DO ÁLCOOL E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE	43
2.5 ALCOOLISMO ASSOCIADO AO CONTEXTO DE TRABALHO	47

CAPÍTULO III - ESTUDOS DE CASOS INDIVIDUAIS	52
3.1 A HISTÓRIA DE RAFAEL	53
3.1.1 A infância/adolescência e a formação profissional no SENAI	53
3.1.2 A trajetória profissional	56
3.1.3 As experiências com o uso do álcool	64
3.1.3.1 <i>Os primeiros contatos com o álcool</i>	64
3.1.3.2 <i>O uso do álcool pelo pai e outros familiares</i>	65
3.1.3.3 <i>A funcionalidade do álcool - os vários usos da bebida</i>	67
3.1.4 O casamento e o nascimento da filha	69
3.1.5 História profissional atual	70
3.1.5.1 <i>A entrada na Empresa K</i>	70
3.1.5.2 <i>“A máfia da cana” - a grande disponibilidade do álcool e as estratégias de consumo</i>	74
3.1.5.2.1 <i>As estratégias de organização da “máfia da cana”</i>	75
3.1.5.3 <i>“Suicidar-se aos poucos” - a desvalorização do saber e a falta de perspectivas de crescimento profissional</i>	76
3.1.5.4 <i>“Um serviço muito estressado” - as preocupações e responsabilidades do trabalho</i>	78
3.1.5.5 <i>A percepção de Rafael sobre as causas do uso do álcool entre os mecânicos e outras categorias profissionais</i>	80
3.1.5.6 <i>O adoecimento na Empresa K</i>	82
3.1.5.7 <i>“Saindo da sociedade” - a vivência do afastamento do trabalho</i>	85
3.1.6 Os planos para o futuro	86
3.1.7 Análise do caso	87
3.2 A HISTÓRIA DE MÁRCIO	90
3.2.1 A infância, adolescência e a família de origem	90
3.2.2 Trajetória profissional	94
3.2.3 <i>“Um período meio apagado” - a trajetória do uso nocivo do álcool</i>	99
3.2.4 O trabalho na Empresa K	102
3.2.4.1 <i>A “chegada no paraíso” - o uso do álcool na Empresa K</i>	106
3.2.5 A decisão pela abstinência	110
3.2.6 Análise do caso	113
 CAPÍTULO IV - COSTURANDO OS CASOS INDIVIDUAIS COM O TRABALHO NA EMPRESA K	 117
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 122
 REFERÊNCIAS	 127

PAULA, Alessandro Vinicius de. **O alcoolismo entre os mecânicos de manutenção de veículos**: um estudo de caso em Belo Horizonte - MG. 2008. 148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RESUMO

O objetivo desta investigação constituiu em verificar as possíveis relações entre o exercício da atividade de mecânica de manutenção de veículos no Departamento de Manutenção de Veículos de uma empresa pública responsável pela limpeza urbana na cidade de Belo Horizonte - MG, e o possível desenvolvimento e/ou agravamento de quadros de alcoolismo entre os trabalhadores deste Departamento. Buscou-se explicar, sobretudo, os mediadores entre o exercício da atividade de mecânico e o desenvolvimento do quadro de alcoolismo. A coleta de dados do estudo foi dividida em duas etapas: observações de campo e entrevistas em profundidade para realização de estudo de casos individuais. Foram realizados dois estudos de caso nos quais se buscou (re)construir como foram estabelecidas as relações entre a história de consumo de álcool e as condições de vida e trabalho dos participantes. O estudo trouxe alguns elementos que revelam as dificuldades sofridas pelos mecânicos de manutenção de veículos na realização do trabalho, permitindo compreender o alcoolismo no grupo e no contexto investigado.

Palavras-Chaves: Alcoolismo; Trabalho; Mecânicos de Manutenção de Veículos.

PAULA, Alessandro Vinicius de. **The alcoholism among mechanics of vehicle maintenance**: a case study in Belo Horizonte - MG. 2008. 148 f. Dissertation (Master in Psychology) - Post Graduate Program in Psychology, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brazil, 2008.

ABSTRACT

The objective of this investigation is to verify the possible relations between the exercise of mechanic activity in vehicle maintenance for the Department of Vehicle Maintenance of a public company responsible for urban cleaning in Belo Horizonte (MG), Brazil, and possible development and/or aggravation of alcoholism among Department workers. We searched to explain, above all, the mediators between mechanic activities and the development of alcoholism. The study's data collection was divided in two stages: field observations and deep interviews for individual case studies. Two case studies were developed in order to (re)build the relation between alcohol use and life and work conditions of the participants. The study brought some elements that reveal the difficulties suffered by the mechanics of vehicle maintenance at work, allowing the comprehension of alcoholism in the group studied and its context.

Key Words: Alcoholism; Work; Mechanics of Vehicle Maintenance.

APRESENTAÇÃO

O presente estudo está vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Saúde Mental & Trabalho do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e teve sua origem em dados de um estudo realizado pelo mesmo grupo em prontuários de pacientes psiquiátricos internados na cidade de Barbacena – MG (LIMA, 2004). Este estudo trouxe evidências epidemiológicas que sugerem a relação entre certas categorias profissionais e o desenvolvimento de distúrbios psíquicos específicos - incluindo quadros de dependência química como o uso abusivo do álcool.

Para confirmar tais evidências, o Núcleo de Pesquisa em Saúde Mental & Trabalho tem realizado diversos estudos objetivando elucidar o alcoolismo em categorias profissionais como: trabalhadores da construção civil, policiais militares, motoristas profissionais, cobradores de ônibus urbano e garis da limpeza urbana. Tais estudos têm indicado que certos contextos de trabalho podem efetivamente favorecer o desenvolvimento de alcoolismo.

Dentre as várias categorias profissionais identificadas por Lima (*ibid*), estava presente o mecânico. No entanto, até o momento, não havíamos encontrado qualquer investigação que contemplasse tal categoria profissional. O presente estudo é a primeira tentativa do nosso grupo de pesquisa em analisar a atividade de trabalho dos mecânicos de manutenção de veículos. Para isto, investigamos os mecânicos do Departamento de Manutenção de Veículos (DMV) da Empresa K¹ - uma empresa pública responsável pela limpeza urbana na cidade de Belo Horizonte - MG.

O objetivo da nossa investigação foi o de verificar as possíveis relações entre o exercício da atividade de mecânica de manutenção de veículos no DMV da Empresa K e o provável desenvolvimento e/ou agravamento de quadros de alcoolismo entre os trabalhadores deste Departamento. Tentamos, sobretudo, explicitar os mediadores entre o exercício da atividade e o desenvolvimento da dependência do álcool.

¹ Utilizaremos um nome fictício para preservar o nome da empresa estudada.

Tratar de duas temáticas tão complexas como o alcoolismo e o trabalho foi um grande desafio, e os resultados desse esforço poderão ser avaliados nas páginas seguintes. No primeiro capítulo, contextualizamos a categoria trabalho, reafirmando a centralidade desta na vida do homem, pois é por meio de sua ação no mundo que os seres humanos objetivam sua subjetividade, materializando suas idéias e projetos. Trata-se de uma categoria estruturante e central na vida do ser humano, pois quanto mais o homem interage com o seu meio, através do seu trabalho, mais ele se apropria da natureza e transforma a si mesmo e ao seu mundo.

Ainda no primeiro capítulo, discutimos os aspectos metodológicos que referenciaram nossa investigação. Cabe aqui dizer que o estudo foi dividido em dois momentos: na primeira etapa, realizamos observações de campo para conhecermos a realidade da Empresa K e entendermos um pouco sobre a rotina de trabalho dos mecânicos e, na segunda etapa, nos dedicamos às entrevistas em profundidade com alguns trabalhadores. Encerramos o primeiro capítulo apresentando algumas informações para contextualizar nosso campo de pesquisa. Nesse item, indicamos alguns elementos institucionais que servem como “pano de fundo” para nossas análises.

Ao longo do tempo, foram elaborados vários modelos explicativos para o alcoolismo e o comportamento dos alcoolistas², modelos esses que estão inteiramente associados ao contexto sócio-histórico da época em que foram formulados. No segundo capítulo, apresentamos uma contextualização histórica do alcoolismo, expondo uma revisão sobre a evolução do conceito e os modelos explicativos, bem como a busca por “uma” etiologia. Foi dada uma atenção especial às explicações psicológicas sobre o fenômeno do alcoolismo, assim como às relações deste fenômeno com os contextos de trabalho. Acrescentamos também uma discussão sobre as conseqüências do alcoolismo para a saúde humana.

Realizamos dois estudos de caso, contemplados no terceiro capítulo, onde apresentamos as histórias de Rafael e Márcio nas quais buscamos (re)construir como foram estabelecidas as relações entre a história de consumo de álcool e suas condições de vida e trabalho.

² Preferimos utilizar o termo alcoolista ao termo alcoólatra, porque o termo alcoólatra foi abandonado pela maioria dos estudiosos do tema, já que a patologia correspondente seria alcoolatria, ou a “adoração do álcool”. A Associação Brasileira de Estudos do Álcool e de Outras Drogas (ABRAD, 2007) recomenda o termo alcoolismo para a doença e alcoolista para o dependente.

Por fim, em nossas considerações finais, indicamos alguns elementos que revelam as dificuldades sofridas pelos mecânicos de manutenção de veículos na realização do trabalho dentro do Departamento de Manutenção de Veículos (DMV) da Empresa K.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

O trabalho ocupa um lugar central na vida dos seres humanos. O homem “se faz” na sua relação com o trabalho e é nessa atividade humana por excelência que se realiza a mediação entre o homem (sociedade) e a natureza (VIEGAS, 1989; ORGANISTA, 2006). Através de sua ação, os seres humanos transformam a natureza conforme seus interesses e necessidades e se transformam ao mesmo tempo. Tal processo dá forma à sua subjetividade, materializando suas idéias e seus projetos. Trata-se de uma categoria estruturante e central na vida do ser humano, pois quanto mais o homem interage com o seu meio, através do seu trabalho, mais ele se apropria da natureza e transforma a si mesmo e ao seu mundo. Tais transformações permitem a ele participar e dar continuidade à sua existência através do tempo, realizando-se historicamente e socialmente.

O trabalho é um ato humano por excelência e trabalhar é uma forma de encontrar um lugar no interior de um grupo social - através do processo de criação e do reconhecimento por tal criação. Dessa forma, sobretudo na nossa atual configuração de organização da sociabilidade, a existência de todos é perpassada pelo trabalho, sendo esta a atividade que regula os diversos horários e rotinas do seu cotidiano - incluindo os momentos de lazer e repouso. É ela também que define as relações interpessoais - formas de inclusão, participação e reconhecimento social, status, além de ocupar importante papel na formação da identidade.

No entanto, na forma de organização capitalista, essa atividade sofreu transformações importantes, mudando seu significado e dificultando o processo criativo, o que pode estar na origem de patologias físicas e psíquicas (LAURELL e NORIEGA, 1989). Tais adoecimentos podem ser causados pela sensação de perda do sentido da atividade, sensação que os trabalhadores experimentam freqüentemente em nossa sociedade atual.

Alguns autores já identificaram, de forma mais genérica, a relação entre determinadas atividades laborais e alguns quadros de adoecimento que afetam os trabalhadores (SELIGMANN-SILVA, 1986, 1992 e 2003; JACQUES e CODO, 2002; CODO, 2004; CLOT, 2006).

No Núcleo de Pesquisa em Saúde Mental & Trabalho da Universidade Federal de Minas Gerais, ao qual este estudo está filiado, foram realizadas algumas investigações para elucidar o alcoolismo em categorias profissionais específicas como: trabalhadores da construção civil (TENAGLIA, 2004; SILVA, 2006); policiais militares (GISCHEWSKI, 2004; NOGUEIRA, 2005); motoristas profissionais (SILVA, 2004; PORTES, 2006) e garis da limpeza urbana (OLIVEIRA, 2004; MURTA, 2007). Tais estudos indicaram que, tanto a organização do trabalho quanto suas condições, podem gerar danos à saúde do indivíduo e culminar em diversas formas de sofrimento físico e psíquico.

A presente pesquisa originou-se de um estudo realizado com os dados de 3.912 prontuários de pacientes psiquiátricos internados na cidade de Barbacena - MG. Tal estudo revelou evidências epidemiológicas que sugerem a relação entre a exposição de trabalhadores a certas formas de organização do trabalho e o desenvolvimento de distúrbios psíquicos específicos - incluindo quadros de dependência química como o uso abusivo do álcool (LIMA, 2004).

Dentre as várias atividades profissionais pesquisadas por esse estudo, a atividade de mecânico estava presente. A análise probabilística dos distúrbios mentais relacionados ao uso de álcool indicou que “As chances de os profissionais pertencentes à categoria ‘Mecânico’ apresentarem transtornos mentais pelo uso de álcool é de **1,97 vez** (*sic*) as chances de outros profissionais apresentarem os mesmos problemas.” (*ibid*, p.149).

Mesmo com tal incidência de alcoolismo identificada entre os mecânicos, não encontramos, até o momento, nenhum estudo que contemplasse tal categoria profissional. O presente estudo consiste na primeira tentativa do Núcleo de Pesquisa em Saúde Mental & Trabalho da UFMG em analisar a atividade de trabalho dos mecânicos de manutenção de veículos. Para isso, investigamos os mecânicos de manutenção de veículos da Empresa K, uma empresa pública que atua no ramo de limpeza urbana na cidade de Belo Horizonte - MG.

Buscamos investigar os potenciais fatores de sofrimento no trabalho e os possíveis mediadores existentes entre o exercício da atividade de tais profissionais e o uso abusivo de álcool, assim como as repercussões de tais fatores na vida dos trabalhadores. Objetivamos também entender o uso funcional do álcool por esses mecânicos de manutenção a fim de poder oferecer subsídios para novos trabalhos, pesquisas e intervenções na área.

O conceito de funcionalidade do álcool vem sendo construído a partir de diversos estudos desenvolvidos pelo Núcleo de Pesquisa em Saúde Mental & Trabalho da UFMG. Como já exposto, as categorias profissionais que apresentaram significância estatística para transtornos mentais relacionados ao alcoolismo no estudo de Lima (2004) estão sendo investigadas para entender como o uso do álcool pode auxiliar os trabalhadores a lidarem melhor com as exigências do seu trabalho.

Até o presente momento, em todas as categorias profissionais estudadas, constatou-se que em algum momento o uso funcional do álcool deixa de ser um recurso dos sujeitos para o enfrentamento das dificuldades vivenciadas na vida e no trabalho, passando a ser disfuncional, configurando-se como um dificultador e/ou mais um problema a ser resolvido, como por exemplo, o quadro de alcoolismo. Para uma discussão mais aprofundada sobre a temática da funcionalidade do uso do álcool, indicamos o trabalho de Silva (2006).

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Poltzer (2004) indicou que, para a Psicologia produzir um conhecimento efetivo, levando em consideração os aspectos objetivos e subjetivos do ser humano, deve incorporar no seu método o que a Psicologia Concreta denomina “drama humano”, isto é, deve considerar o ser humano nas suas condições reais de vida e trabalho. Tal perspectiva, orientada pelo materialismo histórico, busca entender o coletivo e o singular, ela se realiza somente após o contato com os elementos concretos do “drama”, ou seja, o homem em suas condições efetivas de existência.

De acordo com Minayo (2004), os métodos de abordagem qualitativa são aqueles que permitem incorporar a questão do significado e da intencionalidade dos sujeitos como

inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo estas últimas consideradas como construções humanas históricas.

Para a realização das análises referentes ao fenômeno do alcoolismo³ e suas relações com o trabalho, devido à complexidade e extensão da temática, optamos pela construção de dois estudos de caso. Adotamos tal abordagem qualitativa, buscando estudar e resgatar as experiências e as repercussões psicológicas dessa atividade sobre os indivíduos.

Para a construção dos estudos de caso, foram utilizados diversos instrumentos disponíveis, tais como: observações de campo, entrevistas individuais e análise de outras fontes relacionadas à temática estudada (documentos oficiais, estatísticas, etc). Esses instrumentos foram utilizados na tentativa de construir uma triangulação que permitisse estudar a atividade real de trabalho e resgatar a experiência vivida pelos pesquisados, assim como as repercussões psicológicas de tais vivências.

Segundo Yin (2005), os estudos de caso que utilizam essa triangulação, buscando associar diversas fontes de informações, ganham em riqueza de detalhes e possibilidade de entendimento da manifestação de um dado fenômeno. Sabemos que a escolha desse método “perde” em capacidade de generalização dos seus resultados. No entanto, como nosso estudo possui um caráter exploratório e se propunha voltar ao campo para buscar novas categorias de análise que auxiliassem na compreensão dos quadros de alcoolismo associados ao trabalho, optamos pelo método de estudo de caso que “ganha” em possibilidade de aprofundamento, o que é essencial para o alcance dos nossos objetivos. Além disso, o estudo de caso é um método já utilizado e consagrado com bons resultados por outros teóricos, devido à sua grande capacidade de descrição, exploração e compreensão de um determinado fenômeno (LE GUILLANT, 1984/2006a; LAURELL e NORIEGA, 1989; SELIGMANN-SILVA, 1992; BECKER, 1997; LIMA, ASSUNÇÃO e FRANCISCO, 2002; GOLDENBERG, 2005).

Becker (1997) acrescenta que as pesquisas que utilizam o método de estudo de caso supõem ser possível adquirir conhecimentos por meio da “exploração intensa” de um caso

³ O termo alcoolismo não é mais utilizado em sistemas classificatórios e definições da literatura médica, entretanto, seu uso rotineiro continua sendo utilizado tanto pela população leiga quanto pelos especialistas no assunto. Por essa familiaridade, ao longo desse estudo daremos preferência ao termo alcoolismo que será utilizado, em sentido genérico, para descrever os danos à saúde de uma pessoa, ou as perturbações sociais e/ou familiares, causadas pelo uso do álcool, sejam esses danos crônicos ou agudos. O termo terá significado equivalente ao de Síndrome de Dependência Alcoólica ou da Síndrome da Dependência do Alcool.

único e que tal método possuiria uma dupla finalidade: a “compreensão abrangente” do grupo em estudo e o desenvolvimento de compreensões teóricas mais gerais sobre a regularidade dos processos e das estruturas sociais.

A entrevista é um procedimento muito usual no trabalho de campo realizado pelas ciências humanas por permitir ao pesquisador obter uma gama de informações contidas nas falas dos atores sociais. Um fator relevante para o uso da entrevista como técnica de investigação científica encontra-se no fato de que ela permite, através da fala, a revelação de dados objetivos e subjetivos, tais como: condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos. As narrativas construídas na relação entre entrevistador/entrevistado podem ir além do indivíduo e transmitir as representações de um grupo sob certas condições históricas, sócio-econômicas e culturais. Quanto à representatividade da fala individual - para compreender e generalizar as descobertas para um contexto mais amplo - devemos lembrar que a fala de um sujeito representa, em grande medida, a fala de muitos porque ele está submetido a um conjunto de normas comuns a seus pares (MINAYO, 2004).

Recentemente, alguns autores (LIMA, 1997 e 2002b; JACQUES e CODO, 2002; JACQUES, 2003) têm discutido como são amplas as questões teóricas, metodológicas e práticas, bem como a grande dimensão dos equívocos teóricos e metodológicos relacionados às práticas no campo da Saúde Mental e Trabalho (SM & T). Este é um amplo debate que não poderemos abordar aqui, pelas restrições temáticas que se impõem neste estudo. No entanto, para melhor contextualizar nossos aportes teóricos e metodológicos, consideramos essencial registrar aqui nossa adesão à escola francesa de Psicopatologia do Trabalho inspirada e desenvolvida a partir das reflexões de Louis Le Guillant (1984/2006a) e de outros autores recentes como Lima (2004) e Clot (2006). Apresentaremos aqui apenas algumas considerações sobre o método proposto por Le Guillant. Para mais detalhes sobre essa contextualização histórica, indicamos a leitura dos trabalhos de Billiard (1996) e Lima (1998), que fazem uma apresentação das origens e desdobramentos da Psicopatologia do Trabalho na França.

Conforme indicado por Lima (2006), Louis Le Guillant desenvolveu uma série de estudos que buscavam entender e explicar o papel do meio na gênese ou no desaparecimento dos transtornos mentais. Ele entendia que o trabalho, por ser a atividade humana por excelência, exercia um papel prioritário na manutenção da saúde ou no adoecimento do ser humano. Devemos ressaltar que em nenhum momento esse autor negligencia as dimensões orgânicas

ou psíquicas presentes no adoecimento humano, mas adota a primazia das condições concretas do meio sobre tais dimensões.

Em seus trabalhos, Le Guillant (1984/2006a) propunha o desenvolvimento de uma abordagem que permitisse demonstrar a existência de uma relação entre as condições de vida e de trabalho e a gênese de determinados distúrbios mentais. Ele propôs a integração da trajetória pessoal e profissional dos pacientes com as condições mais gerais presentes no meio social mais amplo.

O método biográfico, que se originou dessa busca de Le Guillant, tenta fazer um minucioso levantamento da história dos pacientes, permitindo aprofundar o entendimento dos quadros de adoecimento, em especial daqueles que se relacionam às condições de trabalho, por permitir resgatar a trajetória pessoal e as condições concretas em que se instalaram ou agravaram os sintomas manifestos. Tal método permite rastrear melhor os nexos entre as condições de vida (e de trabalho) e o adoecimento, sendo por este motivo, adotado por nós no presente estudo.

Dando seqüência às idéias e descobertas de Le Guillant, Lima (2002b) propôs um método para pesquisa e intervenção na área de SM & T. Tal autora aponta como alternativa para o estudo da atividade dos trabalhadores, uma abordagem que busca conciliar os conhecimentos da Ergonomia e da Psicossociologia do Trabalho:

[...] nossa abordagem se inicia pelo resgate das situações reais de trabalho, sempre que possível, através da Análise Ergonômica do Trabalho (AET). O que propomos é que esta análise represente o ponto de partida de um processo que visa, fundamentalmente, o acesso às vivências subjetivas e intersubjetivas (além, é claro, de sua objetivação), através do que chamamos Análise Psicossocial do Trabalho (APT). [...] essas duas análises se complementam: enquanto a análise psicossocial enfoca especialmente a interioridade dos indivíduos, a análise ergonômica tenta compreender o espaço social onde esta se exterioriza. Temos constatado que, somente através do 'ir e vir' entre esses dois momentos, isto é, entre os discursos dos trabalhadores (extraído a partir da APT) e a análise de sua atividade (realizada através da AET) é que nos aproximamos de uma efetiva compreensão das possíveis articulações entre a saúde mental e trabalho. (*ibid*, p. 78-79)

Com tal proposta, a autora pretende assegurar que a centralidade do trabalho seja respeitada nas investigações na área de SM & T. Outro objetivo é não cair em vieses gerados pelos antagonismos subjetivismo *versus* objetivismo ou psicologismos *versus* sociologismos, posturas extremamente recorrentes nas atuais práticas de pesquisa e intervenção na área de SM & T (além de bastante comuns em outras áreas da Psicologia). Tais críticas, levantadas,

inicialmente, por Georges Politzer (2004) e discutidas pela autora em outras ocasiões (LIMA, 1997 e 2002b), visam resgatar a “Psicologia concreta” proposta por Politzer (*ibid*) e efetivamente permitir uma constante articulação entre objetividade e subjetividade na compreensão dos fenômenos de saúde e adoecimento no trabalho.

Seguindo as idéias politzerianas, buscamos, nos primeiros contatos com o objeto de pesquisa, não formular hipóteses e especulações vazias, tentando “encaixar” a realidade em teorias pré-concebidas, por entendermos que a teoria não deve ser construída antes do contato com a realidade. Sabemos que tal postura é um exercício constante, e árduo, que exige não sobrepormos nossas impressões e arcabouços teóricos ao objeto antes de apreendê-lo na sua lógica específica. Para tanto, nossa aproximação dos sujeitos da pesquisa buscou caminhos que permitissem que eles revelassem sua lógica própria. Como afirma Lima (2002a), essa escolha não depende das preferências ou caprichos do pesquisador, pois:

[...] ao propormos conhecer um dado objeto ou uma dada situação, devemos, antes de tudo, dirigir nosso olhar em sua direção, tentando deixar de lado qualquer idéia apriorística que possamos ter a seu respeito. Ou seja, em vez de impormos nossa lógica a esse objeto, devemos tentar desvendar sua própria lógica. [...] somente após decifrá-lo e conhecê-lo em todos os seus matizes é que estaremos efetivamente da posse de um método. Portanto, é o próprio objeto que nos fornece o caminho para conhecê-lo e decifrá-lo [...]. (p. 125)

Desta forma, entendemos que a posse do método acontece em outro momento, e nunca antes do contato com o objeto. De acordo com Codo (2002), os pesquisadores em SM & T devem estar atentos e “aprender que o método adequado para investigação é uma imposição do fenômeno a ser investigado, ao qual o pesquisador deve se submeter” (p. 185).

No que concerne à coleta e tratamento dos dados propriamente ditos, inicialmente, foram realizadas algumas observações de campo no local de trabalho dos mecânicos. Nessa primeira fase, além das observações, tivemos algumas “conversas informais” com os trabalhadores do Departamento de Manutenção de Veículos (DMV) da Empresa K, com o objetivo de entender melhor sua dinâmica e a realização cotidiana de suas atividades. É importante ressaltar que, embora inicialmente pretendêssemos utilizar o método proposto por Lima (2002b), priorizamos a Análise Psicossociológica do Trabalho, uma vez que a Análise Ergonômica do Trabalho foi inviabilizada devido a um grande atraso da Empresa K em liberar a autorização para realizarmos o presente estudo.

Em seguida, realizamos as entrevistas semi-estruturadas que serviram de base para a construção dos estudos de caso, tais entrevistas ocorreram na sala de atendimento psicológico do Setor de Psicologia da Empresa K. Após as explicações sobre os objetivos da pesquisa e as questões referentes ao sigilo das informações prestadas aos pesquisadores⁴, foram realizadas entrevistas em profundidade com três trabalhadores dessa empresa, o que nos permitiu a categorização dos dados apresentados neste estudo. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Em seguida, foi realizada a classificação dos dados por meio das categorias que surgiram nas falas dos trabalhadores, um processo que Gomes (1994) descreve como “sucessivos aprofundamentos” entre a base teórica do pesquisador e os resultados por ele obtidos em campo.

Nossa entrada no campo foi facilitada pelos Psicólogos da Empresa K que se mostraram inteiramente sensíveis e disponíveis para a realização do estudo. Os participantes da pesquisa chegaram até nós por meio de indicações realizadas pelos profissionais do Setor de Psicologia da referida empresa. Todos haviam participado (ou ainda participam) do Programa de Prevenção ao Abuso de Álcool⁵ (PPAA) - uma das ações da política de redução de danos e do consumo de álcool no ambiente de trabalho desenvolvida, desde setembro de 1995, pelo Setor de Psicologia da Empresa K.

Cabe ressaltar que, embora tenham sido realizadas entrevistas em profundidade com três trabalhadores do setor de mecânica, basearemos nossas discussões praticamente nos depoimentos de dois desses mecânicos (Rafael e Márcio). Utilizamos também informações advindas de relatos de outros trabalhadores pertencentes a diferentes categorias (mecânicos, encarregados e engenheiros) do DMV. Alguns desses relatos foram obtidos na fase de observações de campo por meio de “conversas informais ao pé do caminhão” ou nos demais locais de trabalho. Tal configuração se deu devido ao limitado tempo para execução desse estudo, não havendo tempo hábil para a construção do terceiro estudo de caso. Porém, as contribuições trazidas por esse terceiro entrevistado, bem como as dos outros trabalhadores do DMV, foram acrescentadas em nosso estudo para elucidar algumas de nossas discussões.

⁴ Algumas entrevistas com os trabalhadores foram realizadas pelas acadêmicas do curso de Psicologia Eloísa Yuri Hirono Rugani e Gislaine Gandra.

⁵ Não detalharemos aqui a política de redução de danos e do consumo de álcool no ambiente de trabalho que fundamenta o PPAA. Para maiores informações, sugerimos o trabalho de Murta (2007).

Os critérios adotados por nós para a escolha dos participantes seguiu a seguinte ordem: trabalhadores que haviam feito comentários/queixas sobre o uso do álcool durante a fase inicial de observação do campo; trabalhadores que participam (ou participaram) do PPAA, pois dessa forma teríamos um quadro de alcoolismo no trabalho “identificado oficialmente” pela instituição na qual trabalham⁶; indicação dos profissionais do Setor de Psicologia da empresa e, por fim, o interesse e a disponibilidade dos sujeitos após o convite para a participação no presente estudo.

No próximo capítulo apresentaremos alguns elementos sobre o extenso debate em torno da temática do alcoolismo e suas relações e implicações no ambiente de trabalho. Também será apresentada uma revisão das diversas abordagens psicológicas sobre o fenômeno do alcoolismo. No entanto, apresentaremos primeiro uma breve contextualização do campo de pesquisa.

1.2 O CAMPO DE PESQUISA

Para apresentarmos a Empresa K, faz-se necessário expor primeiro a legislação que regulamenta o descarte de resíduos sólidos (lixo) e seus impactos no meio ambiente. Essa legislação foi implementada principalmente pela Política Nacional do Meio Ambiente, criada pela Lei federal nº 6.938 (BRASIL, 1981) que estabelece a organização do SISNAMA (Sistema Nacional do Meio Ambiente) - cujo objetivo é o estabelecimento de padrões que tornem possível o desenvolvimento sustentável, através de mecanismos e instrumentos capazes de conferir maior proteção ao meio ambiente⁷.

⁶ O critério de existir um quadro de alcoolismo no trabalho “identificado oficialmente” pela instituição é importante porque os integrantes do PPAA iniciam sua participação no programa por meio de uma solicitação oficial de seus encarregados do Departamento de Manutenção de Veículos. Tal procedimento é realizado através de uma comunicação interna endereçada ao Setor de Psicologia. Esta estratégia de tornar pública a questão do alcoolismo dentro da Empresa K está de acordo com as políticas de redução de danos existentes em diversas instituições. Uma iniciativa que tem sido adotada pelas empresas para reduzir os altos custos humanos e materiais gerados pelo alcoolismo (MILAN e KETCHAM, 1986; HIRATA, 1991; CAMPANA, 1997; DUARTE, 2004).

⁷ A lei nº 6.938/81 teve impacto direto na implementação de políticas públicas direcionadas para mudanças de atitudes e elaboração de novas leis que determinam o gerenciamento adequado dos resíduos sólidos. As novas políticas de resíduos sólidos passaram a priorizar ações de redução, reciclagem e reaproveitamento/recuperação, contribuindo também para minimizar os impactos causados pela contaminação

Em Belo Horizonte, a Secretaria Municipal Adjunta de Meio Ambiente (SMAMA), representante regional do SISNAMA, coordena a elaboração e implementação das políticas ambientais e de saneamento no município, estando subordinada à Secretaria Municipal de Políticas Urbanas (SMURBE), que tem por finalidade definir e articular a implementação das políticas de desenvolvimento urbano e ambiental da capital mineira.

A Empresa K é uma autarquia municipal vinculada à Secretaria Municipal de Políticas Urbanas (SMURBE) e pertence à administração indireta do município. Sua finalidade é coordenar, elaborar e implementar as políticas de limpeza urbana, bem como prestar serviços relacionados à destinação final dos resíduos sólidos do município.

Segundo informações da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH), atualmente, a Empresa K atende a 95% da população da capital com os serviços de coleta domiciliar de lixo, varrição de vias e capina de passeios, canteiros centrais e faixas de rolamento. Ainda de acordo com dados da PBH, esses números fazem com que tal Empresa seja um dos órgãos da Prefeitura de Belo Horizonte mais bem avaliados pela população (PBH, 2008).

Ao longo da última década, a Empresa K tem passado por uma série de mudanças organizacionais. Atendendo ao planejamento estratégico traçado pela PBH, terceirizou vários trechos de coleta de lixo, com exceção da coleta de resíduos hospitalares. Esta medida está alinhada com uma série de mudanças trazidas pela globalização da economia.

Segundo Almeida (1999), a opção pela terceirização “tem se mostrado uma tendência crescente, nos últimos anos, nas organizações de todo o mundo, apresentando-se como uma prática eficiente para introduzir a flexibilidade organizacional exigida pelos padrões de competitividade” (p. 18). Tal prática atinge não apenas a estrutura produtiva, mas também a própria configuração legal da segurança laboral em âmbito nacional.

Percebe-se que várias empresas terceirizam e distribuem tarefas para obter, desta forma, resultados econômicos mais satisfatórios. No entanto, em economias menos desenvolvidas como a do nosso país, a terceirização trouxe, junto com seus “benefícios econômicos”, condições precárias de trabalho, desqualificação profissional, baixos salários e falta de

dos recursos hídricos, do ar e do solo, e diminuindo os riscos à saúde e qualidade de vida da população. O Estado brasileiro passa, então, a ter a função regulamentadora e fiscalizadora sobre as atividades que causam ou podem causar danos ambientais, cabendo aos municípios o estabelecimento de regras que disciplinam as questões ambientais.

perspectiva profissional, bem como o agravamento do quadro de acidentes do trabalho (MINAYO-GOMEZ e THEDIM-COSTA, 1997).

Essas mudanças administrativas tiveram impacto direto no Departamento de Manutenção de Veículos (DMV) da Empresa K, pois a frota de veículos da empresa (e, conseqüentemente, os reparos) tem diminuído consideravelmente. Deste modo, o DMV “perdeu status” dentro da empresa, deixando de ser um setor fundamental e tornando-se um Departamento, pois, hierarquicamente, no organograma da Empresa K, os Departamentos estão subordinados aos Setores.

Em várias falas dos trabalhadores do DMV, percebemos que, com as mudanças, eles se sentiram menos importantes e valorizados pela Empresa K:

Antes, a mecânica era o coração dessa empresa! Se a gente parava, a empresa toda parava! Hoje, com os trechos terceirizados, tem menos caminhão para reparar e eles não ligam mais para a gente! (Ricardo⁸ - mecânico de manutenção de veículos da Empresa K).

Outro reflexo dessas mudanças foi a diminuição do número de mecânicos na empresa, pois, como a frota ficou reduzida, a empresa não tem contratado novos mecânicos. Na fase das observações de campo, o DMV contava com 22 empregados desempenhando a função de mecânica de manutenção de veículos; há dez anos, eram 85 trabalhadores. Alguns serviços mecânicos (como retífica de motores, troca ou remanufatura de molas de suspensão, etc) também tem sido terceirizados pelo DMV.

Durante a fase de observação de campo, também levantamos algumas informações sobre o DMV e que permitem uma melhor contextualização do nosso estudo. Há aproximadamente 10 anos, a chefia do DMV instituiu um sistema de “equipes de trabalho”, dividindo o efetivo de trabalhadores em duas equipes (azul e vermelha), de forma que cada uma ficaria responsável pela manutenção de metade da frota.

Segundo relatos da chefia, tal sistema foi implementado com o intuito de diminuir o número de reparos nas máquinas, buscando agilizar também o processo de manutenção, pois, cada equipe conheceria melhor “suas máquinas”, podendo assim, iniciar uma manutenção preventiva cada vez que o veículo retornasse ao DMV.

⁸ Nome fictício.

Para o encarregado do DMV, o não funcionamento das equipes, além de trazer problemas por “não ser nunca possível desafogar o sistema para realizar a manutenção preventiva dos veículos”, também gerou um “mal estar” entre os mecânicos e a chefia. Quando um mecânico de uma determinada equipe era designado pela chefia para fazer um reparo em um veículo da outra equipe (atendendo a uma solicitação de “liberar rápido o caminhão” para a chefia), ele ficava duplamente incomodado: por avaliar que estava sendo “lesado” - pois quando ele e sua equipe trabalhavam rápido não podiam diminuir o ritmo e desfrutar do tempo ganho pelo grupo - e também por se sentir “punido”, ao ser obrigado a fazer o serviço da outra equipe.

Ainda de acordo com o encarregado do Departamento, a principal causa do não funcionamento das equipes seria a imprevisibilidade quanto ao número de veículos que chegam à oficina. Em nossas observações de campo, constatamos que no período da manhã há um movimento considerado “tranquilo” pelos mecânicos, porém, ao final da tarde, aumenta o número de veículos que ingressa no Departamento. Devido a esse fluxo descontínuo, há uma dificuldade em dividir os funcionários entre os veículos e manter o esquema de equipes de trabalho funcionando adequadamente.

Ao entrevistarmos os engenheiros responsáveis pela parte técnica e operacional do Departamento, eles apontaram o problema das equipes de trabalho de uma forma diferente. Percebem-no como o resultado da conjunção de vários fatores, tais como: aposentadorias dos empregados - combinadas com não reposição de outros trabalhadores efetivos; diferenças nas competências e “falta de comportamentos pró-ativos” dos funcionários - que não foram levadas em consideração no momento da divisão das equipes; diferenças no nível de conhecimento técnico; dificuldade de definição, por parte da gerência, de critérios claros de prioridade para realização dos serviços de reparo; dificuldades de relacionamentos interpessoais entre os membros do Departamento.

Os mecânicos do Departamento, com quem desenvolvemos as entrevistas, consideraram que o funcionamento das equipes não foi possível devido aos mesmos motivos indicados pela chefia. Além disso, manifestaram um descontentamento ao afirmarem que seus superiores não possuem conhecimento prático sobre sua atividade profissional.

Constatamos também que em algumas edições do concurso público para o ingresso no DMV, não foi exigido, como pré-requisito, que o candidato tivesse um curso

profissionalizante na área de mecânica. Embora a maioria dos profissionais do Departamento tenha formação na área de mecânica, alguns funcionários foram deslocados de outras funções e/ou unidades da empresa e acabaram aprendendo o ofício através da prática.

Também percebemos que o DMV proporciona a possibilidade de formação profissional continuada por meio de cursos oferecidos pelas montadoras e fornecedoras de peças de veículos (normalmente, esses cursos de atualização são oferecidos a mecânicos da empresa que adquire veículos novos). No entanto, na prática, tais cursos têm um número de vagas pequeno e, atualmente, quase não são oferecidos para os mecânicos do DMV, pois, com a “terceirização da frota” de coleta de lixo, não foram adquiridos novos veículos pela empresa.

Outro ponto observado foi que o Departamento possui poucas informações sobre seu funcionamento. Atualmente, a gerência não é capaz de dimensionar com precisão as causas dos atrasos nas entregas dos serviços dos mecânicos. Também há uma escassez de informações referentes a peças utilizadas, tempo gasto em cada procedimento por funcionário, tempo de entrega das peças e serviços provenientes das empresas terceirizadas, critérios de prioridade na realização dos serviços, histórico da frota, etc.

A falta de sistematização de informações do DMV acarreta uma dificuldade em mensurar a relação entre demora de entrega de um serviço e a qualidade do mesmo, o que interfere, consideravelmente, no trabalho dos sujeitos desta pesquisa.

CAPÍTULO II

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ALCOOLISMO

O planeta seguinte era habitado por um bêbado. Esta visita foi muito curta, mas mergulhou o príncipezinho numa profunda melancolia.

_ Que fazes aí? perguntou ao bêbado, silenciosamente instalado diante de uma coleção de garrafas vazias e uma coleção de garrafas cheias.

_ Eu bebo, respondeu o bêbado, com ar lúgubre.

_ Por que é que bebes? perguntou-lhe o príncipezinho.

_ Para esquecer, respondeu o beberrão.

_ Esquecer o quê? indagou o príncipezinho, que já começava a sentir pena.

_ Esquecer que eu tenho vergonha, confessou o bêbado, baixando a cabeça.

_ Vergonha de quê? investigou o príncipezinho, que desejava socorrê-lo.

_ Vergonha de beber! concluiu o beberrão, encerrando-se definitivamente no seu silêncio.

E o príncipezinho foi-se embora, perplexo.

As pessoas grandes são decididamente muito bizarras, dizia de si para si, durante a viagem.

Antoine de Saint - Exupéry (1975, p. 44-45).

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO CONSUMO DE ÁLCOOL

De acordo com Fishman (1988), o álcool etílico ou etanol (daqui por diante chamado simplesmente de álcool) é a droga mais antiga que se tem registro. Existem evidências arqueológicas que indicam que há mais de oito mil anos a humanidade já fazia uso de bebidas alcoólicas.

A noção do álcool como uma substância divina, por exemplo, pode ser encontrada em diversos exemplos na mitologia. Inúmeras culturas ao longo da história utilizaram o estado de embriaguez em suas cerimônias e ritos religiosos, mas, desde épocas remotas, já existiam alertas contra os excessos:

Festas em honra dos deuses da agricultura no Egito e na Assíria incluíam bebedeiras coletivas que duravam diversos dias. Segundo os egípcios, o deus Osíris, que se encarnava nos faraós, teria ensinado os homens a cultivar a videira e a cevada para a fabricação de bebidas capazes de inspirar a alma dos homens

que as usassem com moderação. Mas os alertas contra os perigos do excesso do uso de álcool já constavam em antigos documentos dos povos da Antiguidade. A tumba de um faraó egípcio que morreu há aproximadamente cinco mil anos traz o mais antigo epitáfio de um alcoólatra: “Sua estada terrestre foi devastada pelo vinho e pela cerveja. O espírito lhe escapou antes que fosse chamado”. (FISHMAN, 1988, p. 14).

As bebidas alcoólicas são encontradas em quase todos os lugares do mundo e estão presentes em diversas épocas e culturas, participando ativamente do cotidiano das pessoas (FISHMAN, 1988; MASUR, 1991; BERTOLOTE, 1997; CEBRID, 2003; CARNEIRO, 2005; ROOM, BABOR e REHM, 2005).

Descrições de quadros secundários à intoxicação pelo álcool são também freqüentes em registros que remontam à Antigüidade, sendo que as leis que tentavam controlar o consumo excessivo de álcool são conhecidas desde idades remotas. No Antigo Testamento da Bíblia Sagrada, existem citações que condenam a embriaguez, mas não condenam o uso do álcool. Em uma passagem, por exemplo, Noé plantou vinha e fez o vinho, após o dilúvio. Fez uso da bebida a ponto de se embriagar (Bíblia Sagrada, Gênesis 9, 21).

Nota-se que não apenas o uso de álcool, mas também a embriaguez, são aspectos que acompanham a humanidade desde seus primórdios. O Islamismo, apesar de já ter sido mais tolerante em relação ao uso de drogas, tinha a bebida alcoólica como a única proibida por Maomé. Já o ópio e o cânhamo eram utilizados com freqüência (CARNEIRO, 2005).

Na Idade Moderna, o fim do século XVIII e o início da Revolução Industrial são acompanhados de mudanças demográficas e de comportamentos sociais na Europa, contribuindo para um maior consumo e, conseqüentemente, gerando aumento no número de pessoas que passaram a apresentar algum tipo de problema decorrente do uso excessivo de álcool. É durante este período que o uso excessivo de bebida passa a ser visto por alguns como uma doença ou desordem (CEBRID, 2003).

Durante os séculos XIX e XX, alguns países passam a estabelecer a maioria de 18 anos para o consumo de álcool. Nos Estados Unidos da América, em janeiro de 1920, foi estabelecida a “Lei Seca” que teve duração de quase 12 anos. Inspirada num modelo moralista, a “Lei Seca” proibia o consumo, fabricação, venda ou transporte/distribuição, exportação/importação, posse ou troca de bebidas alcoólicas. Tal lei foi considerada um desastre para a Saúde Pública e para a economia norte-americana, pois estabelecia uma proibição oficial de venda e uso de bebidas alcoólicas, sem ter havido uma real abolição do

uso do álcool pela população, o que incentivou o contrabando de tais mercadorias (MASUR, 1991; PACHECO, 1998).

Segundo Silveira (1980), a palavra álcool é de origem árabe e etimologicamente pode ser entendida (ou traduzida) como “coisa sutil ou enganadora”. Dentre as substâncias psicoativas⁹, o álcool é tido como ambíguo nos seus efeitos, pois em pequenas quantidades é um poderoso estimulante, já em grandes quantidades pode agir como um sedativo ou como uma substância tóxica para o corpo humano.

Outro elemento importante em relação ao consumo do álcool é que ele é a única substância psicoativa que pode ser considerada como “alimento”. Por ser rico em calorias, pode fornecer ao corpo humano energia para o metabolismo das células. No entanto, diferente de outros alimentos consumidos pelos seres humanos, tais calorias presentes no álcool são acompanhadas de quantidades desprezíveis de proteínas, vitaminas e sais minerais, contribuindo pouco (ou quase nada) para a nutrição de nossas células, por isso são chamadas de calorias vazias.

Ao fornecer energia ao corpo humano, as bebidas alcoólicas fazem com que as pessoas “percam a fome”. Essa capacidade de funcionar como “alimento”, aliado ao baixo preço de algumas bebidas alcoólicas (em especial a cachaça e a cerveja) ajudaria a entender porque o álcool é considerado como a “droga mais atraente” dentre as outras substâncias psicoativas (MASUR, 1991). Segundo Basílio & Garcia (2006), “frente à fome e à impossibilidade de acessar comida, a bebida alcoólica pode ser uma via de supressão momentânea da fome, mas não da superação da desnutrição [...]” (p. 105).

A disseminação do hábito de beber em nossa sociedade atual é tão grande que cada país possui sua “bebida nacional”: o saquê no Japão, o whisky na Escócia, a vodka na Rússia, a champagne na França ou o vinho em diversos países da Europa. No Brasil, a cachaça

⁹ De acordo com o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID, 2003), as substâncias psicoativas ou psicotrópicas são aquelas que possuem ação direta no Sistema Nervoso Central (SNC) do indivíduo que as utiliza. Tais substâncias (ou drogas) causam alterações da consciência, do humor, da cognição e outras funções cerebrais. As alterações causadas por estas substâncias variam de acordo com as características da pessoa que a usa, a substância utilizada e em que quantidade, o efeito que se espera do seu uso e a circunstância em que é consumida. A grosso modo, tais substâncias são classificadas em três categorias, de acordo com a atividade que exercem no SNC: 1) as depressoras da atividade do SNC, também chamadas de psicolépticos (tais como o álcool; soníferos ou hipnóticos; ansiolíticos; opiáceos ou narcóticos; inalantes ou solventes); 2) estimulantes da atividade do SNC, nomeadas de psicoanalépticos, noanalépticos, timolépticos (como a cocaína e os anorexígenos); 3) perturbadoras da atividade do SNC, chamadas de psicoticomiméticos, psicodélicos, alucinógenos, psicomamórficos (como a maconha; lírio; mescalina; LSD; “êxtase”).

(também chamada de “pinga”) possui o status de bebida nacional, sendo registrada como “legítimo produto brasileiro”. Essa preferência nacional foi constatada por Laranjeira (2007) ao verificar que, entre os diversos tipos de bebida destilada consumidas no Brasil, a cachaça é a mais consumida, tendo sido adotada por 66% dos sujeitos de uma pesquisa sobre o uso de bebidas destiladas.

Independente de sua nacionalidade ou das preferências étlicas, as bebidas alcoólicas são divididas, basicamente, em dois grandes grupos: bebidas fermentadas e destiladas. Essa divisão se justifica porque o álcool é uma substância obtida a partir dos processos de fermentação onde bactérias, ao se alimentarem do açúcar contido nos cereais, raízes e frutas, decompõem estes açúcares em água, gás carbônico e álcool. O segundo processo, a destilação, é realizado usando um alambique que destila as bebidas já existentes, obtendo outra ainda mais concentrada em teor de álcool (SILVEIRA, 1980). Temos como exemplos de bebidas destiladas a cachaça, o conhaque, o rum, a vodca ou o uísque, já a cerveja e o vinho são representantes das bebidas fermentadas.

Inicialmente, as bebidas tinham um baixo teor alcoólico, como o vinho e a cerveja, já que eram produzidas exclusivamente através do processo de fermentação. Com a criação do processo de destilação, levado à Europa pelos árabes na Idade Média, surgiram novos tipos de bebidas alcoólicas, que passaram a ser utilizadas em sua forma destilada e com o teor alcoólico mais concentrado (CEBRID, 2003).

Pela legislação brasileira, o álcool é considerado uma substância psicoativa lícita¹⁰, possuindo inclusive inúmeros anúncios publicitários divulgados nos principais meios de comunicação. Trata-se de uma das poucas substâncias psicotrópicas que têm seu consumo admitido e até mesmo incentivado pela sociedade (CEBRID, 2003). Murad e Fortini (2002) afirmam que esses elementos explicariam a grande facilidade de acesso ao álcool, bem como também seriam os dois maiores fatores de risco que podem levar aos quadros de abuso ou dependência de bebidas: a aceitação social e a disponibilidade¹¹.

¹⁰ No que se refere à fabricação, distribuição/venda e uso das substâncias psicoativas, atualmente, a legislação brasileira classifica as substâncias psicoativas como lícitas (tais como o álcool, cigarro e diversos medicamentos) ou ilícitas (maconha, cocaína, heroína, LSD, "êxtase" etc).

¹¹ Entendemos que tal visão se mostra superficial e moralista ao afirmar que a grande disponibilidade do álcool seria o principal fator de risco (ou até mesmo o único) para desencadear ou desenvolver o quadro de alcoolismo. Tal posicionamento desconsidera, por exemplo, o alto consumo em épocas ou culturas onde o álcool foi (ou ainda é) proibido. Também ignora que milhões de pessoas não são alcoolistas, mesmo com essa disponibilidade de bebidas alcoólicas.

Segundo Neves (2004), beber é um ato social influenciado pelo contexto de valores, atitudes, normas, modos de classificação do tempo e concepções de realidade. Vários casos e situações demonstram a diversidade de modos sociais de ingestão de bebidas alcoólicas: com quem se bebe, maneiras de beber, características das bebidas, frequência e contexto. Cada sociedade tem seus padrões institucionalizados de uso das bebidas alcoólicas, as formas e modos de produção, de motivos e de oportunidades construídas para o ato social de alcoolização.

2.2 A EVOLUÇÃO DO CONCEITO E OS MODELOS EXPLICATIVOS

Embora o ato de beber seja comum em diversas épocas e culturas da humanidade, a abordagem da dependência de álcool como doença só ocorreu recentemente. Os alcoolistas existem desde as épocas mais remotas, conseqüentemente, ao longo do tempo foram elaborados vários modelos explicativos para o alcoolismo, modelos esses que estão inteiramente associados ao contexto sócio-histórico da época em que foram formulados.

A expressão embriaguez também tem origens muito remotas. Por vezes, foi associada a experiências religiosas e da esfera do sagrado, em outros momentos, estava ligada a experiências hedonistas praticadas pela humanidade através de diversas substâncias psicoativas (CARNEIRO, 2005; PEÑA-ALFARO, 1993).

2.2.1 O modelo moral

Esse modelo foi uma das primeiras tentativas para explicar o uso e a dependência do álcool. A visão moralista, inspirada em modelos religiosos, postulava que a dependência do álcool era um vício que se devia a um desvio de caráter. No século XIX, o alcoolismo foi visto como defeito moral, proveniente da fraqueza da personalidade ou do espírito da pessoa que não conseguia controlar seus impulsos.

Os elementos que embasam esta idéia foram construídos nos séculos anteriores. A literatura norte-americana sobre dependência de álcool nos séculos XVII e XVIII acreditava que as

peessoas bebiam apenas por sua vontade e que não havia nelas propriamente uma patologia ou uma compulsão pela bebida. Durante este período, o conceito de dependência do álcool foi visto como uma alteração da vontade e não como uma doença. As pessoas que abusavam do álcool seriam aquelas que não conseguiriam controlar suas ações, cedendo às tentações (MASUR, 1991; PACHECO, 1998; NASSIF, 2002).

2.2.2 O modelo médico

O termo alcoolismo crônico foi usado pela primeira vez pelo médico sueco Magnus Huss, em 1854, para designar o uso abusivo de bebidas alcoólicas e suas conseqüências sociais, assim como os sintomas e os sinais patológicos físicos e psíquicos apresentados pelo alcoolista. Huss dedicou-se a entender a etiologia do alcoolismo e devotou grande parte dos seus estudos a considerações psicológicas sobre a gênese do alcoolismo (SILVEIRA, 1980).

Somente no século XX, com o maior envolvimento da comunidade científica nas questões relativas ao alcoolismo, impulsionado especialmente pela classe médica da Europa e dos Estados Unidos da América, observou-se o desenvolvimento de novas pesquisas científicas que deram início a um novo modelo explicativo, que foi denominado de modelo médico. Este foi apresentado por Jellinek e seus colaboradores no final da década de 1940, nos Estados Unidos da América. Para Jellinek, o alcoolismo é considerado uma doença crônica e potencialmente fatal, estando subordinado aos mecanismos organicistas, onde os fatores fisiológicos relacionados ao consumo do álcool seriam geneticamente transmitidos (SILVA, 2003).

Ainda de acordo com Silva (2003), tal mudança foi decisiva para a elaboração de um conceito de adição ao álcool como entendemos hoje em dia. A mudança do enfoque moral do alcoolismo para uma concepção de doença propiciou ao dependente do álcool novas possibilidades de tratamento e suporte especializado, como requer qualquer outro adoecimento.

Por meio da evolução dos sistemas de classificação psiquiátrica, percebemos que a dependência de álcool sempre foi descrita ora como sintoma, ora como doença. No ano de 1952, com a primeira edição do Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais da

Associação Norte -Americana de Psiquiatria (DSM-I), o alcoolismo passou a ser tratado como doença. Já no ano de 1967, essa concepção de doença foi incorporada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) na oitava revisão da Classificação Internacional das Doenças (CID-8). Na nona revisão, em 1977, a OMS passa a adotar o termo “síndrome de dependência do álcool”, incluindo não apenas as manifestações orgânicas como também as psíquicas.

Na atual Classificação Internacional das Doenças (CID-10), a OMS classifica o alcoolismo crônico entre os transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de álcool. O quadro de Síndrome de Dependência Alcoólica (F 10.2) é descrito como um:

Conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após repetido consumo de uma substância psicoativa, tipicamente associado ao desejo poderoso de tomar a droga, à dificuldade de controlar o consumo, à utilização persistente apesar das suas conseqüências nefastas, a uma maior prioridade dada ao uso da droga em detrimento de outras atividades e obrigações, a um aumento da tolerância pela droga e por vezes, a um estado de abstinência física. (OMS, 2007b)

A mesma classificação propôs seis critérios de inclusão para que se possa diagnosticar alguém como portador da síndrome de dependência do álcool. Três ou mais dos seguintes critérios devem estar presentes na história do paciente durante algum tempo no último ano: a) uso persistente do álcool, mesmo que o usuário saiba dos danos hepáticos, neurológicos, físicos causados por esse uso; b) abandono progressivo de interesse e dedicação a atividades de lazer devido ao uso de álcool, aumento do tempo gasto para obter e consumir bebidas alcoólicas ou para recuperar-se de seus efeitos; c) presença de tolerância, sendo necessária uma dose muito alta de álcool para obter efeitos antes produzidos por doses pequenas; d) sinais e sintomas de abstinência quando o uso do álcool é interrompido ou diminuído; e) dificuldades para controlar o consumo de álcool quanto ao reinício, parada ou quantidade consumida; f) desejo intenso ou percepção de compulsão para beber (OMS, 2007b).

Existe também outro modelo explicativo para o uso e a dependência do álcool, chamado de modelo psicológico, que se subdivide em diferentes linhas teóricas dentro da Psicologia. Detalharemos, mais a frente, algumas dessas explicações psicológicas para o surgimento e manutenção do alcoolismo.

2.3 A BUSCA POR “UMA” ETIOLOGIA DO ALCOOLISMO

Ainda há uma grande polêmica sobre a(s) causa(s) ou a “origem” do alcoolismo, o que gera também controvérsias e, por sua vez, diversas teorias que tentam compreender tal questão.

2.3.1 As teorias biológicas

Para os pesquisadores que adotam explicações de ordem biológica, fatores como predisposição genética e hereditariedade são constantemente mencionadas como as prováveis causas que levariam ao consumo nocivo ou à dependência do álcool (FOWLER *et al.*, 2007; BALL, 2008).

Ao tentarem responder qual seria a etiologia do alcoolismo, as teorias biológicas partem do pressuposto básico de que o surgimento e o desenvolvimento do alcoolismo dependem de características biológicas inatas. Desta forma, haveria por parte dos alcoolistas uma vulnerabilidade inata ao desenvolvimento da dependência ao álcool. Diversos mecanismos fisiológicos, desencadeados pela ingestão do álcool, levariam essas pessoas a “perderem o controle” da quantidade de bebida que estão ingerindo (MASUR, 1991; FORMIGONI e MONTEIRO, 1997).

Como essa “perda de controle” não depende da vontade dos sujeitos, por estar subordinada apenas aos mecanismos fisiológicos disparados pelo consumo de álcool, o dependente do álcool ficaria “isento” do julgamento moralista que postula que o uso de bebidas alcoólicas é fruto de uma degradação moral ou da fraqueza de caráter do sujeito. As teorias biológicas passaram a perceber os alcoolistas como portadores de uma doença, a síndrome de dependência do álcool (MASUR, 1991; FORMIGONI e MONTEIRO, 1997).

Alguns estudos sobre as determinações genéticas do alcoolismo têm indicado que as diferenças biológicas entre os dependentes e não dependentes do álcool não implicam, necessariamente, em uma predisposição orgânica ao alcoolismo. Em geral, os fatores genéticos determinariam apenas uma capacidade diferenciada para metabolizar o álcool, determinando maior ou menor tolerância às bebidas alcoólicas (MASUR, 1991).

Formigoni e Monteiro (1997), ao analisarem as pesquisas que investigam as contribuições da genética para o desenvolvimento do alcoolismo, concluíram que: “Em síntese, o biológico daria a possibilidade de desenvolver a dependência de álcool, mas não a determinaria. Seria um dos fatores de vulnerabilidade” (p. 38).

Embora o comportamento de beber seja considerado um ato social, a maioria dos estudos sobre a ingestão de bebidas alcoólicas e, principalmente, sobre o alcoolismo, ainda estão focadas nas causas intra-individuais, sejam elas orgânicas ou psíquicas (FORMIGONI e MONTEIRO, 1997; NEVES, 2004). Em geral, esses estudos atribuem menor importância às normas culturais no estabelecimento dos quadros de alcoolismo.

2.3.2 As teorias sócio-culturais

Estudos sobre o alcoolismo realizados por cientistas sociais têm indicado que as influências socioculturais também podem ser consideradas como um fator de grande relevância na determinação do nível de ingestão de álcool. De acordo com Bertolote (1997), esses estudos são de fundamental importância, pois embora o alcoolismo não tenha deixado de ser considerado como uma doença, a dependência do álcool passou a ser entendida em uma perspectiva sócio-histórica. Com isso, alguns estudos passaram a dar maior ênfase na relevância do ambiente social no surgimento, manutenção e agravamento dos casos de alcoolismo.

Muitos elementos sociais parecem estar presentes na determinação do consumo do álcool, bem como no desenvolvimento da dependência. Dentre esses elementos, estariam incluídos a situação sócio-econômica, a profissão, a pressão de colegas, o gênero, o grau de instrução, o estado civil, a idade, a religião, a etnia, a nacionalidade, os padrões familiares e o grau de urbanização da região onde o sujeito reside (MASUR, 1991; BERTOLOTE, 1997; FORMIGONI e MONTEIRO, 1997; NEVES, 2004; OMS, 2004a).

Nos campos da Sociologia e da Psicologia social, as pesquisas enfocam com mais intensidade as condições circunstanciais, e não os elementos individuais, que influenciam as formas, a frequência e a quantidade de álcool consumida. Trata-se principalmente de fatores de risco localizados em padrões sócio-culturais tradicionais e situações sócio-econômicas. São estas as condições que admitem referência às causas do consumo e do uso

excessivo do álcool, bem como sua aceitação e tolerância pela comunidade (NEVES, 2004).

Formigoni e Monteiro (1997) indicam que fatores interpessoais, como a influência dos pares e o comportamento familiar, são importantes na determinação dos padrões de consumo das bebidas alcoólicas. Segundo essas autoras, há evidências de que as normas culturais em relação ao consumo de álcool têm um importante papel no desenvolvimento do alcoolismo. As culturas que ensinam suas crianças a beberem responsavelmente possuem menores taxas de uso nocivo do álcool em comparação às culturas que apenas proíbem suas crianças de consumir bebidas.

A pressão social para fazer uso de bebidas alcoólicas é um dos fatores de risco para o desenvolvimento do alcoolismo que não pode ser desconsiderado. Alguns indivíduos sucumbem a tal pressão como uma forma de aceitação ou reafirmação grupal, evitando, desta forma, ser excluído do grupo.

A diferença de gênero, presente nas taxas de consumo do álcool e nos quadros de alcoolismo, é um exemplo frequentemente citado pelos que preconizam as determinações socioculturais do alcoolismo. A maior frequência de homens alcoolistas em relação às mulheres é atribuída a fatores que extrapolam as diferenças biológicas na capacidade de metabolizar o álcool. Essa diferença tem sido atribuída a um duplo padrão moral imposto pela sociedade. Enquanto a embriaguez da mulher é menos aceita socialmente (ou até mesmo condenada), por representar uma quebra dos estereótipos femininos, para os homens, a embriaguez é uma das formas de reafirmação da masculinidade nas relações sociais. Em nossa sociedade hegemônica patriarcal, “saber beber” ainda é tido como uma “habilidade masculina” de grande valor (FORMIGONI e MONTEIRO, 1997; NEVES, 2004).

2.3.3 As teorias psicológicas

O modelo explicativo psicológico sugere outras explicações para o fenômeno do alcoolismo. De acordo com esse modelo, as influências psicológicas presentes na etiologia do alcoolismo incluem processos cognitivos (memória, atenção, pensamentos) e processos emocional-afetivos (sentimentos e atitudes). Cada corrente teórica dentro da Psicologia tem

focalizado, com maior ou menor ênfase, alguns desses processos para explicar a etiologia do alcoolismo, segundo seu referencial teórico.

Ao revisarem a produção científica no campo da alcoologia, Formigoni e Monteiro (1997) indicaram que os estudos no campo da psicologia concentram-se, preferencialmente, em traços da personalidade e suas variações. As mesmas autoras também constataram que a maioria das pesquisas sobre o alcoolismo são orientadas pelos referenciais teóricos oriundos dos campos da medicina, da psicologia e da biologia (em especial, pela área da genética), tanto para o comportamento de beber considerado normal, quanto nos casos de consumo abusivo e/ou dependência do álcool.

Com o intuito de classificar os fatores da personalidade que levariam uma pessoa ao alcoolismo, Alonso-Fernández (1978), enumerou os seguintes fatores: o freqüente sentimento de solidão; a repressão psicológica exercida sobre a própria personalidade (reprimir-se demasiadamente) e os sentimentos de desesperança e desconfiança das próprias capacidades, levando o sujeito a apresentar a convicção de que tudo que realizará estará condenado, antecipadamente, ao fracasso. Os alcoolistas seriam sujeitos dependentes, tímidos, inseguros e fugidios, com medo de tomar iniciativas e de assumir responsabilidades.

Ainda de acordo com Alonso-Fernández (*ibid*), o álcool funcionaria como um mecanismo de fuga, uma forma de “liberar” essas pessoas desses sentimentos de inadequação e repressões. No entanto, até o presente momento, não puderam ser identificados sinais, ou conjunto deles, capazes de determinar com exatidão o “desvio da personalidade” da pessoa em direção à dependência alcoólica (ALONSO-FERNÁNDEZ, 1978; REHFELDT, 1989; MASUR, 1991).

2.3.3.1 A abordagem cognitivo-comportamental

A abordagem cognitivo-comportamental tem como foco o comportamento do indivíduo, combinando intervenções cognitivas com treinamento de habilidades comportamentais. Tal abordagem focaliza sua atenção nas relações existentes entre o que uma pessoa pensa/avalia sobre si mesma e o contexto onde está inserida (componente cognitivo), e como tal pensamento/avaliação pode afetar sua maneira de agir (componente comportamental). Ela

conta com os seguintes pressupostos básicos: o comportamento humano pode ser modificado, a atividade cognitiva influencia o comportamento e o comportamento desejado pode ser alcançado mediante uma mudança cognitiva.

Ainda de acordo com tal abordagem, o ambiente influencia o indivíduo através de uma seqüência de estímulos-respostas desenvolvida ao longo da vida, de forma que o comportamento nada mais é do que o resultado de diversas aprendizagens. Os problemas enfrentados pelas pessoas seriam decorrentes de alguma aprendizagem inadequada, sendo que a solução dos mesmos estaria na reeducação sistemática do indivíduo para que esse (re)construa esquemas comportamentais mais funcionais. Trata-se de uma abordagem diretiva e pragmática, baseada na análise funcional do comportamento e com estratégias de reforço que visam à manutenção dos comportamentos desejados.

O modelo do comportamento adicto é outra proposição que tenta explicar a etiologia do alcoolismo, segundo o qual o comportamento desadaptativo de beber é aprendido, sendo passível de análise e modificação (KESSLER, DIEMEN e PECHANSKY, 2004). Segundo esse modelo, diversos fatores estariam envolvidos na aquisição e manutenção desse comportamento, tais como o histórico de reforçamentos anteriores, as crenças e expectativas sobre o efeito do álcool na diminuição da tensão, ansiedade ou estresse, bem como os fatores de aprendizagem social e modelagem. Ainda de acordo com esse modelo, embora o sujeito não seja responsável por seu comportamento adicto, possui um papel ativo na implementação de sua mudança.

Para os adeptos das abordagens comportamental-cognitivas, que compõem o modelo de comportamento adicto, um dos elementos envolvidos na drogadição seria a exposição a estímulos condicionantes. Esses estímulos podem ser fatores importantes no comportamento de consumir bebidas alcoólicas ou mesmo nas recaídas que podem acontecer depois de algum tipo de tratamento para acabar com a dependência do álcool.

Ao realizar estudos sobre a formação de hábitos, os psicólogos comportamentais perceberam que todos os comportamentos reforçados positivamente por uma recompensa agradável tendem a ser repetidos e, em seguida, aprendidos. As futuras e sucessivas repetições tendem a fixar não só o comportamento que conduz à recompensa, como também, podem fixar outros estímulos (como sensações e situações) associados a esse comportamento (MASUR, 1991; FORMIGONI e MONTEIRO, 1997; ABRAD, 2007).

Nesse sentido, são comuns os relatos dos usuários de drogas que associam pessoas, sons e lugares ao uso da droga.

De acordo com Formigoni e Monteiro (1997), para a abordagem comportamental-cognitiva algumas características psicológicas dos alcoolistas, como grande expectativa do “poder” de redução do estresse fornecido pelo álcool e das dificuldades para lidar com situações desagradáveis, aumentariam o risco do desenvolvimento da dependência. Isto porque:

Os dependentes de álcool seriam aqueles que aprenderam a lidar com alguns problemas existenciais através do álcool, ou melhor dito, através dos efeitos dessa droga. No dependente de álcool, o álcool adquiriria propriedades reforçadoras muito fortes que poderiam explicar a perda do controle (*ibid*, p. 39).

Formigoni e Monteiro (1997) complementam afirmando que as abordagens comportamental-cognitivas “encaram a dependência como um comportamento inadequado que foi adquirido, um hábito, que como tal é passível de análise e modificação” (*ibid*, p. 38). Tais autoras indicam ser de extrema relevância a análise dos “estímulos desencadeadores desse comportamento (situações de risco), os fatores que contribuem para a sua perpetuação (fatores de reforçamento) e a função do álcool na vida do indivíduo (por exemplo, redução da ansiedade, facilitação da interação social, etc)” (*ibid*, p. 39). Podendo ser acrescentadas, ainda, as motivações, expectativas e crenças a respeito dos efeitos do álcool, formadas anteriormente ao uso da substância.

Algumas pesquisas identificaram elementos importantes que podem estar envolvidos na falta de autocontrole para o consumo de drogas, bem como em outros padrões desadaptados de comportamentos que não estariam relacionados ao consumo de drogas, tais como comer ou fazer apostas compulsivamente. As falhas de regulação explicariam, em última instância, tais comportamentos compulsivos (ABRAD, 2007).

Um dos conceitos que tenta explicar as falhas de regulação e a falta de autocontrole nos casos de comportamentos compulsivos seria o processo de "sofrimento em espiral". De acordo com esse conceito, em alguns casos, uma primeira falha de autocontrole da pessoa levaria a um sofrimento emocional, sofrimento este que daria início a um ciclo de falhas repetidas de autocontrole, onde cada falha traz outros sentimentos negativos à pessoa, como por exemplo, os sentimentos de frustração e culpa. O “sofrimento em espiral” explicaria a desregulação progressiva do sistema cerebral de recompensas no contexto dos ciclos repetidos de adicção a droga (ABRAD, 2007).

Ainda de acordo com a teoria comportamental, um dos elementos psicológicos provavelmente implicados na manutenção da dependência química seria o grande desconforto trazido pela síndrome de abstinência. A forte sensação de mal estar causada por essa síndrome seria uma das bases explicativas para o uso compulsivo e continuado da drogas. Para evitar a síndrome de abstinência, o uso do álcool agiria como um reforçamento negativo para os usuários. Embora essa idéia da abstinência como facilitadora da manutenção da dependência seja motivo de grande discussão, existem evidências de que o desconforto gerado pela síndrome de abstinência pode favorecer o início do desenvolvimento de dependência, bem como contribuir para a vulnerabilidade à recaídas (ABRAD, 2007).

2.3.3.2 A abordagem sistêmica

Com início em meados do século XX, a teoria sistêmica tem origem interdisciplinar, com forte influência da cibernética e da física quântica - paradigma emergente que representou uma mudança na maneira de apreender o mundo. A partir deste novo paradigma, o universo passa a ser visto de maneira holística e ecológica, como uma teia dinâmica de eventos inter-relacionados.

O pensamento sistêmico não nega a racionalidade científica, mas acredita que ela, sozinha, não oferece parâmetros suficientes para o desenvolvimento humano, e por isto, deve ser desenvolvida conjuntamente com a subjetividade das artes e das diversas tradições espirituais (CARBONE, 2008; FILOMENO, 2002).

Do ponto de vista sistêmico, o alcoolismo pode ser entendido como um sintoma. Para essa abordagem, o sintoma de um membro da família é compreendido como um fenômeno relacional, apresentando uma clara função para o sistema em funcionamento. O sintoma não é considerado como o foco do problema, sendo um indicador de algo que não vai bem na família. Assim, o sintoma deixa de ser problema apenas para o indivíduo que o manifesta e se torna uma questão da família (FILOMENO, 2002; ORTH, 2005). O uso de drogas, entendido como um sintoma desse sistema, ao mesmo tempo em que o regula, também denuncia as dificuldades em enfrentar suas crises específicas (PENSO e SUDBRACK, 2004; ORTH, 2005).

Stanton e Todd¹² (1985 citado por ORTH, 2005), ao realizarem uma análise sistêmica do consumo de drogas em determinadas famílias, indicaram que há um padrão na forma como os usuários de drogas e suas famílias se comportam.

Com o uso da droga, os usuários encontrariam uma momentânea sensação de realização pessoal e poder. Tal sensação, em geral, não pode se sustentar dentro da família, já que esta necessita de seu fracasso para manter a sua estabilidade aparente. O efeito da droga provoca em seus usuários uma sensação semelhante ao apego encontrado na relação do adicto com sua mãe, por meio de uma forma de satisfação regressiva e infantil. No entanto, esta dependência também causaria uma angústia pelo processo de separação e de distanciamento desta relação com a mãe nos momentos em que ocorre o uso da droga. Em contrapartida, a família do usuário vivencia constantemente a sensação de abandono e de retorno da pessoa que está fazendo o uso da droga, sendo que esta ambivalência é neutralizada pela família com a alegação de que o dependente estava sob o efeito de drogas no momento em que se tornou agressivo (STANTON e TODD, *ibid*).

Também de acordo com Stanton e Todd (*ibid*), os adictos se tornam agressivos com a família, em especial os pais, numa tentativa de conseguir uma “pseudo-independência” em relação a ela. Tal independência não é completa, pois, em geral, eles normalmente retornam à família depois do uso da droga.

Outra possibilidade para se atingir a “pseudo-independência” está presente na mudança de lugares alcançado dentro da subcultura da droga, uma vez que o usuário pode construir um lugar de respeito dentro desta, à medida que vai criando novas amizades e, de certa maneira, se afastando fisicamente de sua família. Com esse processo, o usuário pode então ocupar um lugar dentro de sua família e, paralelamente, outro diferente fora dela. Estes dois lugares coexistem desde que este último (subcultura da droga) seja tolerado pelos familiares e não entre em conflito direto com o primeiro.

A partir de estudos em famílias com dependentes masculinos, Stanton e Todd (1985 citado por ORTH, 2005) também constataram que a figura materna mantém uma atitude superprotetora, apegada e permissiva com o dependente. Em contrapartida, os pais são

¹² STANTON, M. D.; TODD, Thomas C. (orgs.) **Terapia familiar del abuso y adicción a las drogas**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1985.

vistos como desapegados, ausentes e fracos, porém disciplinadores, rudes e incoerentes. Também sendo comum encontrar casos de alcoolismo entre os pais dessas famílias.

Já as usuárias mantêm com a mãe uma relação de concorrência e as percebem como figuras ao mesmo tempo superprotetoras e autoritárias. Os pais são vistos como sexualmente agressivos, incapazes e como alcoolistas. Os autores destacam que estes dados não podem ser completamente generalizados, pois em algumas famílias, por exemplo, é o pai quem o faz o papel da figura materna nas relações familiares. Em ambas as famílias, tanto entre usuários masculinos quanto femininos, na maioria dos casos há a ausência de um dos progenitores ou então dos dois, seja por separação ou por morte. O início do uso de drogas parece estar associado a esta perda ou então a de outra pessoa significativa. (STANTON e TODD, *ibid*).

Em um estudo transgeracional, fundamentado numa abordagem dinâmico-sistêmica, Penso e Sudbrack (2004) investigaram a função do uso de drogas na regulação do equilíbrio relacional da família. As autoras concluíram que algumas características foram comuns a todos os sujeitos estudados: a rejeição paterna; o abandono, em especial pela mãe; a tentativa de resgate do pai perdido, desconhecido ou excluído, especialmente pela identificação com o “lado negativo” destes pais: usuários de drogas, alcoolistas, boêmios, etc.

Rezende¹³ (1997 citado por ORTH, 2005), ao apresentar outros dados sistêmicos relacionados aos aspectos psicológicos e relacionais das famílias dos dependentes, identificou que tais famílias apresentariam também dificuldades de diferenciação, separação e individuação de seus membros, bem como conflitos na comunicação, relações simbióticas e grande rigidez nos papéis. Tais dificuldades familiares levariam seus membros a fazerem uso do álcool como forma de enfrentamento dos problemas familiares.

2.3.3.3 A abordagem existencialista

Buscando propiciar ao indivíduo uma maneira de ser autêntico e significativamente responsável por si próprio, o existencialismo focaliza a experiência da pessoa, as relações

¹³ REZENDE, M. M. **Curto-circuito familiar e drogas**: análise de relações familiares e suas implicações na farmacodependência. 2. ed. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1997.

interpessoais e os sentimentos da forma como são experienciados. A questão do “ser” é um ponto central para essa teoria. O “ser” se constitui na relação que estabelece no mundo a partir das interações que estabelece com as pessoas e com as coisas. Tornando-se consciente, a pessoa torna-se capaz de escolher e/ou organizar a própria existência de maneira significativa (YONTEF, 1998).

Ainda segundo Yontef (*ibid*, p. 18), “a visão existencial afirma que as pessoas estão infinitamente refazendo-se ou descobrindo a si mesmas. Não há nenhuma essência da natureza humana a ser descoberta de maneira ‘definitiva’. Sempre há novos horizontes, novos problemas e novas oportunidades”. Ou seja, o homem não será nunca ser absoluto e definitivo, pois ele se transforma a cada instante, está constantemente em processo de (re)construção.

Antes de apresentarmos a visão existencialista sobre o alcoolismo, faremos uma resumida explicação sobre o sentimento de perda de sentido da vida segundo essa teoria. Ao discorrer sobre a visão existencialista, Viktor Frankl (1990) afirma que o ser humano tem por objetivo realizar um sentido em sua vida e, ao cumprir tal objetivo, a auto-realização surgiria de forma espontânea. No entanto, essa busca de sentido pode ser frustrada, dando início ao sentimento de perda de sentido ou da razão de viver.

Ainda de acordo com Frankl (1990), há três formas de alcançar o sentido da vida: transformar a tragédia pessoal em triunfo; experimentar algo ou encontrar alguém e, por fim, realizar uma tarefa ou criar um trabalho. Devemos aqui destacar que o mesmo autor sinaliza que o trabalho, tanto pode ser uma fonte de realização para a pessoa (quando a atividade profissional está coerente com a realização concreta da missão de vida, sendo uma oportunidade de dar sentido à mesma), quanto pode ser uma fonte de adoecimento (quando ocorre a frustração existencial devido à sua falta de sentido).

Para algumas teorias de orientação existencialista, as explicações para a dependência de drogas, basicamente, estariam centradas na idéia de “vazio existencial”, em que uma pessoa experimenta um sentimento de grande falta de sentido na existência. Segundo Frankl (2006):

[...] o consumo de drogas é apenas um aspecto de um fenômeno de massa mais geral, a saber, o sentimento de falta de sentido que resulta de uma frustração das nossas necessidades existenciais – o que, por sua vez, se transformou num fenômeno universal das nossas sociedades industriais. (p. 120)

Frankl (1990) complementa afirmando que a “falta de sentido”, em si, não é a manifestação de uma patologia, mas uma prova da condição humana da pessoa. No entanto, essa “falta de sentido” pode se tornar potencialmente patológica quando associada a elementos socioeconômicos como o desemprego, por exemplo.

2.3.3.4 A abordagem psicanalítica

A psicanálise foi criada por Sigmund Freud no final do século XIX, a partir de suas experiências clínicas, e influenciada pelo trabalho do médico austríaco Josef Breuer (com quem desenvolveu os métodos hipnótico e catártico) e pelo pensamento filosófico de Platão e Schopenhauer (ESTEVAM, 1973).

Os estudos de Freud culminaram na criação da “Teoria da sexualidade”, a qual postula que a sexualidade humana se constitui precocemente, e não durante a vida adulta como se acreditava anteriormente. Tal constituição da sexualidade tem um efeito traumático no psiquismo humano e um papel fundamental na produção das neuroses (FREUD, 1905/1980a). Porém, a sexualidade em Freud não deve ser entendida em seu sentido restrito, mas em sua concepção mais ampla, ou seja, a sexualidade como manifestação do prazer no organismo (ESTEVAM, 1973).

De acordo com a abordagem psicanalítica, o homem não tem controle sobre sua própria subjetividade. O método de tal abordagem propõe o foco na investigação do inconsciente, onde se encontram elementos instintivos - que nunca foram conscientes - e o material reprimido, o qual não é permitido ser (re)lembrado. A psicanálise também postula que as experiências traumáticas da primeira infância determinam os conflitos atuais, motivo pelo qual Freud criou um método que tem por finalidade resgatar os traumas e choques sofridos em algum momento da vida, reprimidos no inconsciente (FADIMAN e FRAGER, 1986).

Embora na obra de Sigmund Freud não exista um artigo exclusivamente dedicado a questão do alcoolismo, o tema do uso de drogas - ou das “intoxicações” - foi abordado por ele em diversos momentos de sua obra (PACHECO, 1998).

As primeiras considerações de Freud sobre o alcoolismo estão em um de seus textos pré-psicanalíticos. Trata-se de um texto no qual o autor faz algumas observações relacionando o

alcoolismo à histeria - particularmente, a histeria masculina (FREUD, 1888/1980b). Nesta obra, Freud postula que a intoxicação pelo álcool pode ser um dos fatores desencadeadores da histeria aguda. No entanto, as perturbações psíquicas que surgem com o alcoolismo, resultariam das disposições psicopatológicas anteriores do sujeito. O álcool suspenderia a barreira do recalçamento, permitindo a aparição súbita do sintoma histérico.

Freud em “Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e históricas” (FREUD, 1893/1980c) diz que muitas das anestésias alcoólicas não passam de um sintoma histérico, elaborando então, o conceito de “paralisia funcional simbólica” e distinguindo as paralisias orgânicas das históricas. Na obra de Freud, encontramos também momentos em que ele faz referências ao “delírio de ciúmes alcoólico”. Em “A interpretação dos sonhos”, (FREUD, 1900/1980d) há referência a um sonho de um paciente alcoolista, onde algumas vozes acusavam sua esposa de infidelidade.

Ao escrever sobre a neurose de defesa, Freud (1896/1980e) mencionou que a compulsão de beber seria um exemplo de sintoma obsessivo de defesa. Estes sintomas secundários ocorrem quando a compulsão é transferida para a esfera motora. O alcoolismo, entendido como uma manifestação da compulsão para beber (dipsomania), estaria ligado à compulsão à repetição. Na “Carta 79” de Freud (1897/1980f), há uma correlação entre a masturbação (vício primário) e outros vícios, tais como o álcool, o tabaco e outros. Especificamente no caso do uso do álcool, na “Carta 55”, Freud (1897/1980g) aborda o alcoolismo em sua relação com a oralidade ao descrever o caso de dipsomania em um homem, relacionando esta compulsão com a manifestação de desejos proibidos, experimentados pela via oral.

No entanto, é na obra “O mal estar na civilização” que Freud (1930/1980h) apresenta sua mais extensa discussão sobre a utilização de substâncias tóxicas (incluindo o álcool). Ao analisar as conseqüências da vida civilizada, em que a cultura impõe inibições importantes às satisfações pulsionais, Freud conclui que a cultura restringe as chances de gozo do sujeito, o que gera sofrimento e decepções. Para lidar com este “mal estar na cultura”, o homem buscaria algumas satisfações substitutivas, como a arte, a atividade científica ou o uso de substâncias tóxicas para amortecer seu sofrimento.

Pacheco (1998), ao discorrer sobre “O mal estar na civilização”, indicou que os tóxicos podem ser uma saída eficiente para o mal estar do sujeito na contemporaneidade, apresentando-se como uma negação aos limites impostos pela vida. As “intoxicações”

seriam uma forma de tratar a impossibilidade da plena satisfação do sujeito, atuando como uma satisfação artificial e momentânea e poupando a pessoa de ter que buscar uma solução para seu conflito. Nesse sentido, a autora afirma que o uso de drogas seria:

[...] uma das formas mais rústicas (grosseiras), mas, ao mesmo tempo, mais eficazes de anestesiar os homens diante do fardo imposto pela vida em civilização. Trata-se de respostas técnicas que servem como meio para o manejo dos problemas colocados pela civilização. A vida em civilização exige renúncias pulsionais. Cada um, a seu modo, afirmará Freud, deve encontrar uma forma de estar a salvo na civilização. (*ibid*, p 106)

A mesma autora complementa a visão psicanalítica do alcoolismo estabelecendo uma diferença entre a abordagem freudiana e a perspectiva lacaniana sobre o fenômeno:

Lacan, por sua vez, vem assinalar como o ato de embriagar-se, ou de intoxicar-se é, antes de tudo, uma prevenção contra o desejo, já que o encontro com o desejo implica necessariamente um encontro com a castração, com a divisão subjetiva. Assim, ao mesmo tempo em que intoxicar-se implica o laço de um sujeito com um objeto privilegiado, ele implica também, uma tentativa do sujeito de rompimento com a condição desejante, e com a culpabilidade inerente a uma moral sexual civilizada, com mal-estar, enfim. (*ibid*, p. 110)

Devemos ressaltar que, atualmente, para a psicanálise o alcoolismo é percebido como uma “toxicomania”, sendo considerado como um sintoma e não como um quadro nosológico. Com isso, as toxicodependências seriam classificadas como “novas formas de sintoma” dos seres humanos contemporâneos, sintoma este que os tornariam resistentes ao trabalho de análise, pois o uso das substâncias psicoativas “calaria” o sujeito do inconsciente (SANTIAGO, 2001, p 30). Essas “novas formas de sintoma” também lançariam novas luzes à discussão dos laços sociais, uma vez que a “toxicomania” passa a ser compreendida como um sintoma do mal estar de se viver em sociedade.

Edwards (1995) afirma que o beber (incluindo o beber excessivo) possui diversos significados psicodinâmicos, podendo ter significados diferentes para diversas pessoas, bem como podem apresentar significados múltiplos para uma mesma pessoa. No entanto, existem alguns temas recorrentes que estão envolvidos no uso de bebidas alcoólicas:

(i) O beber pode ser um indicador de identificação com um dos pais, que bebe muito, ou alguma outra figura-chave na infância do paciente. O paciente fica como que destinado a atuar a vida de outro, ao invés da sua própria. [...] (ii) Em relação com o esquema geral proposto acima, pode-se identificar uma variedade de subtramas bastante comuns. O paciente pode, por exemplo, estar buscando a derrota, a punição ou mesmo a destruição através da bebida, porque vê a si mesmo/seu pai como merecedor de tal destino. [...] Ele pode ver a bebida como uma forma de adquirir poder, porque seu pai só era poderoso quando embriagado. Entretanto, o beber também pode apontar diretamente para conflitos de

dependência interpessoal: o paciente quer ser poderoso e independente, mas também quer ser uma criança dependente doente, que comete erros e sempre é perdoada. [...] (iii) O paciente às vezes parece usar o álcool como uma forma de entrar num estado de êxtase e sonho, no qual pode se entregar a fantasias e a satisfações fantasiosas de seus desejos. (*ibid*, p. 228-229).

Ao discorrer sobre a percepção teórica de alguns psicanalistas sobre os alcoolistas, e os transtornos relacionados a essa dependência, Kaplan, Sadock e Grebb (2007) indicaram que esses sujeitos apresentariam: superegos auto-punitivos e extremamente rígidos durante a puberdade, fixação libidinal na fase oral do desenvolvimento psicosexual, presença dominante da mãe e sentimentos de culpa ligados a pensamentos autodestrutivos. Tais características supõem que os alcoolistas encontrariam no consumo de álcool uma forma de diminuir seus conflitos e angústias inconscientes.

Ainda de acordo com Kaplan, Sadock e Grebb (*ibid*), as teorias psicodinâmicas costumam descrever a personalidade do alcoolista como: sexualmente reprimida, ansiosa, isolada, inibida, tímida, facilmente irritável, impaciente e hipersensível. Para esses casos, o uso do álcool poderia proporcionar o sentimento de valorização e poder, pois os seus efeitos anestésicos suavizariam os conflitos inconscientes. O uso de bebidas alcoólicas, então, se apresentaria como uma estratégia momentânea para libertar-se de muitos sofrimentos psíquicos, aliviando, desta forma, a pressão e o estresse gerados pelas frustrações e ansiedade da fixação na fase oral do desenvolvimento psicosexual.

Quilici (2008), ao analisar o alcoolismo, enfocou a importância da satisfatória resolução da díade mãe-criança. Se o desenvolvimento da criança não ocorre de forma adequada, pode ocorrer uma manifestação do alcoolismo, uma expressão do narcisismo patológico, no qual:

[...] ocorre um processo regressivo com fixação em períodos bem precoces da existência onde o indivíduo vai espelhar-se nas figuras paternas idealizadas. [...] essa identificação com figuras idealizadas teria como finalidade permitir ao sujeito resolver algo que ficou 'estacionado', para que ele, posteriormente, pudesse continuar seu desenvolvimento emocional. (QUILICI, 2008)

Segundo Costa (2000), é frequente o paciente alcoolista obsessivo apresentar uma posição de grande dependência em relação à sua mãe, fazendo com que ele, em muitos casos, coloque a sua esposa no "lugar" reservado à mãe. Além disso, Costa (*ibid*) ainda observa que o pai de muitos destes pacientes não foram pais que exerceram a função paterna adequadamente, pois foram pouco viris, não conseguindo deixar a herança simbólica adequada para os filhos. Assim, muitos destes pacientes não assumem decididamente uma

posição masculina diante da vida, de seus filhos, de sua esposa, de seu trabalho e de sua dependência.

Ao analisar as relações entre o alcoolismo e as situações de estresse, Quilici (2008) afirma também que o processo de se tornar um alcoolista pode ser interpretado como um indicativo do agravamento do narcisismo patológico que estava latente e que, em geral, torna-se ativo diante de uma situação intensa de estresse vivenciada no cotidiano do sujeito.

2.3.3.5 A abordagem junguiana

De acordo com Fadiman e Frager (1986), a psicologia analítica de Jung constitui uma abordagem que possui influências do pensamento oriental, da Alquimia, da Parapsicologia e da Mitologia. Tal abordagem é voltada para a investigação da realização humana, o que, para Jung, seria proporcionada pelo processo de “individuação” - alcançado pelo desenvolvimento pessoal que possibilitaria a integração do “ego” (centro da consciência) com o “self” (centro da psique total, que abarca a consciência e o inconsciente).

Jung afirma que consciente e inconsciente não estão, necessariamente, em oposição um ao outro, mas complementam-se mutuamente para formar uma totalidade: o “self”. Deste modo, a psicologia analítica se ocupa em buscar o equilíbrio entre os processos conscientes/inconscientes e no aperfeiçoamento do intercâmbio dinâmico entre eles (FADIMAN e FRAGER, *ibid*).

No início do século XX, Jung e Freud se conheceram e trocaram inúmeras cartas, discutiram casos e desenvolveram teorias juntos, até que suas divergências teóricas se agravaram, ocorrendo o rompimento entre eles. Jung discordava de Freud quanto às causas dos mecanismos de repressão psíquica, afirmando que os mesmos não estavam, invariavelmente, ligados à traumas sexuais. Freud também se incomodava com a freqüente tentativa de Jung em associar alguns fundamentos da teoria psicanalítica com fenômenos mitológicos, espirituais e ocultos (FADIMAN e FRAGER, *ibid*). Como Ginzburg (2002) destaca, é principalmente sobre a temática do inconsciente coletivo, dos mitos e arquétipos que se determina a ruptura entre Jung e Freud.

Para entendermos a visão junguiana sobre o fenômeno do alcoolismo, em primeiro lugar, devemos explicar resumidamente qual é o papel do mito na vida dos seres humanos da atualidade, bem como suas articulações com o inconsciente coletivo¹⁴ e os arquétipos¹⁵.

Jung postulou que os mitos têm origem nas camadas profundas do inconsciente, comuns à psique de todos os seres humanos, pertencendo ao mundo arquetípico. Por isso, seus temas reaparecem de maneira tão evidente e pura em países tão distantes, em épocas as mais diferentes, com mínimas variações (SILVEIRA, 1997).

Na definição de Homero, *mythos* quer dizer “palavra”, “discurso”. Segundo Kujawski (1994), a função do mito está em ampliar nossa consciência, de modo a nos colocar em plena harmonia intelectual e vital com a realidade. De acordo com Campbell, Moyers e Flowers (2005), os mitos são simbólicos e estão muito perto do inconsciente coletivo, e por isso são infinitos na sua revelação. Os símbolos são adquiridos através da cultura em que vivemos, sendo, portanto, elementos do coletivo. Através do simbolismo e dos arquétipos elucidados por Jung, temos então, acesso ao inconsciente pessoal e ao inconsciente coletivo.

Segundo os princípios da teoria junguiana, embora a maioria das pessoas não tenha consciência dos conteúdos do inconsciente coletivo, eles influem de maneira importante em nosso funcionamento psíquico. Esses conteúdos se manifestam de forma simbólica, através de mitos e arquétipos. Sendo assim, os personagens mitológicos são fontes de compreensão para o entendimento dos processos humanos, pois são manifestações dos arquétipos em si. Deste modo, as analogias entre os mitos antigos e os elementos que emergem do inconsciente das pessoas da atualidade não são triviais, tampouco acidentais. Existem porque a mente inconsciente do homem moderno conserva a faculdade de construir símbolos, antes expressos através das crenças e dos rituais do homem primitivo (JUNG, 1977).

¹⁴ O inconsciente coletivo é uma estrutura da psique humana, presente em todas as pessoas, constituída pelos materiais que foram herdados da humanidade. É nele que residem os arquétipos - também comuns a todos os seres humanos. A denominação inconsciente coletivo dá-se porque esta estrutura é desligada do inconsciente pessoal, por ser totalmente universal e devido a seus conteúdos poderem ser encontrados em toda parte, o que não é o caso dos conteúdos pessoais (JUNG, 1980).

¹⁵ Os arquétipos se referem a imagens arcaicas ou primordiais que são coletivamente herdadas, por fazerem parte de uma herança filogenética. Jung também se referia aos arquétipos como “formas desprovidas de conteúdo”, afirmando que esses podem ser encontrados em várias manifestações mitológicas da humanidade (JUNG, 1986).

De acordo com Peña-Alfaro (1993), para a teoria junguiana as diversas patologias, incluindo o alcoolismo, “seriam os meios através dos quais os mitos penetram em nossa vida e tornam-se concretos” (p. 16). Nesse sentido, o autor afirma que para os adeptos dessa corrente teórica:

Pressupõe-se sempre que todas as formas de psicopatologia têm um substrato mítico. Além disso, a psicopatologia é um meio de reverter ao mito, de ser afetado pelo mito e de entrar no mito. Ou como disse Jung, ‘os deuses tornam-se doenças’, de modo que quando quisermos encontrá-los, é para nossas patologias que devemos olhar. (*ibid*, p. 19).

Desta forma, a dimensão mitológica do uso do álcool estaria presente em nosso contexto social contemporâneo, pois o mito de Dionísio:

[...] proporciona aos homens as cerimônias báquicas e a dádiva do vinho, um *phármakon*; no sentido de ser o que acalma as angústias dos pobres humanos, ele lhes traz a dádiva do sono, esquecimento dos males quotidianos e não há outro remédio para seus males, Dionísio é o deus que liberta: *kathársios*. (PEÑA-ALFARO, 1993, p. 60-61).

Ainda de acordo com Peña-Alfaro (*ibid*, p. 16) o “caráter alcoólico” dos alcoolistas apresentaria algumas características recorrentes como: vulnerabilidade, hipocondria, intemporalidade, autodestrutividade, amoralidade ou supermoralidade. Tais características do alcoolista o ligariam ao seu representante mítico: o “deus do vinho” Dionísio (na mitologia grega) ou Baco (na mitologia romana). O alcoolismo seria então, uma das ligações dos homens com seus mitos, assim como uma das formas de contato com as manifestações arquetípicas do inconsciente coletivo.

2.3.4 A abordagem biopsicossocial

Embora existam, nos campos da medicina, biologia e genética, algumas indicações evidenciando características metabólicas como causas do alcoolismo (KESSLER, DIEMEN e PECHANASKY, 2004), busca-se hoje uma visão multifatorial do fenômeno. Mesmo não havendo uma uniformidade nesta visão multifatorial, por não existir um consenso quanto à importância específica ou “peso” de cada um desses fatores no conjunto, tal ponto de vista tem se mostrado mais apropriado para o avanço das pesquisas e intervenções nos quadros de alcoolismo.

Alguns estudos atuais indicam que os fatores que contribuem para a etiologia e suscetibilidade ao alcoolismo estão associados a uma complexa interação de fatores biopsicossociais, isto é, formado por componentes biológicos, psicológicos e socioculturais (MASUR, 1991; BERTOLOTE, 1997; FORMIGONI e MONTEIRO, 1997; OMS, 1999 e 2004a; KOSTERMAN *et al*, 2000; PIRES, 2005; ABRAD, 2007). Essa visão integrada dos vários elementos presentes no consumo excessivo de bebidas alcoólicas é o ponto chave que diferencia a abordagem biopsicossocial das demais apresentadas anteriormente.

No presente estudo, adotamos essa concepção de que o alcoolismo é um fenômeno biopsicossocial. Nosso ponto de vista é o de que a maior ou menor vulnerabilidade ao desenvolvimento do alcoolismo vai depender de uma complexa associação desses fatores na trajetória de cada pessoa. Aderimos a essa abordagem porque ela propõe uma postura mais integradora do que as teorias apresentadas anteriormente.

2.4 O USO EXCESSIVO E PROLONGADO DO ÁLCOOL E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE

A ingestão de bebidas alcoólicas provoca diversos efeitos, que aparecem em duas fases: uma estimulante e a outra depressora. Após a ingestão inicial do álcool, surgem os efeitos estimulantes, como desinibição, euforia e maior facilidade para falar. Em seguida, começam a aparecer os efeitos depressores, como falta de coordenação motora, sono e descontrole. Os efeitos do uso do álcool variam de intensidade de acordo com as características pessoais de quem consome e da quantidade de bebida ingerida pela pessoa.

O presente estudo adota a definição de alcoolismo estabelecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), na qual o quadro de alcoolismo é configurado como um conjunto de problemas relacionado ao consumo excessivo e prolongado do álcool. Nesta perspectiva, o alcoolismo é considerado como uma doença quando o ato de consumir bebidas alcoólicas chega a um nível que interfere na saúde física e mental, bem como nas responsabilidades sociais, familiares e ocupacionais do sujeito. Basicamente, tal quadro de alcoolismo é dividido em duas categorias: o consumo nocivo (ou abusivo) e a dependência do álcool (OMS, 2004a).

Entende-se por consumo nocivo do álcool o uso continuado dessa substância acarretando diversos danos à saúde do sujeito, os quais podem ser físicos (gastrite, alterações no fígado, etc) e mentais (quadros de depressão, episódios de “apagamentos” com ausências de memória, alterações das funções senso-perceptivas, etc). O uso nocivo pode afetar outras áreas da vida do usuário como a esfera familiar (gerando conflitos no lar) e a esfera laboral (acarretando faltas, atrasos, acidentes, etc).

Quando o consumo do álcool se apresenta de forma compulsiva, voltado para a evitação dos sintomas da abstinência e cuja intensidade é capaz de ocasionar problemas sociais, físicos e/ou psicológicos, temos então configurado o quadro de dependência do álcool. Tal quadro de dependência é vivenciado pelo usuário como uma necessidade psicológica (na qual o álcool é utilizado como forma de atingir o nível máximo de funcionamento ou a sensação de bem-estar) e/ou como uma necessidade física (devido à adaptação fisiológica do organismo ao consumo crônico da substância psicoativa).

Em geral, o quadro de alcoolismo é o resultado final de uma série de processos que iniciam e gradativamente perpetuam a ingestão de grandes quantidades de álcool. O uso de bebidas pode proporcionar uma sensação de euforia ou alívio temporário para algumas tensões físicas ou psíquicas. Porém, quando usado de forma crônica, gera reações psicológicas e fisiológicas que aumentam a necessidade de novo consumo, iniciando um processo de retroalimentação.

De acordo com dados da OMS, nas últimas três décadas o alcoolismo tem se mostrado como um dos principais problemas de Saúde Pública em diversos países do mundo, inclusive no Brasil. Estima-se que existam cerca de dois bilhões de pessoas no mundo que consomem bebidas alcoólicas, sendo que dentre essas pessoas, cerca de 76,3 milhões possuem algum diagnóstico de desordem decorrente do uso do álcool. De forma geral, existe uma relação causal entre o consumo de álcool e mais de sessenta tipos de desordens ou doenças (OMS, 2004b).

Se considerarmos tais dados numa perspectiva de Saúde Pública, a carga global relatada das enfermidades decorrentes do consumo de álcool é consideravelmente alta em muitos países do mundo, tanto para os índices de morbidade quanto mortalidade. O consumo de álcool é responsável por aproximadamente 3,2% das causas de enfermidades em todo o mundo, totalizando aproximadamente 1,8 milhões de pessoas (OMS, 2004b e 2007a). Estima-se

também que de 10% a 18% dos casos de pacientes feridos que buscam os serviços de emergência médica do sistema de saúde estão relacionados ao uso do álcool (OMS, 2007a).

Tem crescido também o custo social gerado pelo uso abusivo de bebidas e seus problemas associados, tais custos são refletidos no acréscimo dos acidentes de trânsito (LEYTON *et al.*, 2005); episódios de violência e criminalidade (MINAYO e DESLANDES, 1998; CHALUB e TELLES, 2006; OMS, 1999, 2004a e 2007a); diversos transtornos familiares (SILVA, 2003; ZANOTI-JERONYMO e CARVALHO, 2005) e doenças orgânicas, mentais e outros quadros de dependência (OMS, 1999 e 2004a). Todas essas conseqüências do uso abusivo do álcool geram grandes problemas sociais, uma vez que tem sido responsável por perda da produtividade na população economicamente ativa e por inúmeras vidas abreviadas, causando sofrimentos para as pessoas e gastos públicos na área de saúde (ROOM, BABOR e REHM, 2005; OMS, 1999, 2004a e 2007a).

No panorama brasileiro, a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) realizou um estudo epidemiológico que buscou averiguar quais as principais causas de mortalidade no período de 1980 a 1997. Segundo dados desse estudo (BRASIL, 2000), as doenças crônicas do fígado/cirrose e o alcoolismo crônico foram responsáveis por um considerável número de óbitos entre a população masculina de duas regiões do país. Na região Nordeste foi identificada como a terceira causa de morte entre homens de 35 a 44 anos (faixa etária extremamente produtiva para a sociedade), ficando atrás somente de causas como homicídios e acidentes de trânsito, respectivamente. Na região Sudeste, as doenças crônicas do fígado e cirrose foram classificadas como a quinta causa de morte entre homens na mesma faixa etária, ficando atrás de causas como acidentes de trânsito, doenças isquêmicas do coração, doenças cerebrovasculares e homicídios, respectivamente.

É importante ressaltar que no mesmo estudo os acidentes de trânsito foram indicados como a segunda causa de morte externa¹⁶ na população masculina em todo o País (BRASIL, 2000). A associação entre o consumo de álcool pelos condutores dos veículos e os índices de mortalidade por acidentes no trânsito também foi identificada por diversos autores como

¹⁶ As mortes por fatores externos podem ser definidas como as mortes “não naturais”, provocadas por intervenção voluntária do autor (suicídio), por ação de terceiros (agressões, homicídios ou acidentes de trânsito) ou outro fatores tais como: afogamentos, quedas, exposição à fumaça, fogo e a chamas, envenenamento acidental, etc. As mortes por fatores internos englobariam diversas enfermidades como as doenças isquêmicas do coração, doenças cerebrovasculares, doenças crônica do fígado e cirrose, o diabetes, o câncer de mama, AIDS, etc (OMS, 2007b).

Minayo e Deslandes (1998); Melcop (2004); Leyton *et al* (2005); Chalub e Telles (2006); Laranjeira (2007).

Em um levantamento que buscou identificar os padrões de consumo de álcool da população brasileira, Laranjeira (*ibid*) constatou que “52% dos brasileiros acima de 18 anos bebem (pelo menos 1 vez ao ano). Entre os homens são 65% e entre as mulheres 41%. Na outra ponta estão os 48% de brasileiros abstinentes, que nunca bebem ou que bebem menos de 1 vez por ano.” (p. 32).

Em outro levantamento sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil, Carlini *et al* (2002) indicaram que no que se refere a indivíduos com idade entre 15 e 65 anos o uso regular de álcool (mínimo de três a quatro vezes por semana) foi relatado por uma média de 5,2% da população entrevistada em 107 das maiores cidades brasileiras. Quanto ao quadro de dependência de álcool na população geral, os mesmos autores relatam que 11,2% dos entrevistados preenchem os critérios para diagnóstico de dependência de álcool, com prevalência de 17,1% entre homens e 5,7% entre mulheres. Ao apresentarem os dados, Carlini *et al* (*ibid*) ponderam que não utilizaram a Classificação (e descrição) das Doenças Mentais da Associação Norte-Americana de Psiquiatria - quarta edição (DSM-IV) ou a CID-10 como critério para avaliar o aspecto de dependência do álcool. O critério adotado para a classificação de dependência, segundo os autores, foi que o respondente marcasse duas ou mais respostas positivas dentre as seis perguntas que constituíam o instrumento de pesquisa utilizado.

Os problemas relacionados ao consumo de álcool são responsáveis por mais de 10% do total das demandas que chegam aos serviços de saúde no Brasil (MELONI e LARANJEIRA, 2004). Segundo afirmam Murad e Fortini (2002), “o consumo de álcool constitui, sozinho, problema maior do que todas as outras drogas reunidas” (p. 12).

2.5 ALCOOLISMO ASSOCIADO AO CONTEXTO DE TRABALHO

Como já mencionado, o alcoolismo gera uma série de danos ao sujeito alcoolista, sua família e à sociedade em geral. Um importante fator que agrava os custos sociais do alcoolismo são os problemas relacionados ao local de trabalho, que podem ser mais visíveis por meio de acidentes de trabalho, perdas na produção ou pelo aumento da taxa de absenteísmo (REHFELDT, 1989; HIRATA, 1991; HENDERSON, HUTCHESON e DAVIES, 1996; CAMPANA, 1997; OMS, 1999 e 2004a; VAISSMAN, 2004).

Ao debater sobre os custos do uso abusivo do álcool para as empresas, Hirata (1991) afirma:

O comprometimento do sistema de produção e o aumento dos custos das empresas são decorrentes principalmente do absenteísmo, diminuição da expectativa média de vida, despesas com serviços de saúde, benefícios, diminuição da capacidade produtiva e incapacidade física. (p. 296)

De acordo com Vaissman (2004), o alcoolismo é a causa mais freqüente de aposentadorias precoces e acidentes no trabalho, configurando-se como a oitava causa para concessão de auxílio doença pela Previdência Social. No âmbito empresarial, as instituições vêm despertando seus interesses para o desenvolvimento e implantação de estratégias e programas preventivos ao uso de drogas. Tais medidas visam preservar a saúde dos trabalhadores e, sobretudo, da própria empresa, pois as perdas financeiras geradas pelo uso do álcool podem ser percebidas no acréscimo do absenteísmo e dos acidentes de trabalho ou de trajeto; aumento nos erros de execução das tarefas e conseqüente retrabalho com redução da produtividade; conflitos com clientes, superiores e colegas.

Ao realizar um estudo de caso em uma instituição pública de ensino superior, Nassif (2002) levantou algumas hipóteses sobre como as condições de trabalho e a organização do trabalho podem favorecer o desencadeamento e (ou) a manutenção dos quadros de dependência química entre os trabalhadores da instituição estudada. A autora expôs um conjunto de três fatores que permitiriam compreender o problema do alcoolismo no grupo estudado. Um deles diz respeito às características individuais ou da personalidade do alcoolista, o qual freqüentemente já apresenta dificuldade em estabelecer o contato interpessoal ou dificuldade de lidar com situações de frustração - incluindo as frustrações

relativas à escolha profissional. O segundo grupo de fatores seriam os elementos sociais. Segundo a autora, existe uma pressão social para incentivar o consumo de bebidas e isto facilita as relações interpessoais e se apresenta como oportunidade de introdução no círculo social. Por fim, aponta para os fatores associados às especificidades do trabalho que também podem desencadear o consumo intenso de bebidas, tais como a divisão inadequada de tarefas, atividades que oferecem riscos à saúde, problemas de relacionamento com a chefia e sentimentos e emoções gerados pela atividade (vergonha, raiva, frustração, medo, ansiedade, etc).

Ao tentar identificar os fatores de risco laboral para o consumo de drogas, incluindo o álcool, Valenzuela (2001) localizou elementos como o esgotamento decorrente da atividade laboral, a tensão e o estresse do trabalho e a insatisfação com o posto de trabalho.

Vaissman (2004) também identificou alguns fatores no ambiente de trabalho que contribuem para aumentar o risco do alcoolismo. Estes seriam a disponibilidade do álcool, a pressão social para beber e as situações de tensão, estresse ou perigo no trabalho. Outros fatores de risco ligados ao trabalho são as especificidades de cada ocupação, as condições em que o trabalho é executado ou os tipos de agentes estressores e como atuam no trabalhador física e psicologicamente (VAISSMAN, 2004).

A mesma autora revela ainda que existem alguns sinais de alerta para que os problemas com o uso de drogas dentro da empresa possam ser percebidos, são eles: absenteísmo (faltas não autorizadas e freqüentes licenças por doenças, faltas de curta duração - com ou sem comprovação médica e faltas freqüentes nas segundas, sextas-feiras e dias que antecedem ou sucedem feriados); ausências durante o trabalho (atrasos excessivos após o almoço ou intervalo, saídas antecipadas e idas freqüentes ou injustificadas ao bebedouro, estacionamento, banheiro e outros setores); aumento nas taxas de acidentes (acidentes de trabalho ou acidentes fora de serviço); diminuição regular da produtividade pela manhã ou tarde (desperdício de materiais, perda ou estrago de equipamentos e dificuldades de compreender instruções e procedimentos na realização de tarefas complexas) e, por fim, mudança nos hábitos pessoais (apresentação ao trabalho em condições anormais - bêbado ou confuso, mudança no comportamento após o almoço e pouco cuidado com a higiene e aparência pessoal). Ela esclarece que esses fatores não devem ser considerados de forma isolada, mas de forma integrada a outros elementos que também fazem parte do problema (VAISSMAN, 2004).

Alguns autores já identificaram que há uma maior concentração de casos de alcoolismo em determinadas ocupações (SELIGMANN-SILVA, 2003; LIMA, 2004 e 2005; LE GUILLANT e BÉGOIN, 1957/2006). Seligmann-Silva (2003) indicou que algumas profissões socialmente desprestigiadas ou as que envolvem atividades e materiais considerados desagradáveis ou repugnantes são potencialmente mais favoráveis ao surgimento do alcoolismo. A mesma autora afirma que a impossibilidade de progressão na carreira percebida pelos trabalhadores ou pequena expectativa de qualificação no futuro são também elementos de risco para o desenvolvimento do alcoolismo.

Seligmann-Silva (1994) comenta também que o uso do álcool tem sido estudado em várias situações e contextos de trabalho. Por vezes, é usado pelos trabalhadores como um recurso compensatório às frustrações do trabalho ou à falta de prazeres disponíveis, incluindo os relacionamentos afetivos, ou de oportunidades de lazer significativos. Também há ocasiões em que as pessoas recorrem ao uso de bebidas alcoólicas como forma de “anestesiar o sofrimento psíquico”, vivenciado em situações de trabalho nas quais são submetidos a grandes riscos, pressões da chefia, exigências excessivas de responsabilidade e/ou atenção, situações constrangedoras ou causadoras de ansiedade. De acordo com a autora, tal efeito “anestésico” geralmente corresponde a uma forma de evitar a tomada de consciência, sendo uma eficiente fuga para o sujeito não se confrontar com uma realidade que lhe é penosa. A autora percebe também que a fadiga e a tensão se alimentam de forma recíproca, fazendo com que o sujeito busque formas de amenizá-las; dessa forma, o uso do álcool pode se configurar como outra estratégia defensiva contra a ansiedade sentida pelos trabalhadores, lembrando que tal uso pode ser feito individualmente ou de forma grupal pelo coletivo profissional (SELIGMANN-SILVA, 1994).

Ao tratarem das doenças relacionadas ao trabalho, o Ministério da Saúde do Brasil e a Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil (BRASIL, 2001) colocam o trabalho como um dos fatores psicossociais de risco para os transtornos mentais e do comportamento relacionados ao trabalho, incluindo o alcoolismo crônico. Esses dois órgãos elaboraram um manual de procedimentos para os profissionais que atuam nos serviços de saúde, no qual fica claramente expresso o impacto do trabalho na saúde das pessoas:

A contribuição do trabalho para as alterações da saúde mental das pessoas dá-se a partir de ampla gama de aspectos: desde fatores pontuais, como a exposição a determinado agente tóxico, até a complexa articulação de fatores relativos à organização do trabalho, como a divisão e parcelamento das tarefas, as políticas de gerenciamento das pessoas e a estrutura hierárquica organizacional. Os

transtornos mentais e do comportamento relacionados ao trabalho resultam, assim, não de fatores isolados, mas de contextos de trabalho em interação com o corpo e aparato psíquico dos trabalhadores. As ações implicadas no ato de trabalhar podem atingir o corpo dos trabalhadores, produzindo disfunções e lesões biológicas, mas também reações psíquicas às situações de trabalho patogênicas, além de poderem desencadear processos psicopatológicos especificamente relacionados às condições do trabalho desempenhado pelo trabalhador. (BRASIL, 2001, p. 161)

O mesmo manual descreve o alcoolismo como:

[...] um modo crônico e continuado de usar bebidas alcoólicas, caracterizado pelo descontrole periódico da ingestão ou por um padrão de consumo de álcool com episódios frequentes de intoxicação e preocupação com o álcool e o seu uso, apesar das conseqüências adversas desse comportamento para a vida e a saúde do usuário. (*ibid*, p. 175)

Segundo a Organização Mundial da Saúde, “a síndrome de dependência do álcool é um dos problemas relacionados ao trabalho” (BRASIL, 2001, p. 175). Tal reconhecimento da relação entre trabalho e alcoolismo foi corroborada por evidências epidemiológicas que indicaram:

Uma freqüência maior de casos (individuais) de *alcoolismo* tem sido observada em determinadas ocupações, especialmente aquelas que se caracterizam por ser socialmente desprestigiadas e mesmo determinantes de certa rejeição, como as que implicam contato com cadáveres, lixo ou dejetos em geral, apreensão e sacrifício de cães; atividades em que a tensão é constante e elevada, como nas situações de trabalho perigoso (transportes coletivos, estabelecimentos bancários, construção civil), de grande densidade de atividade mental (repartições públicas, estabelecimentos bancários e comerciais), de trabalho monótono, que gera tédio, trabalhos em que a pessoa trabalha em isolamento do convívio humano (vigias); situações de trabalho que envolvem afastamento prolongado do lar (viagens freqüentes, plataformas marítimas, zonas de mineração). (*ibid*, p. 175)

O referido manual também indica que o “trabalho pode ser considerado como fator de risco, no conjunto de fatores de risco associados à etiologia multicausal do *alcoolismo crônico*” (*ibid*, p. 176), uma vez que:

[...] havendo evidências epidemiológicas de excesso de prevalência de *alcoolismo crônico* em determinados grupos ocupacionais, essa ocorrência poderá ser classificada como doença relacionada ao trabalho [...]. Trata-se, portanto, de um nexó epidemiológico, de natureza probabilística, principalmente quando as informações sobre as condições de trabalho forem consistentes com as evidências epidemiológicas disponíveis. (*ibid*, p. 176)

O mesmo manual também sugere aos profissionais dos serviços de saúde que considerem como alcoolismo relacionado ao trabalho os quadros desencadeados, mantidos ou agravados pelo contexto laboral ou nos casos em que esse contexto contribua para a

reincidência da doença, especialmente nos casos particulares de trabalhadores previamente alcoolistas (*ibid*, p. 176).

Outro importante elemento para entendermos a complexa relação entre trabalho e alcoolismo também é assinalado pela Organização Mundial de Saúde, ao apontar que algumas atividades profissionais podem levar ao consumo coletivo de bebidas alcoólicas relacionado a situações de trabalho, o que “pode ser decorrente de *prática defensiva*, como meio de garantir inclusão no grupo” (*ibid*, p. 175). O uso do álcool como mecanismo de inclusão no grupo de trabalho também foi identificado por Oliveira (2004) e Murta (2007) em estudos realizados com os garis de Belo Horizonte.

O uso do álcool para permitir a realização do próprio trabalho, devido aos efeitos de suas propriedades farmacológicas (relaxante, calmante, indutor do sono, anestésico, anti-séptico ou estimulante), também foi identificado por Oliveira (2004) e Murta (2007) em estudos realizados com trabalhadores da limpeza urbana da capital mineira, bem como por Silva (2006), entre os trabalhadores da construção civil da mesma capital.

No próximo capítulo apresentaremos dois estudos de caso onde buscamos identificar, ao longo das trajetórias de vida desses trabalhadores, alguns elementos que nos auxiliem na compreensão das associações entre sua história de vida, trajetória profissional e histórico de alcoolismo.

CAPÍTULO III

ESTUDOS DE CASOS INDIVIDUAIS

Neste capítulo, apresentaremos dois casos de mecânicos de manutenção que desenvolveram o quadro de alcoolismo e que faziam parte do Departamento de Manutenção de Veículos (DMV) da Empresa K. Conforme explicamos anteriormente, eles foram escolhidos a partir de indicações realizadas pelos profissionais do Setor de Psicologia da referida empresa e de nossas observações de campo.

Adotamos os seguintes critérios para realizar a escolha dos participantes: trabalhadores que haviam feito comentários/queixas sobre o uso do álcool durante a fase de observação do campo; trabalhadores que participam (ou participaram) do Programa de Prevenção ao Abuso de Álcool - para termos um quadro de alcoolismo no trabalho “identificado oficialmente” pela instituição; indicação dos profissionais do Setor de Psicologia da empresa e o interesse/disponibilidade dos sujeitos para a participação no estudo.

Ao expor os estudos de caso, optamos por sempre trazer o relato literal dos trabalhadores para ilustrar suas vivências. O relato dos trabalhadores nos fornece um rico material para entendermos o vivido e nele também encontramos o reflexo da dimensão coletiva partindo de uma experiência particular. Acreditamos que não seria possível fazermos de outra forma sob pena de inviabilizar ou empobrecer as análises. De acordo com Le Guillant (1984/2006a):

[... a] linguagem popular, fruto de uma experiência individual e coletiva, direta e insubstituível, parece-me ser mais adequada do que qualquer outra descrição [...], para tornar perceptíveis os aspectos sensíveis de situações que escapam sempre, em parte, àqueles que não a vivenciaram. Assim, ao meu entender, tal linguagem é a forma mais adaptada a um estudo objetivo das ‘condições de vida’ de nossas pacientes (p. 332).

3.1 A HISTÓRIA DE RAFAEL¹⁷

Quando entrevistado, Rafael tinha 50 anos e estava afastado do trabalho na Empresa K havia aproximadamente dois anos devido a um quadro de adoecimento no olho esquerdo que os médicos não entraram em consenso quanto ao diagnóstico. Após vários exames e perícias, ele não sabia o que tinha ocorrido com seu olho e tinha como previsão o afastamento do trabalho por mais um ano.

Há 12 anos, Rafael entrou na atual empresa na função de auxiliar de manutenção e hoje está classificado como mecânico de manutenção. Ele é um dos integrantes do Programa de Prevenção ao Abuso de Álcool (PPAA) que chegou até nós por meio de uma indicação dos profissionais do Setor de Psicologia da Empresa K. Iniciou sua participação no PPAA há 11 anos, por solicitação de seus encarregados do DMV. Nesse período, teve duas recaídas no uso do álcool, mas estava há dois anos e seis meses em estado de abstinência.

3.1.1 A infância/adolescência e a formação profissional no SENAI

Nascido na capital mineira em 1957, Rafael relatou que seu parto foi realizado na própria casa, já que “antigamente não tinha esse negócio de pré-natal. Em BH, há uns 35 anos atrás tinha parteira”. Ao falar da infância, citou uma série de adoecimentos que ele atribui à precariedade da estrutura de saneamento da época:

Eu nasci com problema. E minha mãe me fala que eu era muito assim, doente... Pensou que fosse né... morrer. Na época, as doenças, gasenterite. Nos primeiros meses de vida, vivia mais em médico, tomando injeção. [...] Já nasci com problema de dente, os dentes meus já nasceu todo ruins por causa de muito antibiótico. Eu lembro, eu era fortão! Eu não sei se eu era fortão de verme, que antigamente tinha muito isso. Saneamento básico era... Década de sessenta e cinco.

Rafael teve uma infância muito humilde e, em algumas épocas, sua família passou por dificuldades financeiras. Segundo ele, “por isso que as pessoas antigamente eram mais magras, tinha os limites de comida. A gente brigava por causa de um pedaço de pão”. Apesar das dificuldades, sejam em decorrência dos freqüentes adoecimentos ou pelos

¹⁷ Adotamos um nome fictício, escolhido pelo próprio trabalhador, para preservar sua identidade.

escassos recursos financeiros, revelou que era uma criança muito levada e que fazia muitas “artes” nessa época.

Embora tenha vindo de uma família com treze irmãos, Rafael falou pouco de sua família de origem, comentando apenas que “antigamente a família era mais unida”. Atualmente, disse ter “mais afinidades” apenas com seus irmãos e possuir “umas rivalidadezinhas” com as irmãs, porque “parece que o homem ele é mais fácil de dar mais certo com homem”. Ele contou que seus pais se casaram após o pai ter ficado viúvo do primeiro casamento. Deste primeiro relacionamento do pai nasceram cinco filhos que foram morar com a nova família que iniciava. Ele é o terceiro filho do segundo casamento do pai, estando vivas três irmãs e três irmãos - dois já faleceram. Contou também que perdeu outros três irmãos do primeiro casamento do pai.

Revelou que ao todo foram quatro irmãos que ele perdeu ao longo da infância e adolescência e que tais perdas levaram-no a ficar triste e “a passar dificuldade desde pequeno”. Ele enfatizou que antigamente as pessoas vivenciavam de forma diferente o luto pelas perdas: “aquela época, quando a gente perdia um ente querido a gente demorava ano pra esquecer, cê tinha trauma!”.

Rafael falou pouco sobre sua mãe, afirmando que “ela sempre foi muito preocupada com os filhos, uma dona de casa super protetora que sempre cuidou dos filhos, dando muito apoio quando precisava”.

Ao falar do pai, falecido por problemas cardíacos há dez anos, lembrou que era uma pessoa muito reservada e serena. Complementou dizendo: “eu tinha um bom relacionamento com o meu pai, tinha era muito respeito pelo pai, era uma pessoa que gostava das coisas tudo certinhas, e exigia isso da gente também. A gente foi aprendendo isso com ele”. Falou com pesar dos momentos que deixou de desfrutar a seu lado, dizendo que durante muito tempo, durante sua infância e adolescência, mantiveram um relacionamento distante devido à autoridade que representava:

Eu via meu pai sentado assim na sala, quando eu era pequeno, porque o filho tinha o pai como um rei ali, só passava e [falava]: “oi, pai” e tal, mas nunca pára e conversar igual eu tô conversando com você. Nunca [falava] sabe: “pai, vamos sair?”. Nunca! Nem eu, nem meus irmãos e também vários colega meu não fazia. Então, isso aí parece que vem depois que perde: “pôxa saí com tanta gente, com milhares de pessoas e quem é meu amigo mesmo, quem tá do meu lado nunca sentou pra né, assim, pra bater um papo legal”.

Em vários momentos, comentou que, desde criança, sempre foi uma liderança dentro da família e nos demais locais onde esteve. Veremos que a busca por esse papel de destaque sempre foi um fator de grande importância em sua trajetória. No entanto, faz-se necessário que narremos primeiro sua relação com os estudos e como foi sua formação profissional.

Ao falar de sua infância e juventude, Rafael também marcou a importância que sempre deu aos estudos e ao conhecimento, elementos que são importantes para entendermos sua história. Ele sempre gostou de estudar, embora não tenha concluído o ensino médio por ter se dedicado mais ao curso profissionalizante. Afirmou que, durante o período em que freqüentava a escola, sempre esteve entre os primeiros alunos da sala:

Aquilo ali quando chegava da aula você pensa que eu ia brincar? Não! Eu era inteligente, fazia os exercícios tudo! Aí, falava com minha mãe e ela falava: ‘agora você almoça e pode ir brincar’. Então, eu tinha o turno pra brincar e, além disso, decorava também as matérias. Passei também quase em primeiro lugar, tirei o diploma quase em primeiro lugar.

Rafael contou que sempre teve interesse por “coisas mais complexas”, buscando entender o “funcionamento das coisas”, identificando tal interesse com as habilidades que desenvolveu e que influenciaram sua escolha profissional. Mesmo contrariando as expectativas do seu pai, que esperava que ele seguisse a carreira militar, aos catorze anos Rafael participou do processo seletivo para o ingresso no curso de ajustador mecânico do SENAI.

A entrada no curso de ajustador mecânico foi descrita em dois momentos. Na primeira tentativa de ingresso, mesmo tendo se esforçado e estudado muito, foi reprovado no processo seletivo, o que o deixou frustrado: “sabe eu me senti pequeno [...] sobre! Então, eu comecei a passar dificuldade desde pequeno”. Apesar disso, na segunda tentativa de ingressar no SENAI, ele se sentiu realizado ao ser aprovado e, por ser um curso respeitado pelas empresas, facilitou sua entrada no mercado de trabalho.

O SENAI teve grande importância na sua vida, não apenas porque ele aprendeu “o ofício de ajustador mecânico”, mas principalmente porque o regime de ensino “repleto de regras” se tornou uma referência em seus comportamentos profissionais e influenciaria toda sua conduta social. O seu processo educacional no SENAI foi crucial para “lapidar” o seu gosto pelas regras e a forma de perceber o mundo:

O SENAI sabe, me lapidou assim, tipo assim, você vai ser... Você vai ter que ser um cara espelho. Assim, isso aqui tem que ser assim, tem as regras tem que ser essa. É assim, tem que ser assim! Você vai ter que ser um cara, tipo

assim, o que você tá aprendendo, não pode ter erro, e realmente não pode mesmo né. No SENAI era exército puro meu filho. No SENAI cê tem horário de chegar, horário de sair. Era o máximo!

Rafael percebeu que seu curso no SENAI lhe trouxe muitos ganhos que iam além da formação profissional e a entrada no mercado de trabalho. O *status* de sua profissão lhe abria também possibilidades de sucesso na vida afetiva:

A meta na época era entrar numa empresa grande, senão cê não era aceito na vida amorosa. As meninas queria cargo! Você era o diferente da turma, você era o mecânico! As namoradas ficava tudo doida: “oh! O mecânico!” Antigamente tinha esses valores, cê era de respeito, *know-how* sabe? Antigamente, tinha esse negócio de *know-how*.

Um último elemento que devemos ressaltar em sua formação como ajustador mecânico no SENAI é o fato de ele ter se especializado em desenho. Tal habilidade foi construída após uma dura crítica realizada pelo professor de desenho do curso técnico:

Um professor chamou minha atenção na frente da turma toda e disse que eu tinha que melhorar muito o meu desenho! Fiquei com muita vergonha. Inclusive, eu fiquei muito cobra criada nisso! **Hoje, o que eu mais sei fazer é desenho mecânico**, e faço um desenho que com certeza vão mandar lá pra usinagem e o cara vai fazer legal.

Esse saber especializado e diferenciado apareceu como algo muito valioso para ele. Como veremos adiante, a falta de reconhecimento e o reduzido número de vezes em que pôde colocar a competência de desenhista em prática foram fontes de sofrimento na Empresa K.

3.1.2 A trajetória profissional

Considerando as necessidades financeiras de sua família, que dispunha de poucos recursos financeiros, Rafael entrou no mercado de trabalho relativamente tarde, pois o pai procurou evitar que os filhos trabalhassem quando ainda estavam novos, adiando sua entrada no mercado de trabalho para que pudessem estudar.

Quando finalizou o curso de ajustador mecânico no SENAI, aos dezessete anos, estava próximo da idade de alistamento obrigatório junto ao serviço militar. Ele se viu impedido de atuar em sua nova formação, pois nenhuma empresa quis correr o risco de contratá-lo e, caso fosse convocado pelo Exército, ter que arcar com as despesas de um empregado ausente. Diante deste impedimento, Rafael iniciou seu primeiro trabalho como trocador de

ônibus, uma atividade que considerou “muito estressante” pela não regularidade de horários de trabalho e pelas dificuldades de relacionamento com os passageiros.

Permaneceu nesse emprego como trocador por seis meses e, apesar dos problemas, foi uma forma de buscar independência financeira e auxiliar nas despesas da família. Ele destacou como percebeu as mudanças em sua vida por meio do trabalho, uma vez que ao trabalhar como trocador, disse ele, “parece que foi um início na minha vida, tipo assim, na minha inserção na responsabilidade. Ser uma pessoa responsável entendeu? Foi bom!”. Embora afirmasse que o trabalho “de interessante não tinha nada não”, ele descreve as “renovações” que realizou em casa com o dinheiro do seu trabalho: “eu arrumei, na época, banheiro, antigamente as coisas era mais difícil. Água, não tinha água encanada direito, banheiro, não existia chuveiro na época direito. Então, eu comecei a renovar lá em casa, televisão, tecnologia que eu comecei a comprar”.

Após ser dispensado do serviço militar obrigatório, Rafael pôde dar início à sua “vida como mecânico”, passando então a trabalhar na área de ajustagem mecânica, onde começou a perceber a pressão para não cometer erros, devido à precisão exigida. Também nesse período, percebeu como sua forma de levar tudo na vida “a ferro e fogo” mostrava-se compatível com as exigências do trabalho:

Eu fui pra Tracbel, lá eu comecei como operador de folhadeira e depois fui pra operador de máquina. Nem imaginava que aquele serviço que eu tava fazendo tava num trator aí fora cê tá entendendo? Produção, cê faz aquilo ali direto! Sem ter erro, tudo milimetricamente, simetricamente, uma furação tinha que ser simetricamente, calcular perímetro, abrir o diâmetro, tal e tal sabe? **E lá eu comecei a ver a minha seriedade, tinha umas coisa que vem da gente, né? Lá, você tinha as regras a cumprir, mas aí aonde que eu comecei ver meu jeito de ser, de levar tudo a ferro e fogo, né?!**

A sensação de trabalhar sob pressão e ter que cumprir à risca todas as regras da Empresa Ke tornaria cada vez mais forte e presente ao longo de sua história profissional. Já nos primeiros anos de exercício da profissão, apresentou alguns sintomas que parecem relacionados ao estresse vivenciado no trabalho:

Tive úlcera, gastrite. Eu lembro que eu tinha 19 anos, essa idade de adolescência, que **eu sentia dor quando eu comecei a trabalhar na mecânica.** Antigamente, era a ditadura, você entrava numa empresa às sete horas da manhã, você só saia às 17 horas. [Atender] telefone era a coisa mais difícil, tinha vez que anotava um recado, lá no fim do expediente que ia te falar. Tensão, tensão... Cê podia ser até demitido entendeu?

Ele tentou lidar com as tensões desse período de outras formas e não fez uso do álcool, mas se queixou dizendo que: “ficava naquela pressão psicológica, era horrível”. Após ter sido “lapidado no SENAI”, parece ter interiorizado a regra de que não poderia errar nunca. A forte cobrança pessoal, associada às demandas da empresa, aumentava seu estado de fadiga e ele sempre se sentia obrigado a “dar conta” de todas as solicitações do trabalho:

Eu não posso errar! Cê tinha que dar conta, eles [empresa] não queria saber! Sabe como é que é? Que você era um profissional, você entrou lá como um profissional, o ajustador mecânico ele é proibido errar, porque trabalha com medidas, milésimos, centésimos.

Rafael tinha grande dificuldade em compartilhar o que sentia com outras pessoas, incluindo os problemas referentes ao trabalho. Quando cometia algum erro ou tinha algum problema, sentia-se incapaz e diminuído, buscando o isolamento. Porém, ele percebeu que o efeito cumulativo de “suportar sozinho” esse estresse é nocivo à saúde das pessoas.

Segundo relatou, “antes de fazer uso do álcool, o método que eu usava para superar as frustrações do trabalho era guardar esse estresse, a pressão por não cometer erros”, submetendo-se a tais condições para preservar seu emprego. Esse “método” também esteve presente em suas outras experiências profissionais na área de mecânica industrial:

Eu acho que **eu guardava também esse estresse que veio desembocando. E guardava, como um regime sabe? A cada dia vai aumentando um pouquinho e você vai ficando cheio!** Você tinha que, você tinha que trabalhar. Então, guardava isso aí, por isso que o serviço mecânico é um serviço estressante entendeu? Se você errar sabe, é ruim quando você trabalha sobre pressão. **Então, isso tudo vem ao longo da minha vida profissional sendo sabe, guardado. E na empresa você não podia errar! Na empresa você não podia errar!**

Ele seguiu com essa forma de enfrentar os problemas, sempre guardando para si as dificuldades. Desta forma, Rafael tinha poucas estratégias para lidar com a tensão e as dificuldades nos outros trabalhos que exerceu na iniciativa privada. Antes de recorrer ao uso de bebidas “como válvula de escape para as tensões”, ele disse que “usava o silêncio e eu mesmo (o próprio corpo)” como forma de lidar com as frustrações e exigências do trabalho. Os recursos que tinha disponíveis eram manter o silêncio sobre os problemas que estava vivendo e dedicar-se ainda mais ao serviço, aumentando seu ritmo de trabalho ou como ele mesmo afirmou, usando o corpo para cada vez mais “trabalhar, trabalhar, trabalhar”.

Esse efeito cumulativo de “guardar o estresse” foi percebido por ele como um fator que contribuiu para o desenvolvimento do seu quadro de alcoolismo. Como apresentava grande dificuldade de falar o que sentia ou de se posicionar diante das frustrações, sempre buscava reprimi-las: “talvez eu reprimisse [...] isso tudo eu acho que pode ser um fator também, no caso de desencadear um lado alcoólico, pode ser um grande fator também da pessoa, levar o lado da situação pro lado do álcool, pra mim foi assim!”.

Depois de dois anos na área de ajustagem mecânica na Tracbel, pediu demissão porque surgiu uma boa oportunidade profissional na General Motors do Brasil (GM). Na GM, onde permaneceu por onze meses, passou a ganhar uma remuneração melhor, mas também viu aumentada a pressão e a cobrança na realização de seu trabalho.

Sua passagem pela GM merece um destaque, pois foi no período em que esteve nessa empresa é que começou a desenvolver o que chama de “associação entre mulheres e trabalho”. Rafael relatou que começou a namorar muito tarde, com cerca de 17 anos (como já citado, época do primeiro emprego), porque somente com essa idade começou a ter seu próprio dinheiro para “banciar as namoradas”. Para ele, era inconcebível não ser o provedor financeiro em um namoro. Desta forma, o trabalho era uma fonte de recursos para realizar seus objetivos, incluindo os relacionados à esfera afetiva.

Mas, contraditoriamente, as preocupações com os namoros atrapalhavam seu rendimento profissional, que por sua vez, comprometiam sua estabilidade financeira e sua permanência no emprego, o que também dificultou os projetos de estabilidade afetiva. Esse ciclo vicioso esteve sempre presente naquilo que chamou de “associação entre mulheres e trabalho”. Como ele revela, “na GM ganhava super bem” como mecânico, no entanto, “foi onde que entrou as emoções, amores né, os entusiasmo. Aí, começou já a me atrapalhar, começou já a me dar um desequilíbrio”.

A grande dificuldade em administrar sua vida amorosa foi um fator importante na trajetória de Rafael, pois as frequentes frustrações afetivas tinham impactos diretos em todas as esferas de sua vida, incluindo o trabalho. Na sua concepção, se ele estava “alcançando o sucesso profissional, também tinha a obrigação de mostrar para a sociedade que estava com alguém do lado”. Quando não obtinha êxito nessa busca, chegava até mesmo a abandonar o emprego, pois sua atividade exigia grande atenção e concentração, habilidades que eram incompatíveis com suas preocupações no campo afetivo:

Eu não tava preparado pra viver com as frustrações, eu tava preparado pra viver com, como é que fala, com a vitória. E aí aonde que eu comecei a dar mais ênfase ao namoro. Oh, pro cê vê, **às vezes eu saía do emprego porque eu terminava o namoro.** Que a minha função sempre tem que ter, como é que fala, tem que ter ali a atenção, tem que ter concentração. Já começava a atrapalhar mesmo entendeu? Eu já começava a pensar na namorada lá sabe. E nessa atividade minha, que é de concentração e tal, não permite, não permite a pessoa ficar com preocupação sabe, seja ela de que for. Então, eu não sabia lidar com isso entendeu?

Quando decidiu sair da GM, Rafael sofreu grande pressão de seus familiares, que não apoiaram sua decisão. No período em que esteve nessa empresa, também não fazia uso de álcool, “até então eu não conhecia o álcool não. Assim, conhecia, mas ele não era impregnado em mim, cê tá entendendo? Ele não era válvula de escape”.

A saída da GM, no início da década de 80, coincide com uma crise no setor industrial, o que o levou a uma crise financeira e a buscar trabalhos fora da sua área de atuação. Como estava desempregado, aceitou trabalhar como operador de máquina na empresa Braço - Mapri S.A, em Contagem. Devido ao seu bom desempenho, conseguiu ser designado para o cargo de mecânico de manutenção, permanecendo nessa empresa por aproximadamente 18 meses. Nesta experiência profissional, seus conhecimentos adquiridos no curso técnico do SENAI e seu trabalho foram valorizados, levando-o a mudar de função e a ganhar um curso de aperfeiçoamento técnico pago pela empresa:

Com dois meses eu tava como líder, entendeu, tinha pessoas avaliando o meu serviço né? Depois a área de projeto mecânico me viu e me levou. **Foi aí que eu comecei eh... ver que valeu a pena o meu trabalho, meu estudo no SENAI entendeu? Nessa empresa aí eu fui valorizado.** Minha desenvoltura, né? Aí, eles começaram a ver um universo em mim. E lá eles pagaram um curso técnico de mecânica na Polimig para mim. Porque era interesse pra eles, porque lá tinha ponte rolante, tinha prensa, tinha cilindro de solda entendeu, tinha serviço de desenho, projeto de matrizes, a gente projetava. Um encarregado era projetista e gostava demais de mim.

Foi também nesse período que localizou dois elementos marcantes para entendermos sua história. O primeiro, foi o que ele chama de descoberta do “poder do álcool”, quando o uso de bebidas alcoólicas foi utilizado para relaxar e para desinibir. Durante o período em que estava fazendo o curso de mecânica, pago pela empresa, percebeu que durante o intervalo seus colegas iam ao bar e “tomavam uma branquinha” (cachaça). Aquele fato chamou sua atenção.

Rafael falou que “até então eu não tinha vício de álcool”, mas que já tinha visto em suas experiências profissionais anteriores, outros mecânicos fazerem uso de bebidas alcoólicas.

Até que um dia, cedendo à pressão do grupo de colegas que sempre lhe “ofereciam um golezinho”, ele experimentou e tomou uma pinga no intervalo de recreio, experiência que o levou a afirmar que “já conhecia [o álcool], mas assim, não por dentro!”. Com o passar do tempo, começou a perder o controle e passou a usar cada vez mais o álcool para se desinibir. O horário do intervalo do curso passou a ser aguardado para poder tomar o álcool e desinibir-se para fazer perguntas no período após o intervalo:

O álcool, ele atinge os neurônios né, atinge uma parte emocional e tal... Mas foi aí que eu comecei a embriagar né, eu todo dia na aula e já, sabe, **esperava a hora do recreio pra tomar uma lá e chegar na sala mais... Desinibe entendeu?** Eu era mais inibido né, desinibe, desinibe de fazer pergunta, porque geralmente cê tem medo de fazer uma pergunta né? E aí eu comecei a perguntar.

O uso constante do álcool durante os intervalos do curso “foi gradativamente abrindo a mente” de Rafael. Embora já tivesse feito uso de bebidas alcoólicas ao longo de sua vida, antes dessa experiência, o álcool não “entrava no inconsciente ou servia para aliviar tensões”:

Eu conhecia a bebida alcoólica, mas não sabia o poder que ela tinha. Tinha usado umas coisinha, uma batidinha, mas nunca assim. Tomava um pouquinho assim pra dançar, pra sair, mas não entrava no inconsciente. Mas ali [durante o curso na Polimig] já começou a entrar. Eu voltava, tomava e me ajudava a passar o tempo sabe? As aulas passava mais rápido entendeu? E foi gradativamente abrindo mais a minha mente. **Eu tomava assim, como é que fala, regrado né? [...] Era um alívio, um alívio de tensão, cê tá entendendo, um alívio momentâneo pra mim.**

O segundo elemento marcante no período em que estava nessa empresa foi a associação entre álcool, mulheres e trabalho. Com o passar do tempo, o uso do álcool durante o curso técnico foi se intensificando, e Rafael já não conseguia mais controlá-lo. Nesse mesmo período, começou a fazer uma nova associação que se tornaria muito presente em sua vida. À antiga “associação entre mulheres e trabalho”, desenvolvida no seu período de trabalho na GM, Rafael acrescenta o álcool. O serviço tinha a função de bancar os namoros e o álcool de dar contas das frustrações, sejam aquelas decorrentes da vida amorosa ou profissional:

Tinha um controle, mas aí depois eu comecei a associar o álcool com mulher, aí que foi devastador... **Então, foi aonde que eu comecei a introduzir e associar o álcool, o serviço e o emocional. O serviço eu associava pra manter os namoros.** Tipo, eu tinha que ir né, eu tinha que trabalhar. Como é que eu ia, eu queria, eu era um mecânico, como é que o mecânico vai andar como um “pé de chinelo”? Se você é um mecânico, você tem que provar que você é um mecânico.

Nessa ocasião, Rafael também começou a viver as primeiras experiências de estresse pela responsabilidade da tarefa que desenvolvia, especialmente, por aquelas atividades ou situações que o tornavam responsável pela segurança de outras pessoas. Dentre suas atribuições na empresa, era responsável pela manutenção de uma máquina que pesava cerca de meia tonelada. Se cometesse algum erro no reparo de tal maquinário, essa peça poderia esmagar o operário que a utilizava. Essa preocupação constante e que invadia sua vida pessoal, teve um impacto em sua trajetória, e é um importante fator para entendermos seu quadro de fadiga no trabalho:

A pessoa ela não caba aquele serviço ali e vai embora e deu fim não, aquilo ali tem que ter, tem um prazo ali de 48 horas pra..., sabe como é que é? **Então, aí cê já, no outro dia cê já acorda tenso.** Então, cê já ia pensando “Putá merda! Mais de 300 Kg de chapa lá em cima da matriz pesada”, cê tá entendendo? **Então, oh o estresse que cê leva pra casa.**

Tais exigências e responsabilidades geravam um constante estado de tensão e estresse, que parece ter desencadeado um quadro de fadiga. Rafael percebeu que sua responsabilidade pela atividade ia muito além do momento em que realizava o reparo. Para ele, essa carga de responsabilidade é tão séria quanto o trabalho de um médico, que pode causar grandes danos se realiza uma prescrição indevida.

Após as experiências com o álcool, e já conhecendo seu “poder”, iniciou uma nova experiência profissional em São Paulo, um trabalho temporário que durou apenas cerca de oito meses. Era uma empresa que fazia um rigoroso controle de qualidade do serviço desenvolvido por seus empregados. Mas o elemento desse período que sobressai e nos ajuda entender melhor sua história, foi a nova “função” que o álcool passou a ocupar em suas atividades profissionais. O álcool passou a ser utilizado não apenas para aliviar o estresse do trabalho, mas também para facilitar as relações no ambiente de trabalho. Sua forma rígida de se comportar, sempre “a ferro e fogo”, fazia com que fosse visto como uma pessoa pouco sociável. Nessas e em outras situações de conflito no local de trabalho, usava o álcool para “suportar” as dificuldades:

Vamos supor, eu brigava ou não tinha condição de bancar alguma coisa, **então, eu tomava pra esquecer, entendeu? E durante muitos anos eu fui me aplicando isso certo? Usando o álcool como álibi de fuga, pra não enfrentar os problemas.** Por exemplo, enfrentar o serviço. Quando eu talvez não tava gostando do chefe, de um colega, eu entrava no álcool, não ia trabalhar. **Às vezes, eu ia pro álcool pra tentar amenizar a dor, o álcool era pra quebrar essa resistência, esse sofrimento.** Eu acho que, eu falo por mim, que eu usava isso... Mas eu sabia que no fundo no fundo, depois que o álcool passava, que aquilo... Nada daquilo tinha sido resolvido, que aquilo continuava.

Terminado esse serviço temporário em São Paulo, Rafael voltou para Belo Horizonte, onde se encontrou desempregado e passando por uma nova crise financeira. Nesse período, que classificou como “uma fase de decadência”, entre 1985 e 1986, realizou trabalhos temporários como serralheiro e mecânico de refrigeração, ressaltando que trabalhou de forma “paliativa” para obter dinheiro. Em seguida, surgiu uma nova oportunidade de “trabalhar fichado”, tendo a estabilidade da carteira assinada. Após ter sido aprovado no teste prático, onde usou seus conhecimentos adquiridos no SENAI, começou a trabalhar na Imbrac, onde permaneceu por dois anos e meio.

Foi nesse período de trabalho na Imbrac que Rafael afirmou ter iniciado o uso do álcool no serviço (lembrando que ele já tinha feito uso do álcool apenas nos intervalos do curso da Polimig), ao se juntar com a “turma de mecânicos” que também bebiam. Houve uma cronificação da associação entre álcool, trabalho e relacionamentos amorosos conturbados, iniciada nos empregos anteriores. Particularmente nessa empresa, existiam muitas mulheres trabalhando com ele, no entanto, o fato de “ter muitas mulheres lá” e ele permanecer solteiro causava-lhe grande incômodo, já que não sabia como lidar com a expectativa social em torno de ter uma companheira. Tal situação era mais um fator que fazia com que recorresse ao uso do álcool. Relatou que saiu da Imbrac porque havia “sofrido uma decepção amorosa” com uma mulher que trabalhava com ele nessa empresa:

Eu já saí de serviço por causa de namoro, cê tá entendendo? Quando eu trabalhava na Imbrac. Lá, muitas mulheres, sabe? Mas eu não tinha uma mulher, e isso aí ficava na minha cabeça. Apesar de muitas mulheres assim, mas eu tinha que ter uma namorada minha. Quebrei a cara com mulher lá! Aí, eu juntei com uma turma de mecânico lá, foi aí que começou a introdução do álcool mesmo. Cê já não vai importando mais com nada, e associa o lado amoroso, com álcool, com serviço. Juntou tudo! Um era pra resolver o outro, acabava que o outro não resolve também sabe? Foi aí que eu começava a sair do emprego. Eu terminava um romance, pra mim acabava também aquela empresa.

Essa associação entre álcool, trabalho e namoros conturbados se agravou ainda mais no emprego seguinte, quando começou a trabalhar no Toalheiro Brasil. Nessa empresa, permaneceu por apenas seis meses e foi demitido por não cumprir os horários de trabalho em decorrência do crescente domínio que o álcool exercia em sua vida:

Então foi aonde que aí teve associação álcool, serviço e namoro... **É, foi uma associação que o álcool ganhou né, o álcool ganhou.** Assim, o álcool passou a me dominar e eu não dominava. **Ele [álcool] passou a me dominar e eu não dominava nem o namoro, nem o serviço.**

Ao sair do Toalheiro Brasil, pelo uso desregrado do álcool, passou por uma nova crise e por um longo período de desemprego, conseguindo apenas alguns trabalhos temporários na FIAT, Mannesmann e Açominas. Considerou essa fase como uma decadência profissional. Não fazia o uso do álcool nos empregos temporários para “segurar o emprego”. A estabilidade no emprego também era um importante regulador do uso do álcool feito por Rafael, percebemos que, nesse período, usava o álcool apenas depois que os contratos temporários terminavam.

Antes de apresentarmos a experiência profissional de Rafael na Empresa K, resumidamente descreveremos como ele iniciou e desenvolveu a trajetória de uso das bebidas alcoólicas.

3.1.3 As experiências com o uso do álcool

3.1.3.1 *Os primeiros contatos com o álcool*

Rafael teve seus primeiros contatos com o álcool ainda na infância. O pai era dono de bar, o que facilitava que os filhos tivessem acesso à bebida, embora relate que “nessa época não bebia, a não ser o que o pai, diariamente, oferecia”. Seu pai incentivava o uso de pequenas doses matinais de vinho, acreditando nas funções “medicinais” do álcool como “digestivo” ou “por ser bom pro coração e circulação do sangue”. Ele descreveu que esse uso moderado, instituído pelo pai, fazia parte da rotina do café da manhã em sua casa, tradição que se estendeu até o início de sua adolescência:

Mas aí na infância, assim, até os 10, 11 anos, era quase que obrigatório tomar um vinhozinho. Mas era pouquinha coisa. De manhã, só de manhã. E antes do café, tinha um queijinho e tal... O pai era daquele pessoal mais antigo né... E isso sumiu entendeu? Sabe, eu acho que parecia que ele [pai] dava isso em termos de saúde né. Aí, depois todo mundo tomava café sabe? Apesar da gente tomar o vinho, mas é que a gente não sabia, tomava como se fizesse parte do café, sabe? Tipo um leite, né? **Antes a gente tomava aquele vinhozinho que parecia que a gente ficava com mais apetite. Eh, meu pai tinha muitos problema com esse negócio de apetite.**

Durante o período da adolescência, Rafael relatou o uso esporádico de bebida nas “festinhas”. Os contatos com o álcool nessa eram formas de buscar um pertencimento à

“patota” e uma forma de “curtição”. Nesse período, o álcool não era usado para “resolver problemas”, função que só viria a se desenvolver futuramente:

Na época áurea, na época dos anos dourados, eu bebia era só pra... Às vezes, eu chegava numa festinha, antigamente tinha festinha né, tinha baile, tinha tudo. Aí, tinha muito negócio de calcinha de nylon, sabe essas batidas? Tomava ali só, né? **Na adolescência você quer fazer parte da tribo, né?** Da patota, na minha época chamava patota. **Até então, não usava o álcool pra resolver problemas, era só pra curtição.** Sabe, era só pra mostrar cê tá entendendo? Curtiçã, só curtiçã! Pouquinha coisa.

Rafael considerou que começou “a beber mesmo foi depois de velho, depois de 24 anos; é que até os 24 anos eu não tomava”. Ele considerou ter iniciado o uso de bebida quando estava “velho” porque começou a fumar quando estava com 10 anos, enquanto a bebida intensificou-se bem depois. Nesse período, passou a usar o álcool para lidar com as dificuldades e frustrações vivenciadas, principalmente, na esfera afetiva:

Depois eu descobri que a bebida ela bloqueava os sentimentos cê tá entendendo? Bloqueava assim, vamos supor eh... Que ver, eu tinha problema com você, por exemplo, eu tinha raiva de você, no caso, né? **Aí, eu ingeri a bebida e a raiva sumia. Então, desbloqueia. Então, eu tinha a ilusão né, que você depende da bebida pra ser feliz.** E aí também foi me levando pra dentro do namoro. Quando eu arrumava uma namorada a bebida entrava também pra mim aliar à namorada.

Mais tarde, como perceberemos, ocorreu uma generalização desse uso funcional do álcool como “bloqueador de sentimentos”, mas nesse caso, para permitir a realização da própria atividade de mecânico e responder a outras demandas do próprio local de trabalho.

3.1.3.2 O uso do álcool pelo pai e outros familiares

Como indicamos, o pai de Rafael estimulava o “consumo regrado” do vinho no café da manhã. O uso controlado que ele estabelecia para as bebidas é um elemento muito presente na história de Rafael, visto que o pai não era dependente do álcool: “Meu pai fazia o uso do álcool moderadamente, meu pai sabia beber. Eles falam que “filho de peixe peixinho é!” Mentira! Porque, senão, eu saberia beber”.

Destacou também que havia uma diferença na quantidade e na função que a bebida exercia na vida do pai. Rafael não conseguia fazer um uso moderado do álcool, respeitando “um

limite certo”. Para ele, o álcool passou a ser uma necessidade, uma forma de se “esconder dos problemas” ou “aliviar a dor e o sofrimento”:

Meu pai tinha um limite certo, até hoje falo: “pôxa como que ele conseguiu e eu não?”. Tomava e viveu 85 anos. **Eu acho que ele [pai] não fazia uso da bebida pra emocional entendeu? O álcool não era pra ele, assim, pra resolver problema. No meu caso, eu tinha necessidade porque eu punha na cabeça que era pra me esconder dos problemas, pra aliviar a dor, a pessoa sofre!** Igual eu falo mesmo, eu não sei! Como eu usava ele [álcool] **como um bálsamo**, uma coisa assim... Eu já passei a ter a necessidade cê tá entendendo? Aí, eu já comecei a depender disso aí.

Ao continuar comparando as diferenças entre o uso que o pai fazia do álcool e a sua experiência de beber, Rafael destacou que, além de ter um controle sobre a forma de beber, o pai também mandava fazer a bebida (cachaça) que consumia, “ele [o pai] sempre falava: ‘se você tiver que beber, toma uma coisa boa rapaz, cê toma essas coisa ruim! Cê tem que tomar, se você tiver que tomar, toma coisa que não vai te fazer mal’ ”.

Quando comparou os impactos do álcool em sua vida e na vida de seu pai, Rafael concluiu que o álcool foi benéfico para seu pai, mas teve efeitos negativos que impactaram sua vida, impedindo, inclusive, que realizasse alguns projetos pessoais:

Eu já fiz uma análise, o álcool tem um efeito benigno pra uns e maligno pra outros. Ele [pai] tomava e pra ele era uma coisa benéfica, porque era até bom pra saúde. **O álcool não afetava o emocional dele [pai] e em mim já afeta. Afeta, já mudo totalmente!** Vamos supor, seu eu começasse o tratamento com você, vamos supor, em outras palavras, se eu tivesse fazendo uso do álcool, com certeza eu não estaria aqui hoje. Porque já muda a minha personalidade sabe? **Muda assim, cê desanima com os seus projeto cê tá entendendo? Os projeto de vida sabe?** Vamos supor, cê lá vai assumir uma meta e quando entra o álcool acabou, esquece tudo. “Ah, não! Isso é bobagem”, sabe como que é?

Ao mencionar o histórico de álcool na família, relatou que tem quatro irmãos que bebem, mas que há uma diferença na relação que eles estabelecem com o álcool. Um deles, que é microempresário de turismo, faz uso moderado de bebida e não tem problema porque “o vício não pegou ele”. Já outros três irmãos, um gráfico, um policial militar e um funcionário público do Conselho Nacional de Energia Nuclear (CNEN) - situado em uma instituição pública de ensino superior - fazem uso de grandes quantidades de bebida e “bebem pra cair”. Rafael afirmou que essa diferença entre os irmãos, referentes à forma e à quantidade de bebida, tem uma relação com o tipo de atividade profissional que eles desenvolvem. Segundo ele, as especificidades do trabalho desenvolvido por cada um desses irmãos que “bebem pra cair” seriam a razão para esse elevado consumo de bebidas

alcoólicas¹⁸. Em momento oportuno, retomaremos as percepções de Rafael sobre as causas do uso do álcool entre os mecânicos e outras categorias profissionais.

Ao falar de outros familiares mais distantes que fazem o uso nocivo de bebidas, Rafael mencionou que um primo chegou a ser internado em um hospital psiquiátrico devido ao uso abusivo do álcool e outras drogas.

Ao descrever sua relação com a bebida antes do estado de abstinência, Rafael revelou que fazia um “uso compulsivo” do álcool, não conseguindo controlar tal uso. Ele só conseguiu perceber que o álcool era “traíçoeiro” depois de anos de uso. Todo um processo foi necessário para que percebesse que “tinha problemas com o álcool”, problemas que gerariam, inclusive, incapacidade para o trabalho:

Cada um tem um sistema, mas tem aquele negócio, tem pessoas que tomam o álcool igual tão tomando um café, não tem influência nenhuma pra ele. **É o que eu falo pra você, minha incapacidade era essa. Quando eu tomava, eu ligava uma tomada: “compulsividade ligado”! Aí, acabou, 24 horas, enquanto tivesse. Nem eu entendia por que aquilo. O álcool é violento, sabe ele é traíçoeiro!** Traíçoeiro porque ele dá à pessoa uma, uma sensação de alegria, mas não, aquilo ali é um modo de derrubar o cara, né? Então, isso aí eu vim aprender depois de velho, uns 40 anos, que eu vim aprender isso. Eu vi que o álcool tava me maltratando. Isso aí eu via, mas era covarde, não enfrentava. E aí eu reconheci que tem muitas pessoas que bebem e não têm problema. **Aí, eu reconheci em mim que eu tinha problema com o álcool, quando eu bebia, me incapacitava de exercer minha função entendeu?**

De forma geral, sua família sempre pedia para que ele “largasse o vício do álcool”, seu pai inclusive alertava-o sobre as conseqüências do uso nocivo do álcool para sua saúde e o criticava, principalmente, pelo não “cumprimento dos deveres” profissionais. No entanto, mesmo quando estava alcoolizado, Rafael encontrou apoio da família para poder se recuperar.

3.1.3.3 A funcionalidade do álcool - os vários usos da bebida

Ao longo de sua vida, Rafael foi descobrindo as várias possibilidades de um uso funcional do álcool. Esse processo foi marcado por uma série de eventos que descreveremos agora.

¹⁸ É interessante observar que já existem estudos que buscaram entender o alcoolismo entre os policiais militares do estado de Minas Gerais (GISCHEWSKI, 2004; NOGUEIRA, 2005) e entre os funcionários públicos de uma instituição federal de ensino superior (NASSIF, 2002), constatando uma presença importante do problema nessas categorias.

Lembremos que o primeiro uso do álcool, ainda na adolescência, foi apenas uma forma de “curtição” para buscar um pertencimento à “patota” e não era usado para “resolver problemas”. Rafael relatou que a associação entre álcool e relacionamentos afetivos teve início somente por volta dos 23, 24 anos. Nesse período, descobriu que “quando tomava um alcoolzinho, via que aquele amor dobrava. Eu sabia que o álcool tinha esse poder de dobrar, de esquecer. O álcool, ele vai lá na sua mente, mexe aqui [aponta para a cabeça] e mexe aqui [aponta para o coração]”.

Quando iniciou o uso mais intensivo do álcool, no período em que trabalhou na iniciativa privada, ele passou a obter um “alívio da tensão” provocada pelas exigências profissionais. O álcool foi percebido, então, como um eficiente “tranqüilizante” e “relaxante” para os problemas emocionais, permitindo também que suportasse melhor a constante cobrança de “não poder errar” no seu trabalho:

Tem muita gente que descobre no álcool um alívio de tensão. **Inclusive, até antes de eu, de eu tomar, eu era muito tenso no meu serviço entendeu?** Assim tenso, sabe aquela coisa de não errar, não errar, não pode errar sabe, preocupado sabe, prejuízo, aquele negócio, perder o emprego, que sempre você estava trabalhando tenso ali sabe e **quando eu comecei a ingerir o álcool né, eu notei essa diferença, isso é com certeza.** O álcool ele é relaxante né, ele é como é que é... tranqüilizante entendeu? **O álcool eu sempre usava ele como uma válvula de escape, tipo assim, eu tava com problema emocional, eu ia no álcool pra aliviar as tensões.** O álcool é danado, ele cria... eh... Como é que fala, na mesma época que ele me ajudava lá, como se tivesse lá numa boa, trabalhar numa boa... Vamos supor, é, vamos supor, é como você tomasse uma anestesia de calmante cê tá entendendo? **Também eu usava ele como calmante.**

Após algum tempo, Rafael descobriu que o uso da bebida também poderia ser uma forma de evitar os conflitos interpessoais no ambiente de trabalho. Quando tinha algum problema de relacionamento no serviço, usava o álcool para ficar “mais zen”. A convivência forçada com os colegas de serviço nem sempre era agradável, mas o uso do “álcool me liberava, mas liberava geral, eu chegava perto de uma pessoa que eu não tinha gostado”. Ele revelou como o álcool funcionava como recurso para ajudá-lo com os problemas de relacionamento no trabalho:

Cê tomava aí cê ficava mais “zen”, porque onde trabalha 80 pessoas, dificilmente cê vai né... O gênio ali né, não bate com outro, isso de relacionamentos. Se dá bem com uns, com outros cê já nem vai com ele cê entendeu? Mas aí cê tem que... tem que ter uma convivência de profissão né, é ou não é? E às vezes eu chegava pra chefia e falava: “ah, não dá, entendeu, vai ser melhor pra não dar atrito, então, separava”. **Que eu acho que o melhor jeito é você se afastar. E, às vezes, com o álcool isso aí não precisava, cê já trabalhava com quem cê... É incrível! Isso aí eu já usei demais. Essas picuinhas**

que eu detesto, mas isso aí na hora que ingeria o álcool, não entrava isso aí entendeu?

Tudo indica que havia uma medida no uso do álcool que lhe permitia lidar com as dificuldades e, ao mesmo tempo, desenvolver melhor suas atividades como mecânico, pois, segundo Rafael: “quando tomava pouco, sentia que desenvolvia bem e ficava mais aceso”. Não podemos nos esquecer de que estar concentrado em seu trabalho era uma pré-condição para sua boa realização. Ele percebeu também que o álcool bloqueava os problemas, as preocupações e os “pensamentos ruins”, liberando-o para realizar seu trabalho:

Eu notava que o álcool, ele bloqueava pensamentos cê tá entendendo? Eh... Vamos supor eu tava trabalhando ali fixo, mas talvez pensava em algum problema, mais à tarde entendeu? E o álcool ele fazia eu esquecer sabe, dava um bloqueio. Então é que eu via onde que a capacidade do álcool tem de bloquear até a dor entendeu? Até bloquear pensamentos sabe, comigo né, não sei se com outras pessoas. Bloqueava pensamentos ruins entendeu, que me deixavam tenso, emotivo, pensativo e o álcool liberava.

3.1.4 O casamento e o nascimento da filha

Rafael relatou que seus relacionamentos amorosos sempre foram “um monte de coisas erradas, pessoas erradas, muito errado [eu] era dominado por esse negócio de emoções forte, extra forte, tipo namoro”. Ele tentava levar o perfeccionismo que empregava em seu trabalho para as relações amorosas e, como essa busca não obtinha êxito, acabava sofrendo com as decepções afetivas:

Com esse negócio de ser, como é que é... perfeccionista nas coisas que eu fazia no serviço, eu também queria ser fiel, e no amor não existe isso! Assim, você não pode falar com o outro o que você é, e você tem que respeitar o outro do jeito que ele é. Então, eu sofri pra caramba!

Aos 37 anos, Rafael conheceu uma mulher com quem iniciou um relacionamento afetivo que culminou em casamento. Eles se conheceram por terem amigos em comum no bairro em que residiam. Rafael resume esse relacionamento dizendo que:

Foi tudo rápido, *the flash!* [risos]. Três meses namoro, três meses casamento, três meses de separação, não demorou nem um ano [risos]. Foi um casamento de fantasia, não tenho vergonha de falar isso, entendeu? Não foi um casamento de verdade, não tinha amor! Parecia que eu queria mostrar para a sociedade que eu tava casando, num erro meu, sabe? Tem muita gente que gosta de aparecer. Eu vivia para o outro, vivia para a sociedade. Hoje, a sociedade que se exploda! Primeiro lugar é eu, entendeu?

Ele avaliou que tal casamento aconteceu devido à grande pressão da sua ex-companheira e dos familiares dela. Foi motivado principalmente por uma gravidez não planejada da ex-companheira, que resultou no nascimento da sua filha. A ex-companheira havia ameaçado realizar um aborto, caso Rafael não assumisse a criança, fator que foi crucial para que ele cedesse à pressão e se casasse. Todos esses acontecimentos tiveram um grande impacto em sua vida. Segundo relatou, “aquilo ali mexeu demais com a minha cabeça, [...] foi um prazer que custou caro, era um romance alcoólico”.

Desse curto relacionamento com a ex-companheira nasceu sua filha, que na época das entrevistas estava com 12 anos. As dificuldades vivenciadas no casamento e a responsabilidade gerada por assumir a filha foram sentidas como um “baque” nesse período que antecedeu a sua entrada na Empresa K. Para tentar lidar com todas essas dificuldades, ele utilizou o álcool como uma “válvula de escape” para seus problemas:

Minha filha nasceu com cinco meses e duas semanas. **Quando minha filha nasceu... Aí, que eu tomei foi todas mesmo, eu não tinha noção do que era ter um filho.** Separado, endividado tudo que você pensar. Eu não güentei o baque né? Que tem gente que não güenta o baque! Eu não tinha essa experiência de como ir contra essas adversidades da vida. É onde que o álcool foi um escape, então. Na época, foi uma válvula de escape. **Pra quem tem problema com o álcool ele é uma válvula de escape pra ... pra esconder das responsabilidades.**

Rafael há 10 anos se divorciou amigavelmente e, desde então, voltou a residir com a mãe e dois irmãos. O momento de entrada na Empresa K coincide com o período do término do casamento e do nascimento da filha. Veremos que as responsabilidades trazidas pelo nascimento prematuro dessa filha e o fim do casamento foram elementos importantes para compreendermos e contextualizarmos sua história no momento da entrada na Empresa K.

3.1.5 História profissional atual

“Então essa entrada minha na Empresa K, pra mim, foi um divisor de água entendeu?”

3.1.5.1 A entrada na Empresa K

Para melhor entendermos como estava a vida de Rafael quando entrou na Empresa K, precisamos retomar alguns acontecimentos. Um componente que o motivou a realizar o concurso para entrar na Empresa K foi a necessidade de buscar uma estabilidade no

emprego. Como vimos, ele estava desempregado e dedicando-se a uma série de contratos temporários que descreveu como um período de “decadência” profissional.

Meses antes de sua entrada na Empresa K, como já mencionado, Rafael casou-se sob ameaça de aborto de sua companheira. Tal relacionamento entrou em crise, a qual terminou em um divórcio. Em meio a essa crise no relacionamento conjugal, ocorreu também o nascimento prematuro de sua filha.

Depois de superado o “baque” inicial pelo nascimento da filha, que como já mencionado, desencadeou um novo episódio de uso excessivo do álcool, Rafael sentiu que teria que assumir a responsabilidade pela manutenção dessa criança. Percebemos que essa experiência, apesar de ter ocorrido em um momento de crise, foi um importante acontecimento na sua vida, pois não apenas fez com que buscasse um emprego estável, como também foi um forte incentivo para que se mantivesse abstinente.

Outro acontecimento importante, que antecedeu a entrada de Rafael na Empresa K, foi o seu envolvimento em um acidente de carro. Nessa ocasião, estava dirigindo alcoolizado, havia dormido pouco na noite anterior e também brigado com a mãe de sua filha. Uma das conseqüências diretas desse acidente foi um aumento de suas dívidas, que já estavam altas pelo desemprego freqüente e os gastos também gerados pela bebida. Após a fase inicial do nascimento da filha e o acidente com seu carro, ele entrou em estado de abstinência.

Rafael percebeu que sua entrada na Empresa K veio na “hora certa”, já que estava com 38 anos, uma idade considerada “velha” para entrar no mercado de trabalho: “na área mecânica, minha idade é fim de carreira pra pegar serviço. Então, foi uma luz no fim do túnel que surgiu. Quando eu arrumava um emprego ali, sabe é recessão mandava muita gente embora, a Empresa K veio no momento certo, na hora certa”.

Esse preâmbulo se faz necessário para entendermos como estava sua vida e o que o levou a ingressar e permanecer na Empresa K. Vejamos agora como foi seu processo de adaptação numa empresa pública, que guarda alguns elementos semelhantes aos trabalhos da iniciativa privada e outros aspectos, muito singulares, que foram cruciais no agravamento de seu quadro de alcoolismo.

Ao entrar na Empresa K, Rafael relatou que sentiu insegurança e ficou com “medo de não dar certo, por não saber como é que eu vou fazer a mecânica aqui?” Embora sejam áreas

próximas, a adaptação de mecânico ajustador industrial para mecânico de manutenção exigiu-lhe um grande esforço cognitivo. A vivência desse primeiro momento foi muito difícil:

Eu entrei como auxiliar mecânico, eu falei assim: “não, eu sou mecânico industrial, não quero mexer com caminhão”. Não gostei não! Sujeira, aquele negócio. Eu era mecânico ajustador, pô! Trabalhava com lima, medição. Pega aqueles caminhão lá, falei: **“nossa! Isso não era a minha área”**. **Nos primeiros trinta dias deu vontade de sair, eu vi que não tava batendo comigo, sabe?**

Para Rafael, a existência de limites e regras bem claros no ambiente de trabalho era um fator organizador. Quando trabalhava nas empresas privadas, era grande a exigência para que o empregado “desse produção, você tinha que tá se atualizando em medidas. Eles [empresa] não querem saber, você tá lá pra trabalhar. Então, você segue as regras, você se educa!”. Essa constante cobrança por “produção”, feita de forma clara e padronizada na iniciativa privada, ele não percebeu na nova empresa. Acrescentou que o uso do álcool era “punido” com severidade nessa época, e que só conseguiu “introduzir um pouco o álcool” em alguns períodos da sua experiência de trabalho na iniciativa privada.

Devemos deixar bem claro que ele não nega a existência de uma “cobrança por produção” por parte da chefia da Empresa K, no entanto, tal cobrança não era baseada em critérios estabelecidos (e divulgados) claramente entre os trabalhadores, tão pouco ocorria de forma padronizada e regular, variando de acordo com o estilo gerencial (e o humor) da chefia.

Rafael ilustrou como o estabelecimento de regras pela empresa era um fator crucial para organizar seu funcionamento dentro do ambiente de trabalho. A “falta de regras e limites” no setor público seria um dos fatores que levariam o trabalhador a um processo de descaracterização:

Você conhece o Rubião¹⁹? É um escritor, ele era funcionário público. Falou que **“ser funcionário público é suicidar-se aos poucos” e eu concordo com ele, um pouco. Porque nessas empresas privadas você tem regras e eu fui acostumado com essas regras entendeu? Aí, você chega no serviço público, já é mais avacalhado**. Eu trabalhava numa empresa lá em São Paulo, quando ligavam pra mim eles anotavam, depois eles me davam alguns minutos pra mim dar o retorno. Então, você acostumou com aquelas regras sabe? Quando entrei na Empresa K achei estranho, o telefone lá tocava: “atenção, telefone pra ciclano!”. Aquele alto-falante lá: “atenção, ciclano telefone!”. Falei: “uai! Ouvi a mesma pessoa umas cinco vezes”. Falei: “uai, tem alguma coisa errada”. Passava dez minutos: “atenção, ciclano de novo!”. Falei: “uai! Que empresa é essa gente?” **Aí,**

¹⁹ Alusão ao conto “O ex-mágico da Taberna Minhota” do escritor mineiro Murilo Eugênio Rubião (1916 – 1991). In: WERNECK, Humberto (org.). **O pirotécnico Zacarias e outros contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

eu vi que eu fui descaracterizando, o funcionário público, infelizmente descaracteriza o trabalho. Você chega mais tarde, deixa você entrar. Leva o atestado, abonou! Você perde aquela educação que você tinha.

Ele estabeleceu um paralelo marcando as diferenças que percebeu entre suas experiências de trabalho no setor privado e público. A “falta de regras” dentro da Empresa K foi um elemento que lhe causou um grande estranhamento. Mesmo tendo indicado anteriormente os impactos nocivos que as regras rígidas e a pressão por produção do setor privado geraram à sua saúde, Rafael também percebeu como prejudicial a “falta de regras” que encontrou no serviço público, segundo ele: “prejudicou assim, porque você não tem cobrança, você não sabe como pode fazer certas coisas, não tava acostumado e isso me prejudicou”.

Ao que nos parece, ele admite que os dois contextos de trabalho prejudicaram-no, tanto na situação de rigidez e cobrança extrema da iniciativa privada, quanto na flexibilidade excessiva da Empresa K. As duas formas de organização do trabalho parecem ter sido nocivas para ele. A organização flexível do trabalho na Empresa K, por exemplo, permitiu que ele fosse “relaxando” e retomasse o uso do álcool:

Serviço público eu vou te falar com você uma coisa, não é metendo a ripa não, mas é um serviço que me prejudicou. Diz que não tem a seriedade, pessoal relaxa, dois, três dias já era. Assim, você relaxa tudo, o ser humano ele não pode... ele não pode relaxar. E foi aí que eu fui entrando, não é que eu tô culpando lá não, lógico que não, cada um tem a sua, né? Mas eu tô falando, aí começou e eu usei álcool lá. Mas aí, mas foi aonde que o homem é produto do meio, você sabia disso? Não tô generalizando, mas vão supor, **se já tem a predisposição pra bebida, chega num ambiente desse!** Então, aí foi onde que eu comecei!

É interessante ressaltar que a organização flexível do trabalho, em geral, é considerada positiva para a saúde dos trabalhadores (MONIZ, 2002). Entretanto, no caso dele, foi percebida como negativa, possivelmente por sua grande dificuldade de encontrar em si mesmo as referências para balizar sua conduta, visto que este balizamento era quase sempre externo. Sem a existência de uma regra externa clara para controlá-lo e estabelecer as diretrizes de comportamento que ele deveria adotar, ele parecia “ficar perdido”.

Rafael estava em abstinência ao entrar nesse novo contexto de trabalho como servidor público e não encontrou, por parte da empresa, uma política clara de controle do uso do álcool pelos servidores. A entrada na Empresa K foi decisiva para o agravamento do seu consumo nocivo de bebidas alcoólicas e de sua dependência do álcool, pois lá encontrou

um contexto em que, segundo relatou: “você pode tomar o álcool. Foi um divisor de águas também pra mim a Empresa K, eu falei: “Ou eu vou trabalhar, ou eu vou beber””.

3.1.5.2 “A máfia da cana” - a grande disponibilidade do álcool e as estratégias de consumo

Rafael contou que ao entrar na Empresa K “estava parado com o álcool” e motivado em aprender o novo trabalho. No entanto, manter-se abstinente não foi possível, segundo ele, devido à grande oferta de bebida existente no local de trabalho e o assédio dos colegas. Ele sugeriu que a grande disponibilidade de bebida no local de trabalho²⁰, o que ele chamou de a “máfia da cana”, foi um elemento prejudicial para ele:

Igual eu quando entrei lá eu tava parado, aí depois de um dia, dois dia [os outros mecânicos] te fala: “oh, se cê gosta de tomar uma.” **Aí, já vem a facilidade, é tipo uma máfia:** “aí, sô, se você gosta de uma?” Cê vai resistindo, mas isso aí não foi dando certo pra mim, algumas vezes eu conseguia trabalhar, desenvolver o trabalho. Mas depois lá pra mim não foi benéfico, não é benéfico porque lá a facilidade de ter o álcool é demais. Por isso que eu falo, a oferta tem isso lá também, tem o ambiente que cê trabalha. Quando eu entrei na Empresa K pegou mais porque tinha [álcool] em todo lugar, em todo lugar tinha. **Facilidade que tinha, foi aonde que aí que uniu mesmo a bebida, serviço. Porque aí você tem todo dia, aí comecei a beber.**

Ele relacionou também o uso do álcool com a busca de alívio para o estresse e para as tensões que sentia na realização da atividade, ressaltando que “não é na Empresa K que eu aprendi a beber não, eu já tinha o exemplo que o álcool era um calmante”. Como já vimos em sua trajetória, esse uso funcional da bebida já havia sido descoberto antes, ao tentar superar as dificuldades encontradas em outras experiências profissionais.

Com o passar do tempo, Rafael revelou que foi se familiarizando com essa relação entre o trabalho e álcool na Empresa K. À medida que perdia o “limite” no uso do álcool, percebia que entrava em um processo de “descaracterização” que fazia com que deixasse o trabalho de lado. O somatório desses novos fatores: a “máfia da cana”, a inexistência de “um chefe” no serviço público e a falta de cobrança por produção, contribuíram, segundo ele afirmou,

²⁰ Como já apontamos anteriormente, entendemos que o fato de existir uma grande disponibilidade do álcool no local de trabalho não pode ser entendido como o principal fator de risco para desencadear ou desenvolver o quadro de alcoolismo no ambiente de trabalho. Tal disponibilidade do álcool é apenas mais um dos inúmeros fatores presentes na história de Rafael e que nos auxilia na compreensão das relações entre o uso de bebidas alcoólicas e seu contexto de trabalho.

para o aumento gradativo do uso de álcool e intensificaram o seu processo de “descaracterização”.

O que Rafael resumiu como “descaracterização” pode ser entendido como uma série de mudanças de atitudes e comportamentos que ele adotou após sua entrada na Empresa K. Como estava acostumado com o estabelecimento de regras rígidas pelas empresas onde havia trabalhado, quando chegou à Empresa K ficou “desorientado” por não ter regras para seguir. A liberdade de ir de um setor a outro durante o expediente de trabalho, a facilidade de justificar as faltas e os atrasos com atestados médicos, a grande disponibilidade de álcool na empresa e não ter que trabalhar com a “cobrança por produção”, foram elementos novos na sua vivência profissional. Veremos mais à frente, que esse processo de descaracterização também envolveu uma desvalorização dos seus conhecimentos técnicos como mecânico e a reduzida possibilidade de crescimento profissional, elementos que lhe causaram sofrimento. Mas antes, apresentaremos alguns elementos de regulação coletiva do consumo de bebidas dentro da Empresa K.

3.1.5.2.1 As estratégias de organização da “máfia da cana”

A “máfia da cana” possuía um sistema próprio de regulação que incluía estratégias individuais e coletivas para permitir o consumo de bebida durante o horário do serviço. Rafael relatou que já usou de várias estratégias para beber durante o horário de trabalho e/ou para disfarçar que estava embriagado. Ele revelou que existe uma logística para fazer o uso da bebida no trabalho:

Você podia inventar, falava o caminhão tá com isso, tá com aquilo. Quando eu entrei lá não, tinha álcool em qualquer lugar, embaixo do caminhão, perto da árvore. Agora, hoje já, hoje nem sei mais onde é que tem e tal. Lá tem a logística lá eh... caminhão velho lá embaixo, é uns caminhão velho, cê vai lá pra deitar dentro do caminhão cê nem sabe onde é que cê tá. Escondido entre o motor e o caminhão cê tá entendendo?

Atualmente, ele utiliza a doação de sangue no hemocentro local como uma estratégia para manter-se abstinente. No entanto, quando começou essa rotina, a doação de sangue era um mecanismo para “ganhar o dia” de trabalho:

Eu dôo sangue no Hemominas tem 10 anos, quer coisa melhor pra uma auto-estima? Pôxa, sou doador de sangue! E lembro uma vez também que serviu também como mecanismo... **Eu tava doando né justamente pra beber sabe,**

pra não ir trabalhar, ganhava o dia entendeu? Então, isso aí... a doação de... Já ia falar doação de álcool, olha pra você ver! [risos] A doação de sangue.

Também existiam as estratégias coletivas para possibilitar o uso do álcool durante o expediente de trabalho. Havia uma série de códigos para sinalizar o pedido de auxílio ao outro colega de trabalho e locais específicos para ficar enquanto estava alcoolizado. Também existia uma rede de apoio entre os mecânicos, especialmente entre os que faziam o uso do álcool dentro da Empresa K, de forma que um mecânico “cobria o serviço do outro” quando estava alcoolizado:

Um colega meu lá, de vez em quando ele toma, aí, ele ia lá dormir e eu ia fazer o serviço dele e vice-versa, se ele soubesse também que eu tava sabe, meio assim oh, aí, já [fala para o outro mecânico]: “oh, tô ali no caminhão e tal, qualquer coisa cê me rende”. Então, é um código, cê tá entendendo a facilidade? Tem um outro lá que tá lá mexendo passa e oh [faz sinal com a cabeça indicando o canto da sala], tem código. É coisa que não tem jeito de acabar. Igual um colega meu lá falou assim: “se gritar pega ladrão aqui, um vai agarrar no outro”, entendeu?

As estratégias de organização e regulação da “máfia da cana” sinalizam o quanto é marcante a rede de suporte entre tais trabalhadores. Também demonstram a importância e a força do grupo de trabalho como elemento que pode desencadear, manter ou intensificar o uso de bebidas alcoólicas.

3.1.5.3 “Suicidar-se aos poucos” - a desvalorização do saber e a falta de perspectivas de crescimento profissional

Passaremos a entender agora outro elemento que Rafael considerou como agravante para o seu aumento de consumo de bebidas alcoólicas na Empresa K. Já descrevemos como foi o processo de adaptação ao novo trabalho e às formas de uso do álcool presentes nesse contexto. Acrescentaremos agora como ele percebeu a desvalorização dos seus conhecimentos e a falta de perspectiva de crescimento profissional.

A habilidade de Rafael em desenhar foi um elemento que contribuiu para sua adaptação nessa nova empresa. Inicialmente, teve algumas possibilidades de colocar em prática suas habilidades como desenhista, aproximando-se das experiências profissionais anteriores na área de ajustagem mecânica em que utilizava suas habilidades para desenhar e projetar.

Seu interesse pelo conhecimento e o alto nível de cobrança pessoal e profissional foram importantes fatores para esse processo de adaptação na área de manutenção mecânica dentro da Empresa K. No entanto, tal adaptação não ocorreu sem dificuldades. Com pesar, Rafael falou como sentiu que muitos de seus conhecimentos e habilidades, adquiridos na formação profissional no SENAI, foram desvalorizados:

Meu negócio era desenho, cheguei lá o negócio tudo no giz. No giz! Isso aí, **pra mim que era um mecânico que ia lá, tal, tinha que fazer o desenho, traçar tudo na medida.** E não ter como consertar esse erro. Falavam: “pô, aqui você tá é na Empresa K”. Tipo assim, **pode fazer de qualquer jeito tá bom. Eu trabalhava numa mecânica mais sofisticada,** mais precisa sabe? Não era assim, eu não era mecânico de campo, eu era um mecânico mais detalhista, né? Pra mim fazer um eixo ali, eu tinha que fazer os desenhos.

Ele ilustrou como foi o seu “choque” quando efetivamente percebeu qual era a nova realidade de trabalho em que teria de se enquadrar, um misto de improviso e desvalorização do que tinha aprendido:

Chegando lá [na Empresa K], achei aquilo estranho, tinha um soldador trabalhando na peça, eu falei: “vou traçar direitinho para você tá?”. Ele falou: “que traçar o que?” Ele foi lá pegou o giz e zap! Falei: “meu Deus do céu!” **Eu era acostumado a fazer serviços precisos, então foi um choque que levei, eu ia pegar um compasso, fazer a medida do diâmetro,** né? O cara pegou o giz e vrum, e ainda fala: “isso aqui é assim mesmo!” **Aquilo ali para mim foi um choque, foi como se meu conhecimento como mecânico não tava valendo nada.** Perguntei: “puxa, aqui é assim?” Os colegas [falaram]: “meu filho, agora você tá no serviço público”.

Rafael sentia-se inapto para atender a algumas demandas de sua nova atividade na mecânica de manutenção. Avaliou que primeiro deveria ter recebido um treinamento da empresa para somente depois “ser introduzido no campo”. Segundo ele, um efeito desse aprendizado realizado “na marra” é que muitos mecânicos não possuíam alguns fundamentos técnicos necessários para a realização da atividade de manutenção. O efeito acumulativo dessas “coisinhas” que vivenciou na Empresa K, parece ter abalado sua estrutura psicológica:

Eu vi que profissionalmente o cara não vai crescer nada. Se perguntar lá pra um mecânico o que é um número decimal, o cara não sabe. Se você falar o que é um parquímetro ele [responderá]: “o que é isso?” São essas coisinhas. Tecnicamente você pega um desenho, você vai fazer a peça de acordo com a norma, pode ser ABNT e ISO. E lá não tinha nada disso, tudo no giz. **Isso foi um baque assim pra mim, que tinha feito SENAI.** Há muitos anos, mas sempre trabalhei em empresa que usava. Com certeza isso afeta qualquer um, sabe? Então, eu sentia assim pequeno, são essas coisinhas que veio caindo assim... Fiquei assim **“pô, não vou subir nem nada, não vou crescer!”**. Como que você vai se sentir amparado? É porque gostava das coisas mais certinhas, porque eu

trabalhava assim. **Então, isso que eu tô te falando, isso abala a estrutura, querendo ou não abala sua estrutura psicológica.**

Rafael lembrou como o sentimento de estar no “fim de carreira” foi decisivo para ele “concordar com o sistema” e se adaptar ao novo emprego na Empresa K. No entanto, indicou que o uso do álcool e o trabalho não podiam andar juntos nessa adaptação, “um tinha que dá lugar pro outro, quando eu tava no álcool eu não tinha condição de trabalhar não”. À medida que ocorria a cronificação do processo que chamou de “descaracterização”, ocorria uma gradativa valorização do uso do álcool como forma de lidar com as frustrações do trabalho.

Outra forma de desvalorização percebida por ele eram as retaliações que alguns encarregados impunham aos mecânicos. As “perseguições” no serviço levavam a uma perda de prestígio e a um sentimento de humilhação. Para essas ocasiões, que se somavam ao estresse inerente da atividade e à grande disponibilidade de bebidas, o uso do álcool podia ser uma válvula de escape:

Um mecânico que tá trabalhando, o encarregado tirar ele e por numa outra área. **O cara fica [com] raiva, falta de prestígio, o cara vai lá e toma uma.** É um tipo de perseguição, já vi vários pondo mecânico para varrer, isso é retaliação. **Tem sérios fatores né que levam a ter o álcool lá** [Departamento de mecânica], **o estresse, o acesso fácil.** Isso aí também eu acho que é uma causa. Quando eu entrei na Empresa K eu tava abstinente, [...], é um serviço estressante a área mecânica, tensão e tal, quando eu vi o acesso. Aí, é uma hora [...] que você não agüenta segurar a barra vai lá e toma uma.

Descreveremos a seguir alguns elementos indicados por Rafael que tornam o trabalho dos mecânicos “um serviço muito estressado”.

3.1.5.4 “Um serviço muito estressado” - as preocupações e responsabilidades do trabalho

Rafael nos falou da responsabilidade que seu trabalho exige e, em vários momentos de seu relato, percebemos que tal responsabilidade gerou um constante quadro de estresse e fadiga por “sempre ter que levar a preocupação do trabalho para casa”. Veremos agora como tal elemento foi fundamental para sua trajetória de uso do álcool. De início, ele nos descreveu como percebia a responsabilidade de realizar sua atividade falando o que é “estressante” no trabalho da área de mecânica de manutenção, segundo ele explicou, “o trabalho não é muito

difícil, o que estressa mesmo é que você mexe com... com uma coisa que envolve muitas vidas! Isso aí já é estressante, né?”

O fato de ficar constantemente preocupado com a atividade que realizava teve um impacto na sua saúde. Ele falou de um conjunto de sentimentos presentes durante a realização do trabalho de mecânica, sentimentos que envolviam uma sensação de grande responsabilidade (pela “pressão de não poder cometer erros”) e a apreensão pelo resultado do trabalho realizado, bem como a sensação de alívio e euforia ao saber que o trabalho teve êxito e “o caminhão rodou sem problema”. Todos esses sentimentos, em associação com as suas características de personalidade e dificuldades emocionais, geravam um quadro de estresse e sofrimento em Rafael. Como dispunha dos conhecimentos profissionais da área mecânica, ficava antecipando o que poderia ocorrer com o veículo e, conseqüentemente, sentia-se responsável pela integridade física das pessoas.

Ao falar das exigências do seu trabalho, ele descreveu o que chamou de “estresse no trabalho do mecânico”, o que podemos entender como um quadro de fadiga. Esse estresse vivenciado por ele possuía dois componentes, o primeiro seria o desgaste físico, referente às exigências que a atividade impõe ao corpo dos trabalhadores. O segundo componente desse estresse seria um desgaste psíquico, decorrente da constante preocupação com o trabalho que foi realizado:

Às vezes, excesso de trabalho demais e no outro dia você chega tá lá, aquele excesso de novo sabe, isso tudo vai dando... sabe fadiga?! Fadiga e além da fadiga, tem aquele serviço físico que cê tem. Mas um serviço que cê liberou, ele cê já liberou ali, pensa que cê liberou? Não, ali onde é que ele vai, cê vai imaginando, cê vê ele [caminhão] na rua. Então, se cê tá no serviço ali, cê já sabe que tem que fazer um bom serviço pra quando o carro sair cê não ter... porque não pode haver erro, não pode, não pode! Frenagem, direção não pode haver erro. **Então, aqueles caminhão passa a ser parte da sua vida.** Mas o caminhão ele é assim, cê tem que fazer ele não com 10%, você tem que fazer ele 100%! Por isso ele passa a ser sabe, que ele passa a ser um serviço de responsabilidade.

Como já comentado anteriormente, o que lhe trazia maior sofrimento não eram as exigências físicas do trabalho, mas sim as exigências psíquicas para dar conta do “estresse no trabalho do mecânico”. Ele não se queixava necessariamente do excesso de trabalho físico, mas das responsabilidades inerentes a sua atividade e das formas pouco claras de como a Empresa K “cobrava resultados e produção”.

Rafael sugeriu que o álcool auxiliava na diminuição da tensão que esse serviço provocava, ao mesmo tempo, em que tinha consciência de que esse trabalho de muita responsabilidade não era compatível com o uso do álcool:

Então, você já ia pra casa com o caminhão na cabeça entendeu? O álcool nessa hora serve pro cê desligar um pouco. O serviço mecânico, ainda mais lá [Empresa K], é um serviço muito estressado, não pode haver erro em certas coisas lá. Caminhão já é igual um avião, se tiver uma peça vencendo! Então o cara faz um serviço lá, se ele [caminhão] tiver lá 70 km, 80 km por hora quando você olha uma coisa, já era! **Senti que era um serviço de muita responsabilidade. Foi onde que eu tive consciência de quando eu tava no álcool eu não trabalhava.**

Com o passar do tempo e a cronificação do uso do álcool, Rafael contou que a experiência de associar o álcool ao trabalho gerava-lhe dificuldades e grande ansiedade, pois além de impossibilitá-lo para a realização da atividade, trazia o medo de acidentar-se ou causar algum dano a outras pessoas. Essa percepção foi um fator crucial para que ele não trabalhasse enquanto estava em estado de embriaguez.

A falta de autonomia para desenvolver seu trabalho, experimentado na Empresa K, também foi outro fator elencado por ele como um causador de estresse no trabalho. Segundo nos contou, em muitos casos ele não podia decidir quanto à seqüência ou ordem em que realizava suas atividades diárias.

Rafael afirma que em diversas ocasiões a chefia exigia prioridade em um determinado reparo, fazendo com que ele parasse uma tarefa na qual ele já estava envolvido e iniciasse outra. Em alguns casos, após atender a tal “reparo prioritário” da chefia, tinha grande dificuldade de retomar a “linha de raciocínio” da atividade interrompida anteriormente. Tais interrupções “irritavam muito porque você não consegue terminar o primeiro serviço! Pior ainda quando o caminhão fica parado depois, esperando dois, três dias outras peça para reparar. Pra que essa correria?”

3.1.5.5 A percepção de Rafael sobre as causas do uso do álcool entre os mecânicos e outras categorias profissionais

Até aqui mostramos como Rafael percebia sua relação de consumo de bebidas no trabalho. Mas ele foi além, indicando os elementos presentes nos contextos profissionais que podem

levar ao uso do álcool. Como veremos, ele descreveu algumas categorias profissionais, incluindo a sua, que fazem uso de grandes quantidades de bebida para execução das tarefas.

Ao comparar o uso de álcool pelos mecânicos com outras categorias profissionais, destacou que existem algumas diferenças. A primeira diferença é que há uma relação entre o tipo de serviço que a pessoa desenvolve (que acarretaria em maior ou menor nível de estresse) e a forma como ela consome o álcool, indicando que o local onde se bebe também é diferente. Mesmo dentro da já mencionada “falta de regras” do serviço público, Rafael também estabeleceu uma diferenciação entre o trabalhador da Empresa K que exerce seu “trabalho limpinho” no escritório e o “mecânico desleixado da oficina”:

Meus irmãos que mexem com escritório, então, eles falam que tomam uma cervejinha de leve no fim de semana. É o tipo de trabalho limpinho, sabe? Mecânico é mais desleixado, vai de qualquer jeito. E esse pessoal que trabalha em escritório, eles sabem que sempre eles podem tomar, mas sempre depois do serviço. Cê vê nos bares é tudo pessoal de escritório, ali tem engenheiro, mas sempre depois, **ele tem um estresse normal**. Quem trabalha na área burocrática né, não bebe no serviço, mas bebe nos barzinho na sexta-feira.

Quando falou das semelhanças dos profissionais que fazem uso de grande quantidade de álcool, além dos mecânicos, ele acrescentou o gráfico, o pedreiro, o motorista de ônibus e o trocador. Segundo ele, a bebida é “um bálsamo” para essas atividades que ele classificou como “serviços estressantes” nos quais os trabalhadores estariam submetidos a grandes níveis de responsabilidade e cobrança:

Eu acho, igual, talvez daqui uns anos vou fazer um livro, **eu acho que o álcool, quando a pessoa usa ele nesses serviços que são estressantes é tipo uma anestesia sabe, um bálsamo entendeu, uma coisa que dá uma sensação de prazer entendeu?** Olha, eu falo com você, de 10 mecânico, isso aí é com certeza, de 10 mecânico 60% faz uso de álcool. Igual na área de pedreiro, que eu conheço, eu falo com você, aí já é até mais elevada ainda. Essa área de servente, pedreiro e tal, também tem um serviço e tal, de cada 10, 8, isso é com certeza, conheço lá. **Então, eu acho que é mais é a responsabilidade cê tá entendendo, é cobrança, cobrança, cobrança!**

Ele comparou os mecânicos e os pedreiros, sugerindo que o uso do álcool seria uma estratégia que esses profissionais utilizam para dar conta do estresse no trabalho. Rafael denominou esses trabalhos como “serviços de hiperatividade” na qual “a pessoa se mexe muito, trabalhando corpo e mente ao mesmo tempo” devido às grandes exigências físicas e mentais dessas atividades. Ao apresentar elementos da sua categoria profissional, indicou que o uso do álcool também seria um “complemento da atividade” e uma forma de ser aceito pelo grupo de trabalho:

A maioria das oficinas cê pode olhar, é churrasco no sábado, aí tem o álcool. **Parece que é um complemento do serviço, como se fosse um prêmio.** A pessoa fez o serviço e fim de semana vamos bebemorar. Parece que você tem que entrar no meio também, até mesmo pro cê familiarizar na seção. Você pode olhar que toda mecânica ela tem um grupo ali que sai, isso eu notei em várias empresas que eu trabalhei. **Agora, se caso você não faz uso também, você fica fora do grupo. Fim de semana o grupo sai e você não vai?**

3.1.5.6 O adoecimento na Empresa K

A pessoa vira um trem sem freio, entendeu, porque ela não sabe nem onde é que ela vai. Caminhão sem freio, eu falo que eu sou um caminhão sem freio.

Até aqui indicamos quais eram os fatores no ambiente de trabalho da Empresa K que favoreceram ou levaram Rafael a intensificar o uso do álcool. Passemos agora a reconstruir o episódio do seu adoecimento. Como veremos, os problemas afetivos bem como as preocupações financeiras com as dívidas, incluindo a manutenção da filha, sempre o acompanharam, desde sua entrada na Empresa K.

A fadiga acarretada pela constante preocupação com as responsabilidades do trabalho, a falta de perspectiva de crescimento profissional, acrescida do não reconhecimento dos conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória, levam-no ao que ele classificou como uma “descaracterização”. Apresentaremos agora os outros elementos que se somaram a essa cadeia de fatores e que colaboraram para seu quadro de adoecimento e posterior afastamento do trabalho.

Percebemos que Rafael sentiu a perda do pai, uma figura de referência que ele admirava. Sendo o filho mais velho e por ter retornado à casa de sua mãe, sentiu-se na obrigação de ocupar o lugar de “homem da casa” e decidir como a casa deveria funcionar, sendo que tal postura gerou alguns conflitos domésticos. Rafael também iniciou um tratamento psiquiátrico, que incluía o uso de uma medicação contra um quadro de depressão ocasionado pelo período da abstinência e pelos outros problemas já mencionados. O uso desse medicamento foi fundamental para que ele voltasse a trabalhar e mudasse sua conduta na Empresa K, passando a se dedicar muito mais ao trabalho.

Eu tomei antidepressivo que me ajudou muito bem, a minha vida melhorou. Eu fui na médica, ela receitou esse remédio que depois de 15 dias foi mudando meu metabolismo, de uma hora pra outra parece que eu saí do fundo do poço, comecei a acordar. Aí, eu comecei a me interessar por serviço, depois que eu comecei a fazer o tratamento voltei a trabalhar e comecei as coisas que eu tava

fazendo. **Eu comecei a ser o primeiro a chegar [no trabalho].** Esse Sertralina²¹ me ajudou mesmo a equilibrar o meu emocional.

Nesse período, ele relatou que também estava freqüentando regularmente as reuniões do PPAA, mesmo tendo algumas dificuldades para convencer a chefia de que era importante para ele freqüentar tais atividades: “tinha resistência, lá no serviço eles queria te podar, aí eu falava: “não, oh, negócio lá que eu tô fazendo, tratamento com o psicólogo, lá é sério, e tem que colocar outro [funcionário] ou arrumar um jeito””. Rafael estava há três meses em estado de abstinência quando iniciou seu adoecimento na Empresa K. Esse quadro de abstinência era, para ele, “horrível, a pior coisa que tem é a abstinência, o excesso de nervosismo”.

Ele relatou que um “mecanismo” utilizado para manter-se abstinente foi começar a prática regular da caminhada como atividade física. Essas mudanças coincidiram também com o início de sua participação nas atividades do sindicato dos servidores públicos e com a retomada de um projeto antigo de obter a habilitação como motorista. Todas essas atividades foram responsáveis por uma aceleração em seu ritmo de vida, o que demandava bastante tempo e dedicação. Percebemos que tal aceleração em suas atividades, incluindo o aumento de horas extras no trabalho, causou-lhe um efeito no seu corpo: “sabe como é que é, foi de uma vida que era estática, que era ali imóvel? Então, isso aí meu corpo deve ter estranhado”.

A regularização dos horários de sua alimentação e sono também foram mudanças que ocorreram em sua rotina: “se você me visse barrigudo, 10 quilos acima do peso, aí, comecei a controlar minha alimentação. Às vezes, controlava até demais, não comia direito”. Rafael começava a indicar que voltaria a repetir a mesma “falta de medida”, ao manifestar uma “compulsividade” também na aceleração das atividades que desenvolvia, incluindo o trabalho. Essa falta de medida se manifestou no processo de controle do “relógio biológico”, um desajuste que começava a dar seus primeiros sinais:

Acho que eu me excedi em algumas coisas, eu ia trabalhar e tinha dia que eu não almoçava. Queria perder peso, sabe? Eu comecei a tomar água de manhã e

²¹ O cloridrato de Sertralina ou Zoloft® segundo informações do laboratório fabricante: “O princípio ativo de Zoloft® é o cloridrato de sertralina e age sobre o neurotransmissor serotonina. [...] A falta desta substância no cérebro pode causar depressão, transtorno obsessivo compulsivo, transtorno do pânico, transtorno do estresse pós-traumático, fobia social e síndrome da tensão pré-menstrual e/ou transtorno disfórico pré-menstrual. Zoloft® ajuda a corrigir o desequilíbrio químico da serotonina no cérebro e a aliviar os sintomas dos transtornos mencionados acima.” Disponível em: < http://backoffice.pfizer.com.br/Bula_Pfizer/Zoloft.pdf >. Acesso em: 02 fev. 2008.

comecei as caminhadas, comecei a duplicar! **Aí, eu senti que comecei a trabalhar e comecei a sentir um pouco de fraqueza né, teve um dia que eu comecei a ter bambeza.** Eu comecei a ter esses sintomas, mas falei: “ah, isso deve ser que eu fico, às vezes, sem comer!”

O ápice desse processo de aceleração nas atividades que Rafael estava vivenciando ocorreu em um episódio de adoecimento no olho esquerdo, o que ele chamou de “acidente com o olho”, embora ele não tenha, até a presente data, um diagnóstico referente ao seu adoecimento. Segundo nos contou, o seu adoecimento começou com dores e dificuldades de enxergar com o olho esquerdo, seguido de um inchaço no olho e perda parcial da visão.

Ele falou que no dia do “acidente com o olho” estava se programando para encontrar com o psicólogo do PPAA e, em seguida, ir para as aulas da auto-escola. Não havia almoçado ainda. Mesmo com dificuldades para enxergar com o olho esquerdo e os sintomas de bambeza e fraqueza, foi para casa sem procurar auxílio médico naquele dia:

Comecei a ter esses sintomas. Antes de eu chegar [no PPAA], a minha vista escureceu, comecei a passar mal, a vista embaralhou. Sentindo mal-estar, sabe estômago vazio, mas vontade de vomitar. Quando cheguei em casa eu falei: “gripe né, tomar um banho, passando mal vou tomar um bicarbonato aqui e vou deitar.” Quando eu olho no espelho esse olho [esquerdo] meu aqui caído e esse aqui aberto. Eu não fui no médico esse dia, devia ter ido. Tomei um banho lá nem jantei esse dia [...]. Aí, quando eu acordei de manhã tava pior, tive que ir no médico.

Inicialmente, Rafael percebeu que a licença médica poderia descansá-lo “um pouco da fadiga do trabalho”. Mas, com passar do tempo, as sucessivas perícias sem um diagnóstico definido fizeram com que tivesse uma noção mais clara da seriedade do seu quadro de saúde. Ao falar da falta de um diagnóstico dos médicos, ele atribuiu seu adoecimento ao processo de “acúmulo de frustrações emocionais e materiais” que vivenciou durante anos:

Eu falei [com o médico]: “você me dá uns dias, vai ser até bom que eu tô sentindo um pouco de fadiga, né? Vai ser até bom”. Eu falei: “mas isso tudo?” Fui fazendo perícia, e na última agora fiz todos os exames que você pensar, só falta a ressonância. Não deu nada. Ah, uns falam que é assim grave, outros falam que é oftalmológico. **Ninguém chegou num denominador comum. Esse negócio que aconteceu eu acho que isso aí vem de muito tempo, de muito tempo né? De frustrações que você sofre entendeu? Tanto emocional como material!**

Rafael também considerou que a grande aceleração e dedicação “compulsiva” às atividades em que estava envolvido durante o período de abstinência também contribuíram para seu adoecimento, o qual ocorreu “justamente quando eu tava alto vapor no sindicato, alto vapor no serviço. O encarregado me elogiava, trabalhando pra caramba, com afinco”.

Após alguns meses de repetidas perícias sem um diagnóstico que lhe explicasse o que aconteceu com seu olho, ele decidiu pedir aos médicos sua reintegração ao trabalho, mas não obteve sucesso, visto que os médicos mantiveram seu afastamento. Como veremos adiante, a falta do trabalho e as pressões vivenciadas no período do afastamento levaram-no a querer ser reintegrado ao serviço.

3.1.5.7 “Saindo da sociedade” - a vivência do afastamento do trabalho

Às vezes até sonho que eu tô lá no trabalho, eu sonho que eu tô trabalhando. Mas aí eu falo: “opa!”, mas aí eu acordo e falo: “graças a Deus, foi sonho!”

Tentaremos abordar agora o modo pelo qual Rafael percebeu e vivenciou seu adoecimento, entendendo que esse afastamento também foi uma fonte de sofrimento para ele. Nosso objetivo é mostrar como o trabalho tem um papel ambíguo em sua trajetória. O mesmo trabalho que estressa e adoce é o que oferece realização e reconhecimento.

Ao falar do período de afastamento do trabalho, Rafael considerou que, inicialmente, o percebeu como uma oportunidade de descansar do serviço, mas com o passar dos meses foi crescendo sua apreensão por não saber o que estava acontecendo com sua saúde:

Mas foi duro, no início eu queria, né? Cê tava cheio de serviço: “vou ficar descansando”. O difícil foi no começo do mês, tava bem mal né, não conseguia andar direito. Então, eu pensei: “nossa! Será que eu fiquei com derrame? Será que eu tive um AVC, isquemia?” Com a cabeça a mil sabe como que é? Pensa que sua vida tá chegando ao final entendeu? Depois você vai tratando.

Ele relatou que o fator que lhe causava mais sofrimento, além de não saber seu diagnóstico, foi não poder contar com a compreensão de sua família quando adoeceu. Relatou os comentários da sua família, que chegou a insinuar que ele estava “mentando” sobre seu quadro de adoecimento, mas após sucessivas perícias que recomendaram a continuidade do afastamento do trabalho, a “família foi aceitando”.

Rafael admite que o trabalho possui o potencial de trazer uma “satisfação pessoal”, mas ressaltou que não se trata de qualquer trabalho, mas aquele que lhe proporcione a sensação de “produtividade”. Mesmo sentindo-se útil e capaz de realizar alguns eventuais reparos dentro de casa, sentia falta de desenvolver uma outra atividade em que seria reconhecido e estaria sendo “produtivo”. Ele complementou revelando como o trabalho invade outras

esferas de sua vida, percebendo seu afastamento como uma “saída da sociedade” por considerar que está “sem produtividade”:

Já tem mais de um ano que eu tô parado. Inclusive, eu tava até hoje fazendo um monólogo comigo, que essa minha saída da sociedade, entre aspas, é um prato cheio para a depressão, entendeu? Ainda mais que tá abstinente alcoólico, é um prato cheio pra mim chutar o balde. Porque querendo ou não se sente um pouco diminuído, assim sem produtividade. **O ser humano parece que ele quer produzir, ele quer mostrar, ele quer ser, ele quer ser útil. Cê sai do convívio da empresa, cê sai da sociedade. Convívio do serviço que faz parte, querendo ou não, é ou não é? Faz uma parte ali do seu conviver, faz uma parte da sua vida.** Cê vai lá, cê tem os seus né, seus problemas, assim seus erros né. Faz parte do seu cotidiano.

Mesmo tendo vivido problemas no seu do trabalho, a ruptura causada pelo afastamento teve desdobramentos profundos na vida de Rafael. A falta do trabalho e de sentir-se útil para a sociedade é tão presente que chega a se manifestar em seus sonhos:

Igual eu quando eu afastei [do trabalho] **eu sonhava que eu tava trabalhando. Engraçado, sentindo falta até das coisas ruins!** Às vezes, sonho, até hoje ainda sonho eu mexendo no caminhão, aquela vida que cê tem sabe como que é? Até hoje eu ainda sonho essas partes, alguns lances que aconteceu lá no tempo que eu tava na ativa. **Então, isso tudo de vez em quando fica no subconsciente e passa como se fosse um filme. Aí, acordo e tal, aquele negócio, mas aí que eu vejo né, eu tô afastado né?**

3.1.6 Os planos para o futuro

Quando nos falou de seus projetos, Rafael relatou com muito orgulho que estava se dedicando mais à sua filha e fazendo planos para adquirir um apartamento, já que estava sanando suas dívidas que o perseguiram por anos. Percebemos que o nascimento de sua filha teve grande importância no seu processo de recaída no alcoolismo, mas também, na manutenção do seu estado de abstinência. A responsabilidade pela sua educação permitiu-lhe recuperar a auto-estima.

Quando fizemos os últimos contatos, Rafael tinha retomado os estudos e pretendia concluir o ensino médio e, em seguida, fazer cursos de aperfeiçoamento na área de mecânica para realizar serviços extras. Afirmava manter o estado de abstinência, que estava se acostumando com a sua nova rotina e aprendendo a diminuir o ritmo de suas atividades. Na busca de um equilíbrio em suas escolhas, pretendia continuar sua caminhada, só que agora “com calma, desacelerar um pouco pra não dar superaquecimento”. Contou que passou a se valorizar e não assumir para si todas as responsabilidades. Ele também reconhecia que a

extrema e constante preocupação com o funcionamento da empresa teve impactos diretos em sua vida:

Agora eu tô me valorizando. Antigamente, também eu valorizava muito o serviço, eu pegava a carga do serviço todo, entendeu? **Eu pensava que a empresa dependia de mim, eu ficava preocupado, coisa que não era a minha função.** Tinha esse problema também, eu arrumava a máquina, sempre eu ia pra casa pensando assim: “será que essa máquina tá funcionando?” **Aquilo tudo vinha em mim. Então, são coisas que mecânico também faz.**

3.1.7 Análise do caso

Apesar de uma série de adversidades que sofreu em sua infância e com alguns adoecimentos causados pela precariedade de recursos financeiros, Rafael não teve maiores problemas durante essa fase da vida. Mesmo tendo iniciado muito cedo o uso do álcool para “fins medicinais” como “abrir o apetite”, esse fator, por si só, não deve ser considerado como desencadeador da sua história de alcoolismo. Mesmo porque, em nossa sociedade contemporânea, segundo Fishman (1988, p. 45), o álcool é considerado um “[...] instrumento de rituais para abrir o apetite, estimular uma conversação, inspirar bons sentimentos, propiciar boa sorte e inspirar coragem contra o medo, a timidez e as adversidades.”

Um elemento muito presente na história de Rafael é a necessidade de ele exercer um papel de liderança ou de ser uma referência para as outras pessoas. Tal liderança foi percebida ao longo de sua história quando buscou exercê-la dentro de sua casa, entre seus amigos e colegas de trabalho. Manter essa liderança e ter um papel de destaque sempre foi muito valorizado por ele. No entanto, esse destaque exigia dele um alto preço, essa forma de perceber o mundo gerava um sentimento de grande auto-cobrança.

Ao longo da sua infância e adolescência, uma forma encontrada por ele para garantir o sucesso e destaque entre os colegas foi recorrer aos estudos, especialmente, ao curso de formação profissional no SENAI. Sua entrada no SENAI “caiu como uma luva” para seu modo de funcionamento, pois a organização escolar “tipo Exército” desta instituição, favoreceu a sua constante busca pela ordem e por regras bem estabelecidas. Devemos ressaltar que esse período em que fez formação profissional no SENAI coincide com o período em que o Brasil estava sob o regime político de Ditadura Militar, época de intenso

controle da população por meio do Estado e com estabelecimento de regras rígidas e violação de muitos direitos civis. Foi nesse contexto “cheio de regras” que ele completou sua formação e ingressou na vida profissional.

A busca por “regras bem definidas” e sua forma rígida de percebê-las ou segui-las, como vimos, foi crucial para entendermos o “choque” que sentiu ao entrar na Empresa K. Até o momento em que entrou nessa empresa, estava acostumado com muitas regras para organizar e manter sua forma de trabalhar e, até mesmo, para regular seu consumo de bebidas. Como já mencionado, apesar da organização flexível do trabalho, em geral, ser considerada um fator positivo para os trabalhadores, no caso de Rafael, as regras do trabalho possuíam um papel organizador em sua vida. Como vimos, ao chegar numa empresa que funcionava de modo bem diferente, ele se viu sem referências, não sabendo mais como regular sua conduta profissional, assim como o uso do álcool.

Nos relatos de Rafael há evidências de algumas dificuldades sofridas na realização da atividade laboral na Empresa K, dificuldades estas que vão muito além das exigências relativas ao trabalho em si. Alguns dos principais pontos destacados por ele foram: a pressão e o estresse decorrentes da responsabilidade demandada pelo trabalho e o uso do álcool associado à atividade de mecânico de manutenção de veículos, não apenas como um “elemento cultural” da categoria profissional, mas como forma de “dar conta” do estresse do trabalho.

Inicialmente, devemos deixar bem claro que ele não estava se queixando de uma grande quantidade de trabalho em si, mas sim da fadiga gerada pela constante preocupação com as responsabilidades exigidas por esse trabalho. O seu alto nível de cobrança pessoal, além de sua dificuldade em lidar com a falta de regras, também foram elementos que contribuíram para o seu quadro de adoecimento na Empresa K.

Ao longo de sua infância e juventude Rafael, marcou a importância que sempre deu ao ensino e ao conhecimento. Esse valor atribuído aos estudos é um ponto muito importante para entendermos o sentimento de desvalorização e decepção ao chegar à Empresa K. Quando percebeu que seus conhecimentos não seriam utilizados e, diante da falta de perspectiva de mudança ou crescimento profissional, entrou no processo que descreveu como “descaracterização”, no qual deixou de usar os seus conhecimentos e começou a “relaxar no serviço”. Como vimos, a organização do trabalho nessa empresa, associada a

uma série de experiências que foram se acumulando ao longo de sua vida, foram cruciais para que deixasse de se dedicar ao trabalho e passasse a introduzir cada vez mais a bebida no seu contexto profissional.

De acordo com Seligmann-Silva (2003), a impossibilidade de progressão na carreira é um elemento de risco para o desenvolvimento do alcoolismo. O uso das bebidas alcoólicas nesse contexto pode ser entendido como um caráter compensatório para tal falta de perspectivas. Tudo indica que o agravamento do alcoolismo de Rafael também foi consequência dessa “descaracterização” que ele viveu na Empresa K.

Quando Rafael percebeu a impossibilidade de alcançar, em suas atividades na Empresa K, a realização por meio da execução de seu trabalho especializado como mecânico, no qual “fazia uso de medidas, do paquímetro e das normas da ABNT e ISO”, ele começou a agravar seu quadro de alcoolismo. Entendemos que esse processo de “descaracterização do trabalho” descrito por ele envolveu a perda do prazer em realizar seu trabalho e foi agravado pela insatisfação com a atividade que desenvolvia na Empresa K, juntamente com as dificuldades de relacionamento no ambiente de trabalho. Esse conjunto de fatores culminou em um desinteresse por sua atividade.

O mesmo processo de “descaracterização” pode também ser entendido como uma perda da qualidade no trabalho realizado por Rafael, pois suas tarefas na Empresa K não tinham o mesmo “rigor técnico ou a precisão” que ele estava habituado a desenvolver. Perceber que estava deixando de lado um “valor” que preconizava a realização de um trabalho de alta qualidade e o uso de princípios técnicos com precisão, e não “tudo feito no giz” como na Empresa K, foi outro fator que lhe trouxe sofrimento. Clot (2006) já indicou como é fundamental para a saúde dos trabalhadores a qualidade que eles atribuem às atividades desenvolvidas por eles. Hirata (1991) adita que a desvalorização no (e do) trabalho também pode levar ao consumo abusivo de álcool.

3.2 A HISTÓRIA DE MÁRCIO²²

Quando realizamos as entrevistas, Márcio estava com 47 anos. Ele foi indicado para o nosso estudo, tanto por um dos psicólogos do Setor de Psicologia da Empresa K, que já o atendia fazendo um acompanhamento psicológico, como por outros colegas entrevistados. Na época das entrevistas, ele trabalhava na Empresa K há 13 anos e ocupava o cargo de oficial de manutenção mecânica.

Márcio já havia participado do Programa de Prevenção ao Abuso de Álcool (PPAA), desenvolvido pelo Setor de Psicologia e freqüentava as reuniões dos Alcoólicos Anônimos (AA), estando, na época das entrevistas, abstinente há cerca de quatro anos.

A seguir, serão apresentados alguns elementos da sua trajetória de vida e de suas atividades de trabalho, elementos que podem nos auxiliar no entendimento do seu quadro de alcoolismo e de suas possíveis relações com a atividade de mecânico.

3.2.1 A infância, adolescência e a família de origem

Márcio nasceu em 1960, no município mineiro de Sete Lagoas, sendo o filho mais velho de quatro irmãos. Por volta de 1977, a família se mudou para Belo Horizonte, onde reside até hoje.

O alcoolismo de seu pai teve desdobramentos que, segundo ele, o afetam até hoje. Ele afirma não se recordar de muitos fatos de sua infância, mas reconheceu que essa fase de sua vida foi marcada por esse problema do pai, que também, “por coincidência”, trabalhou como mecânico:

Eu lembro é da cachaçada, assim, o que me marcou mesmo foi a cachaça, as brigaiada. O que eu lembro mais ou menos daquela época [infância] era que meu pai enchia a cara, sabe? Era aqueles cara assim, ignorante, chegado a álcool, aquele negócio todo. Era brigador também na época, muito brigador.

²² Adotamos um nome fictício para preservar a identidade do trabalhador.

Márcio relembra que tudo isso provocou grande desgaste no relacionamento de seus pais, bem como entre o pai os filhos. Ele relatou que sua mãe sofria duplamente com o alcoolismo do marido, primeiro, por não conseguir que o marido saísse do quadro de dependência do álcool e, segundo, por não conseguir defender seus filhos das conseqüências do alcoolismo do esposo:

Hoje em dia mulher não agüenta isso não, sai de casa... Naquela época era diferente, tinha muito esse negócio de família. **Minha mãe foi agüentando pela vida toda... sempre sem reação. Chorava calada. Ele [o pai] me tratava igual a um cachorro e aquilo me revoltava. Não sei se minha mãe tinha medo, mas ela não fazia nada pra me ajudar.**

O quadro de alcoolismo do pai de Márcio também acarretou problemas no âmbito laboral. Logo que se mudou para Belo Horizonte, começou a trabalhar como mecânico na Polícia Militar, mas foi expulso da corporação por ter capotado um dos carros, possivelmente por ter ingerido álcool.

De acordo com Márcio, foram poucas as ocasiões em que seu pai demonstrou maiores cuidados para com os filhos. Ele não se lembrava de ter recebido qualquer tipo de apoio ou incentivo do pai durante a infância, a única exceção foi a compra de uma enciclopédia quando tinha 10 anos, episódio que acabou se tornando outra fonte de sofrimento:

Não lembro de ter ganhado nada dele [pai]. Ganhei uma vez uma coleção, o cara passou vendendo uma coleção, três livros. **Eu queria aqueles livros e com muito custo, foi uma coisa rara na vida, eu consegui que ele [pai] comprasse.** Era uma enciclopédia ilustrada e ele queria que eu gravasse, que eu estudasse os livros todos. Era tipo um dicionário sabe? Eu falei: “isso aqui é pra pesquisa, não é pra estudar!” **Aí [o pai] apelou comigo, me chamou de burro, aquele negócio todo.** Eu falei: “não, isso aqui é pra pesquisa”, depois **ele [pai] falou que não devia ter comprado aquele negócio, que era um dinheiro desperdiçado.**

Márcio relatou que durante a infância teve algumas dificuldades no seu processo de escolarização, atribuindo tais dificuldades aos problemas de relacionamento que experimentava no ambiente familiar. Ele acredita que “esses problemas de aprendizagem”, como ele nomeou, podem ser atribuídos aos conflitos vivenciados com o pai, especialmente em decorrência do quadro de alcoolismo. Seu pai frequentemente depreciava-o e desconsiderava suas capacidades, ofendendo-o e chamando-o de “burro” em diversas ocasiões.

As poucas lembranças que guardava do período em que frequentou a escola são descritas como “traumáticas”, devido aos constantes episódios de constrangimento e humilhação que passou nesse período:

Eu via que eu tinha capacidade, mas era como se o negócio entrasse por aqui e saísse por aqui [indicando as orelhas]. Às vezes, a professora falava alguma coisa, eu entendia na hora e de repente o negócio fugia, mas eu sabia que era fácil! Eu não sabia como fazer depois... Eu já tava totalmente traumatizado com aquela circunstância ali. Aí, ela [professora] escolhia eu pra fazer o negócio lá no quadro, **eu não conseguia fazer, ficava lá olhando, totalmente deslumbrado, envergonhado com aquele punhado de aluno, e ali chamava de burro mesmo.** Essa professora quase arrancou minha orelha. Aí, ela já me puxava pra cadeira, pela orelha, aquele negócio todo. **Eu me sentia completamente morto!**

Ele ainda completou afirmando que “precisou de 30 anos pra superar esses anos todos. Eu tinha mania, antigamente, de começar a chorar sem motivo, talvez era vontade de explodir, eu não sei”.

Como sua vida em casa e na escola “era um inferno”, Márcio relatou que apenas nas brincadeiras da infância encontrava uma forma de empregar suas habilidades, sentia grande satisfação em construir os próprios brinquedos, afirmando que se sentia “preenchido” ao construir um aviãozinho e utilizar algumas ferramentas que tinha em casa. Tais brincadeiras também eram percebidas como uma forma de se aproximar dos irmãos, já que eles tinham, em geral, pouca intimidade e raramente falavam entre si sobre os problemas vividos.

Com o passar dos anos, Márcio foi aprendendo a guardar seus problemas e a isolar-se de alguns contatos sociais. Tais características, como veremos, foram preservadas durante anos, fazendo com que se comportasse de forma mais retraída e tivesse dificuldade de falar sobre seus problemas profissionais ou sobre o seu quadro de alcoolismo.

No ambiente familiar havia também uma diferenciação na forma como o pai tratava os filhos e as filhas. O pai costumava ser mais rigoroso e ríspido com os filhos, especialmente com Márcio, por ele ser o filho mais velho, e tinha menos conflitos com as filhas, principalmente a irmã caçula. Para Márcio, essa diferenciação pode se dever ao grau de consumo de álcool do pai, pois durante o período da infância das irmãs o pai reduziu bastante a quantidade de álcool ingerida. Inclusive, foi logo após o nascimento da filha mais nova que iniciou o processo de abstinência.

Não apenas a esposa, mas também outros familiares tentaram fazer com que ele deixasse de beber, recorrendo aos alcoólicos anônimos (AA) e a internações no hospital psiquiátrico

Galba Veloso, embora essas medidas não tenham surtido efeito. Segundo Márcio, seu pai só entrou em processo de abstinência aos 46 anos, quando seu organismo estava bastante prejudicado pelo uso abusivo de álcool e já apresentava vários problemas de saúde, como um distúrbio da tireóide que ele se recusava a tratar de maneira adequada. Ele havia chegado a um ponto limite em que “ou ele parava de beber ou morria”, pois além dos problemas de saúde, decorrentes do alcoolismo, ele passou a ter ainda maiores dificuldades no relacionamento com familiares e pessoas próximas, isolando-se cada vez mais.

Márcio acreditava que o adoecimento de seu pai, falecido aos 56 anos devido a um derrame, foi agravado pelo longo quadro de consumo de álcool. Ressente-se quanto ao tipo de relacionamento estabelecido com o pai ao longo de sua vida: “até ele morrer, a gente nunca conversou quase, nunca teve um papo assim, sentou pra bater papo. E foi isso, ele morreu e nós não conversamos”.

Durante as entrevistas, relatou que o relacionamento com o irmão e irmãs continuava distante. Ele estava ajudando sua mãe a fazer com que o irmão, que também possuía problemas relacionados ao consumo excessivo de álcool, deixasse de beber. Segundo Márcio, somente agora o irmão tem demonstrado uma maior abertura para lidar com o alcoolismo, porque está vendo que “a cachaça o está derrotando”.

Ao falar da sua adolescência, Márcio localizou o primeiro episódio em que ingeriu bebida alcoólica. Estava com aproximadamente 16 anos quando começou a beber, embora ainda sem excessos. Começou experimentando vinho, depois passou a beber cachaça com Coca-Cola, em seguida cerveja, cachaça com cerveja e depois apenas cachaça. Afirmou que gostava da sensação de “bem-estar” que a bebida fornecia e que a “paixão” por tal sensação pode gerar outras conseqüências: “se você começar a se apaixonar por esse bem-estar você vai se levando, vai querer aquele bem-estar constantemente e aí vira aquela bola de neve”.

Nessa época, quando saía para se divertir e bebia antes de ir para os “bailes”, Márcio costumava beber em companhia de alguns poucos colegas. Adotava tal estratégia porque as bebidas dentro dos “bailes” eram mais caras que nos bares das imediações. Ele relatou que às vezes bebia grandes quantidades antes de entrar, pois assim já chegava “alterado” nos bailes. E quando entrava, bebia apenas uma quantidade suficiente para manter o estado de euforia, estado no qual ele acreditava ficar mais espontâneo e descontraído, permitindo que “conversasse mais” e pudesse aproveitar melhor o baile.

3.2.2 Trajetória profissional

Em todos os lugares que eu tive trabalhando, mesmo ganhando pouco, eu procurava fazer o melhor. Procurava ser criativo, melhorar, aprimorar, arrumar um jeito mais fácil. Talvez seja o meu dom ou o meu carma! Tem gente que tem o dom pra fazer música, eu não tenho o dom pra fazer música, mas às vezes eu tenho o dom pra me harmonizar no serviço, de uma forma ou de outra, talvez seja isso!

Márcio contou com orgulho que sempre foi muito trabalhador, começando a desenvolver alguns “biscates” ainda quando era criança. Ele foi criando algumas oportunidades para conseguir dinheiro, pois era com a renda dessas atividades que comprava as próprias roupas e contribuía para o orçamento familiar:

Se tem uma coisa que eu guardo em mim é que eu sempre fui muito trabalhador. Desde pequeno, em Sete Lagoas, já juntava esterco, ia pro meio do mato e juntava esterco, juntava capim e esterco e depois ia vendendo. Depois eu comecei a vender picolé. Sempre trabalhei, juntava cobre, juntava lata, ferro velho também. Ferro velho hoje tá fora de moda, mas vendia ferro velho, latinha, juntava latinha. Sempre correndo atrás, ajudando em alguma coisa.

Já na infância, buscou sua autonomia financeira, procurando não depender do pai. Ele afirmou ter começado a trabalhar muito cedo porque acreditava que o pai não se preocupava com ele. Desde muito novo teve que se “mexer” para conseguir suas coisas:

Eu não me lembro do meu pai ter me dado roupa. **Depois que eu comecei a mexer [trabalhar] eu mesmo fui comprando. Mas nunca meu pai tinha comprado que eu lembre.** Uma vez eu ganhei uma calça né, mas **a partir do momento que eu comecei a vender os negócio eu mesmo comecei a comprar minha própria roupa.**

Desde muito cedo, o trabalho começou a se configurar, para ele, não apenas como forma de suprir suas necessidades financeiras e materiais, mas também como um meio de valorizar-se e empregar suas habilidades, buscando uma independência e reconhecimento, algo que não encontrava em seu relacionamento com o pai.

Durante sua juventude, o local de trabalho também era um lugar de refúgio e fuga dos problemas domésticos. Quando tinha alguma discussão com o pai, principalmente quando este o maltratava, Márcio saía de casa e pedia aos patrões que o deixassem dormir no emprego, para que ele não tivesse que voltar para sua casa. Esse padrão de sair de casa e se “refugiar” no trabalho se repetiu até o início da vida adulta, sendo que em diversas ocasiões chegou a viajar para outras cidades para afastar-se desses problemas, embora sempre retornasse para a casa de seus pais por se preocupar com a mãe e os irmãos.

Quando tinha cerca de 10 anos, logo após mudar-se para BH, começou a trabalhar como ajudante em uma oficina mecânica próxima à sua casa. Trabalhava durante a manhã, lavando as peças e auxiliando os mecânicos. Nesse emprego, tinha a oportunidade de observar o trabalho dos mecânicos e começou a interessar-se.

Seu primeiro emprego com carteira assinada foi aos 15 anos, quando começou a trabalhar em uma empresa que processava chapas de aço para fabricação de caixas de correio. Também nessa época, em 1975, fez o curso de mecânico na Utramig e o curso de torneiro mecânico no SENAI. Procurou fazer os cursos porque já gostava dessa área.

Contou que descobriu esse interesse logo que começou a trabalhar nesta firma de chapas de aço. Um vizinho, que também trabalhava na mesma empresa, estava vendendo um fusca. Ele queria ter comprado o carro, mas não tinha condições financeiras na época. Embora ainda não tivesse contato direto com a área da mecânica, seus colegas lhe diziam que a “manutenção de fusca era muito fácil”, se ele comprasse o carro não teria problemas em mantê-lo. Mesmo não tendo comprado aquele fusca, gostou da idéia de consertar os veículos, por isso dedicou-se aos cursos da área de mecânica.

Nesse primeiro emprego trabalhou como operador de guilhotina, fazendo o corte das chapas de aço. Relatou que embora não tenha tido nenhum acidente grave durante o período em que atuou nessa empresa, reconheceu que havia alguns riscos na realização da tarefa e não foram raras as situações em que se cortou com as chapas. Em uma das ocasiões em que teve um corte profundo no dedo, outro funcionário da empresa apenas aplicou um remédio (Merthiolate) no ferimento e enfaixou o dedo, orientando-o para que retomasse suas atividades. Apesar dos riscos e acidentes, Márcio identificava nesse local de trabalho um lugar para afastar-se dos problemas familiares:

Eu gostava de lá, engraçado! **Era melhor tá lá que dentro de casa. Era bom porque dentro de casa tava com meu pai, era meu pai e aquele negócio todo, né?** Inclusive, essa oficina que eu trabalhei, quando eu fui pegando certo “tempo de casa” lá, eu pra evitar ir pra casa, eu costumava ficar nos fundos, dormir lá, já levava as panelinha, fazia comida, ficava 10 dias, 15 dias, pra não ir em casa.

Em 1979, Márcio teve sua primeira experiência de trabalho na Empresa K, começou a trabalhar no almoxarifado como funcionário terceirizado. Sua mãe já trabalhava nessa empresa como telefonista e informou-lhe sobre a existência de uma vaga de trabalho para almoxarife.

Nesse seu primeiro ingresso na Empresa K, inicialmente suas atividades foram de limpeza e conferência do estoque, mas, à medida que foi se familiarizando com o Departamento de Manutenção de Veículos e o trabalho de almoxarife, passou a desenvolver outras atividades. Conseguiu ocupar outros cargos, como escriturário e auxiliar administrativo, relatando tais promoções com grande orgulho, por considerar que foi uma forma concreta de reconhecimento de suas habilidades e esforços em relação ao trabalho. Percebia essas promoções como uma prova real de sua competência.

Nessa época, contou que fazia pouco consumo de álcool, mesmo assim, era restrito aos fins de semana e nunca durante o trabalho. Segundo ele, um fator da organização da atividade como almoxarife que “dificultava” o consumo de álcool era o número reduzido de servidores naquele setor (apenas três) e o isolamento físico existente entre eles. Como eram poucos funcionários para realizar uma grande quantidade de trabalho e atender às demandas de todo o Departamento de Manutenção de Veículos, não “sobrava tempo para beber”.

Ele avaliou que o trabalho no almoxarifado era “muito passivo, ficando muito quieto”. E afirmou que o atrativo no trabalho é a “inovação constante, quebrar a cabeça”, dedicar-se a “um trabalho que te dá trabalho, não apenas do ponto de vista físico, mas que também ocupa a sua mente, alguma coisa que te preenche, te distrai e absorva”.

Márcio trabalhou como almoxarife na Empresa K até o ano de 1982. Essa sua primeira passagem pela empresa é importante porque, mesmo estando no mesmo Departamento de Manutenção de Veículos da Empresa K, onde voltou anos depois como mecânico, o seu consumo de álcool era reduzido. Ao que parece, esse contexto de trabalho como almoxarife na Empresa K não contribuiu para desencadear o alcoolismo. Como veremos adiante, ao retornar à Empresa K exercendo a atividade de mecânico, deparou-se com outro contexto de trabalho que o levou a agravar seu quadro de alcoolismo.

Por volta de 1984, devido a um novo desentendimento com o pai, decidiu ir trabalhar em outra cidade e mudou-se para Piúma, no litoral do estado do Espírito Santo. Lá, trabalhou na construção civil e disse não ter se “entrosado bem com os colegas de trabalho”. Embora os resultados de alguns estudos indiquem que os trabalhadores da construção civil apresentam uma significativa incidência de casos de alcoolismo relacionado ao trabalho (LIMA, 2004; TENAGLIA, 2004; SILVA, 2006), Márcio afirmou não ter presenciado o consumo de álcool entre os trabalhadores da construção civil e ressaltou que costumava

beber apenas com poucos amigos com os quais dividia a moradia. Segundo contou, não desenvolveu um contato próximo com aqueles companheiros de trabalho; é provável que, caso houvesse o consumo de álcool durante o expediente, ele provavelmente não tenha se envolvido.

No entanto, admite que, nessa época, seu consumo de álcool começou a ser mais freqüente. Ele e alguns poucos amigos costumavam ir próximo à praia para beber, um costume quase diário. Márcio diz que sempre foi mais quieto, e uma estratégia que utilizava quando fazia uso de bebidas era beber preferencialmente sozinho ou com poucas pessoas.

Ainda em Piúma, ficou sabendo sobre a realização de um concurso para contratação de funcionários para os Correios e decidiu candidatar-se. Foi aprovado no concurso, “mesmo já tomando umas” na época. Antes de inscrever-se nesse concurso, Márcio já fazia planos de deixar Piúma e, por isto, permaneceu apenas três meses na função de carteiro. Apesar de ter ficado pouco tempo nessa atividade, tem muito orgulho de ter sido aprovado no concurso. Além de ter se sentido capaz de passar na prova, também teve o prazer de ser “o primeiro funcionário da casa, o primeiro carteiro de Piúma! No dia que eu for lá eu vou falar com eles lá”.

Após retornar do Espírito Santo, ficou trabalhando como mecânico com o pai e com o irmão, pois seu pai havia comprado o terreno em que funcionava a oficina onde trabalhou aos 10 anos. Muitos conflitos (re)surgiram nessa relação de trabalho com o pai, aparentemente reproduzindo as divergências já existentes no ambiente familiar. Essa situação permaneceu ao longo de aproximadamente três anos, mas Márcio também buscava outros “bicos” ou afastava-se por um período do trabalho com o pai em decorrência das brigas entre eles. O uso de álcool nessa época era mais reduzido, ele costumava ir ao posto de combustíveis em frente à oficina para beber com algum colega da oficina ou mesmo sozinho, mas nunca com seu pai ou seu irmão. Em 1985, deixou o emprego na oficina do pai devido às constantes brigas e à falta de pagamento pelo seu trabalho.

Começou então a trabalhar em outras oficinas mecânicas. Nesse período, percebeu que o seu consumo de álcool aumentou muito, revelando que o uso do álcool era uma prática comum e muito recorrente entre os outros mecânicos. Em uma determinada oficina, observou que inclusive um dos proprietários, que também era mecânico, consumia grande quantidade de álcool:

Lá [na oficina] eu já bebia bem. Lá tinha eu e um outro mecânico. Engraçado que tinha dois patrão e um patrão trabalhava na oficina, era três mecânico, só que um era o patrão. O outro dono ficava no escritório. **Nessa época, eu andei cortando uma cachaça boa lá também! E assim, lá tava direto, até o cara falou assim: “cê pode dar um jeito de rachar fora que você não tá em condições de trabalhar não”. Aí, eu fui embora pra casa e voltava só no outro dia.** Era eu, o outro mecânico e o dono, que era mecânico também.

Durante o ano de 1990, Márcio manteve um namoro com uma moça que residia em Divinópolis, cidade localizada a cerca de 120 km da capital mineira. Também nesse período, a família de sua namorada se mudou para Goiás. Após algum tempo mantendo um relacionamento à distância, ele aceitou o convite da família de sua namorada para “ir passar um tempo em Goiás”. Como estava apenas com empregos temporários e a relação com seu pai estava passando por nova crise, ele resolveu mudar-se novamente de cidade e estado, dessa vez indo para Goiás a convite de sua namorada. Nessa nova cidade, também trabalhou como mecânico em duas ou três oficinas, tendo bom relacionamento com os colegas de trabalho e não identificando grandes diferenças em relação à atividade que já havia realizado em Belo Horizonte, frisando apenas que era um trabalho de muita responsabilidade.

No período em que permaneceu em Goiás, entre 1991 e 1994, Márcio intensificou um pouco mais o uso do álcool, afirmando que esse consumo se concentrava sempre nos fins de semana. Avaliou que sua ingestão de álcool se intensificou não só porque estava na “turma de mecânicos que sempre bebiam”, mas também por ter ficado morando sozinho e por problemas que se iniciaram no relacionamento com a namorada. As brigas entre o casal eram por causa das conseqüências da bebida, pois, segundo contou, costumava gastar praticamente todo o seu dinheiro com o consumo de bebidas alcoólicas. O uso freqüente do álcool e tais desentendimentos levaram ao rompimento do relacionamento e ao seu retorno para a casa de seus pais.

De volta a Belo Horizonte, em 1994, trabalhou por poucos meses na montagem de placas de circuitos eletrônicos. Em seguida, reingressou na Empresa K, só que agora como mecânico concursado.

É importante ressaltar que sempre que falava de suas atividades profissionais, Márcio afirmava que “um bom trabalho era aquele em que o trabalhador busca realizar a sua tarefa da melhor forma possível, aprendendo com aquela experiência e utilizando os conhecimentos adquiridos” em outras atividades. Dessa forma, foi possível perceber um esforço de sua parte no sentido de buscar um aperfeiçoamento.

Observou-se também que ele percebia o potencial criativo da atividade de trabalho, sendo vários os momentos em que mencionou a necessidade de “superar as tradições e convenções” e buscar outros meios mais eficientes para desempenhar uma determinada tarefa. Márcio afirmou que sempre gostou do “trabalho que dá trabalho” e de “quebrar a cabeça” com os desafios que a própria tarefa impõe à mente e ao corpo.

Márcio sempre buscava incorporar ao seu trabalho procedimentos que não estavam pré-estabelecidos na tarefa, obtendo realização nessa busca, além da reafirmação de suas habilidades para si e para os outros, em especial, para seu pai. O que veremos a seguir é que, paralelamente a essa busca, também foi se intensificando o consumo de bebidas alcoólicas.

3.2.3 “Um período meio apagado” - a trajetória do uso nocivo do álcool

Até o momento, foram apresentados alguns episódios em que Márcio relatou seus hábitos em relação ao consumo de bebidas alcoólicas. A seguir, essa trajetória será descrita em maiores detalhes até o período em que ele ingressou na Empresa K e, segundo suas próprias conclusões, onde seu consumo de álcool tornou-se ainda maior.

Inicialmente, sua ingestão de bebidas alcoólicas era restrita aos fins de semana. Por fatores que ele próprio não soube precisar, a frequência do uso e a quantidade de álcool ingerida começaram a aumentar. Ele avaliou que pode ter recorrido ao álcool por este ser a “terapia mais próxima da mão”, sendo socialmente aceita e amplamente divulgada.

Ao intensificar o consumo do álcool, ele passou a desenvolver estratégias de beber lentamente, de início, para que seu corpo se adaptasse. Com o passar do tempo, ele foi perdendo o controle da quantidade que bebia, passando a beber de forma compulsiva:

Aquela primeira cê tinha que ir bebendo ela devagarinho pra ela ir assentando aquele negócio no organismo. Aí, depois parece que estabilizava [risos] e aí ia... cê tomava e tomava. Às vezes, eu pegava a bebida, eu não tava com vontade de beber, mas bebia e já pegava outro.

Com o passar do tempo, Márcio identificou algumas alterações físicas decorrentes do uso do álcool:

Ficava bêbado, ia inchando a cara... Eu ficava inchado, vermelho, todo deformado... Uma coisa que eu não esqueço nunca era para assinar as coisas [simula tremor com as mãos]. Até um cara brincou comigo uma vez... fui colocar um negócio lá pra um rapaz, a garrafa tava [batendo no copo e] fazendo “tá, tá, tá”. Ele falou: “cê tá tocando pandeiro?” Eu já tava daquele jeito, terrível. Se $\frac{3}{4}$ do organismo é água, eu acho que $\frac{3}{4}$ do meu era cachaça. Não tinha condições!

Em quase todos os bares que freqüentava, tinha liberdade para servir-se, anotar o seu consumo e até ajudava a atender outros clientes. Apesar do abuso de álcool, nunca deixava de cumprir seus compromissos e isso conquistou a confiança dos donos dos bares. Gostava de beber sozinho porque “os cachaceiros são exploradores, ficam filando a bebida dos outros”. Quando encontrava com alguém que considerava ter uma conversa agradável, aceitava a companhia, mas, em geral, ficava sozinho.

A família já havia realizado algumas tentativas para ajudá-lo, chegando a interná-lo no hospital psiquiátrico Galba Veloso, mas ele passou apenas uma noite nessa instituição. Geralmente, Márcio não bebia próximo aos familiares, pois estes, chamados por ele de “a massa perturbadora”, pressionavam-no em direção à abstinência, pressão esta que ele não sofria nos bares. Para ele, o bar era um lugar de paz onde ele podia se sentir completo:

Naquele meio em que ele [o alcoolista] vive, ele vai pra casa tem a mulher, vai na casa da mãe, tem a mãe, vai no serviço, tem encheção de saco no serviço... Então, aquilo ali psicologicamente mata o alcoólatra, vai fechando o grupo dele. O cara fica com medo de ir pra casa, fica com medo de ir na casa da mãe, fica com medo de ir no serviço, **então, quer se isolar no boteco e ali dá certo. Ali, é gostoso cê tá bebendo. Não tem que esquentar a cabeça, então não passa nada na sua cabeça** e você pensa é na próxima cachaça mesmo. Cê quer fugir do mundo, cê quer fugir de tudo, ali tá bom. **Ali, cê tá completo constantemente.**

Márcio recordou-se que durante a época em que trabalhou pela primeira vez em uma oficina mecânica, começou a ingerir álcool durante o horário de trabalho ou a chegar alcoolizado para trabalhar, ressaltando que não apenas ele bebia, mas também os outros mecânicos, sendo um deles o proprietário da oficina.

Ele avaliou que a associação entre o álcool e a atividade do mecânico realizada de forma eficiente não é possível, pois o profissional passa a ter dois compromissos: um com o álcool e outro com a tarefa, sendo difícil conciliar ambos. Ao mesmo tempo em que ele tem uma obrigação a cumprir no trabalho, sente a necessidade de ingerir álcool, como se fossem “duas frentes atacando ao mesmo tempo”. Acredita também que sejam poucos os mecânicos que não façam uso de álcool e acha que a própria atividade de mecânica possa ser um elemento que contribui para o consumo de bebidas alcoólicas:

Às vezes, a mecânica tem hora que você apanha muito. Então, a pessoa fica sobrecarregada, às vezes ela acha alguma fuga na bebida. Às vezes, pega muito peso, a pessoa cansa muito e ela toma uma pra relaxar o estressante. Estressante no sentido de... Às vezes, por exemplo, tem serviço que você batalha nele horas e horas, às vezes, até dias a fio para achar o defeito dele, isso pode acontecer. Às vezes, até a própria ansiedade do patrão, porque ele depende de um bom serviço por causa da clientela. Então, às vezes, exige da gente demais da conta, então pode ser isso também, bebe para dar conta do trabalho, né?

Enquanto estava alcoolizado, relatou que, em diversos momentos, chegou a colocar sua vida em risco por não ter, naquele momento, pleno domínio de suas ações. Às vezes, costumava atravessar uma rodovia com grande tráfego de veículos, próxima ao local de trabalho, sem estar atento aos carros que circulavam, embora nunca tenha se acidentado nessas condições.

Como era muito freqüente o uso de bebidas alcoólicas, também eram freqüentes suas “ressacas”. Nesses casos, procurava um bar para beber ainda mais e evitar o desconforto do período de abstinência. Com a elevação do consumo de álcool, percebeu que sua ressaca começou a ficar diferente das anteriores, pois agora demorava mais tempo para acabar. Segundo ele, o seu organismo já não estava mais “processando o álcool” e ficava com dores de cabeça a semana toda. Além de efeitos físicos decorrentes do abuso de álcool, Márcio relatou ter dificuldades para recordar de acontecimentos ocorridos no período em que consumia grandes quantidades de bebida.

Ao longo de seu relato, ele citou fatos ocorridos antes de iniciar o consumo nocivo de bebidas ou quando o consumo de álcool ainda era menor, muitas vezes, recordando-se com riquezas de detalhes. A partir do período em que a ingestão de álcool se intensificou, Márcio apresentou maiores dificuldades para se recordar de datas e acontecimentos, chegando até a confundir-se. Existem alguns períodos de sua vida que descreveu como um “apagão de memória²³”, em que não se recordava de nada do que havia ocorrido, especialmente, naquelas épocas em que estava consumindo grandes quantidades de álcool.

²³ Episódios de “blackouts”, segundo Milan e Ketcham (1986), são muito freqüentes em pessoas que apresentam um quadro crônico de alcoolismo. A “síndrome blackout” pode ocorrer em bebedores esporádicos ou crônicos e caracteriza-se por amnésia, sem perda de consciência da realidade durante a crise. Durante os blackouts (ou “apagamentos”), a pessoa pode agir e, ao ficar sóbria, não se recordar com clareza do que fez. As lacunas de perda de memória, nesses casos, podem ser de horas ou até dias. O blackout acontece porque o álcool interfere diretamente nos circuitos cerebrais responsáveis por arquivar acontecimentos recentes. De certa maneira, o quadro lembra o perfil de memória das pessoas idosas, capazes de contar com detalhes histórias antigas, mas que não conseguem recordar com precisão os fatos recentes.

Segundo ele, à medida que se mantém abstinente, começa a recuperar alguns trechos desse período de “apagão”. Afirmou que as entrevistas para esta pesquisa fizeram com que se recordasse e começasse a refletir sobre sua trajetória.

3.2.4 O trabalho na Empresa K

Em 1995, Márcio começou a trabalhar na Empresa K, tendo ingressado por meio de concurso público. Ele relatou ter identificado no concurso uma possibilidade de trabalhar com algo que ele gostava de fazer. Enquanto trabalhou no almoxarifado da empresa, entre 1979 e 1982, disse que não “achava muita graça”, não porque a atividade em si era ruim, mas porque talvez não fizesse o “seu gênero”. Por outro lado, a área mecânica lhe pareceu mais atraente e ele já tinha experiência nesse tipo de atividade.

Como possuía certa experiência na área de mecânica de veículos pequenos, optou por candidatar-se ao cargo de “ajudante de mecânica” (auxiliar de manutenção). Contudo, constatou que algumas pessoas que foram aprovadas nesse concurso sequer tinham experiência na área mecânica, mas mesmo assim, se candidataram aos cargos de “oficiais de manutenção” (classificação superior ao cargo de auxiliar de manutenção). Embora essas pessoas tenham conseguido a aprovação no concurso, Márcio identificava diferenças no exercício da atividade daqueles que já possuíam alguma experiência na área mecânica e aqueles que eram iniciantes na atividade:

Eu acho que não são pessoas profissionais não, [são] “meia colher”! Eles fazem o serviço muito... dentro da... **muito mecânico, não tem uma idéia própria, só segue aquele ritmo. Às vezes, cê pode fazer uma coisa de um jeito mais rápido, mais prático,** mas ele faz aquilo. Não tem uma mentalidade aberta.

O que Márcio classifica como “uma mentalidade aberta” pode ser identificado como o potencial criativo do trabalho. Clot (2007) sinaliza que o trabalhador novato, ao ser introduzido em uma atividade de trabalho até então desconhecida, começa a organizar suas ações a partir dos objetivos e métodos prescritos para a realização da tarefa. Somente após certo tempo e familiaridade com a tarefa, pode então se afastar mais das prescrições, criando um estilo próprio.

Na fala de Márcio, percebemos que ele reconheceu a limitação da ação orientada somente pela prescrição, visto que apontou que o próprio trabalhador pode criar meios para realizar

a sua atividade, desenvolvendo uma série de adaptações que extrapolam o prescrito. Como já tinha certa experiência na área de mecânica, tinha mais condições de lidar com os imprevistos, não sendo necessário seguir estritamente as prescrições, revelando-se um profissional mais apto em relação aos que ele classificou como “meia colher”.

Ele relatou que se arrependeu de não ter se candidatado a um cargo mais elevado na Empresa K, dizendo que ao fazer o concurso de admissão, deveria ter escolhido um cargo compatível com seu conhecimento de mecânico. Na época do concurso, ficou com medo de não passar na prova para os cargos de “oficiais de manutenção”, optando pelo cargo de auxiliar de manutenção.

Ao longo de sua trajetória como mecânico da Empresa K, um dos seus colegas de trabalho, que também exercia o cargo de mecânico, foi afastado da empresa devido a um quadro de uso nocivo de álcool. Então, Márcio passou a ocupar seu lugar, tendo que trabalhar, tanto com veículos pequenos quanto com os caminhões que realizavam a coleta. Uma vez que não estava muito familiarizado com esse tipo de serviço, começou a acompanhar o trabalho dos colegas. Alguns deles, recusavam-se a ensiná-lo e, nesses casos, ele preferia não criar conflitos, consultando, posteriormente, algum manual ou, quando se sentia à vontade, procurando outro colega.

Afirmou que os colegas que se recusavam a ensiná-lo tinham uma “mentalidade arcaica”, pois, segundo ele, esse comportamento de evitar partilhar o conhecimento pode ser comum em empresas privadas, devido ao medo de demissão/substituição, mas ressaltou que na empresa pública isso pode ser decorrente da insegurança do próprio trabalhador.

As dificuldades no relacionamento com os colegas não se restringiram ao período inicial de inserção como mecânico da Empresa K. Mesmo após algum tempo no Departamento de Manutenção de Veículos (DMV), Márcio ainda identificava certa desunião entre eles, chegando a dizer que há muita “traíagem” nas relações que estabelecem entre si.

Na sua percepção, não há um nível de “confiança e cumplicidade entre os mecânicos”, uma vez que predominava a prática da delação, “mesmo entre aqueles que costumam sair para beberem juntos”. Em várias ocasiões, apelidos depreciativos como “pé-de-cana”, para fazer referência ao uso abusivo de álcool, eram criados pelos próprios colegas que também bebiam. Isso indica que, mesmo entre aqueles que também faziam uso nocivo de bebidas alcoólicas, existiam preconceitos e estigmatizações. Esse tipo de comportamento pode ter

um papel importante no que Márcio classifica como “traíragem” e “desunião” entre os colegas, atitudes que fragilizavam os laços afetivos e de solidariedade estabelecidos entre os trabalhadores daquele Departamento.

Contudo, ele apontou que, quando bebia, seu relacionamento com os colegas era modificado, dizendo que quando encontrava pessoas que conversavam sobre assuntos os quais ele considerava pouco interessantes, geralmente, se afastava de tais pessoas, mas quando fazia uso do álcool, ao invés de afastar-se dessas pessoas, se entrosava e partilhava dos mesmos assuntos. Ele percebe que esse era um comportamento bastante divergente do seu habitual, que consistia em uma postura mais tímida e reservada. Segundo ele, isso ocorria porque o álcool “tira as características da pessoa”, mudando sua forma de agir:

Eu achava que a bebida talvez podia assim, sentia assim auto-suficiente, né, às vezes preenchia [...] me deixava à altura de um certo procedimento. Acho que, eu ficava muito espontâneo, conversado muito. **Eu era mais recalcado** [sem o álcool], **acho que era isso. Ficava sentindo mais!**

Ao mencionar sua percepção sobre os elementos da organização do trabalho na Empresa K que gerariam um quadro de estresse nos trabalhadores, Márcio relatou que o trabalho poderia ser mais eficiente e menos desgastante se fossem usados certos critérios como: “a distribuição do serviço de acordo com as facilidades de cada um e se houvesse uma especialização mínima nas funções”. Assim, “o serviço fluiria melhor e as pessoas trabalhariam mais satisfeitas”.

Márcio afirmou que estavam em uma situação em que a divisão das tarefas era feita aleatoriamente, adotando o critério de disponibilidade do trabalhador, sem considerar as competências técnicas de cada um. Segundo ele, embora vários mecânicos da Empresa K tenham um bom conhecimento da área, eles conseguiam identificar, entre os colegas aqueles que eram reconhecidamente especializados em determinadas tarefas e tais “especialistas saberiam deslanchar aquela tarefa e fazer um serviço bem feito”.

Durante nossas observações de campo constatamos que embora a chefia reconheça esses “especialistas” em determinadas tarefas, não realiza a distribuição do serviço por competências e sim por ordem de chegada, prioridade do serviço e disponibilidade do funcionário e das peças para manutenção.

Outro elemento, identificado por Márcio, gerador de estresse entre os mecânicos são as exigências de resultados que levariam a atitudes comprometedoras da qualidade do serviço. Relatou que é comum ouvirem que “o caminhão não pode parar” e, por isso, tiravam uma peça original de fábrica e a substituíam por uma “gambiarra” para liberar o veículo:

A chefia quer é entregar o caminhão e manter o nome. A frota que se exploda! Pede pra liberar um caminhão, tá com pressa! Aí, libera o caminhão e o caminhão fica dois dias parado lá [no pátio do Departamento]. **Fica uma pressão psicológica em cima do pessoal.** Umas coisas sem pé nem cabeça, coisas que não precisa no serviço público. Essas cobranças bobas no serviço público? O serviço público é um serviço que você pode fazer assim, mais light, despreocupado! **Lá [na Empresa K] é aquela correria, aí faz aquelas gambiarradas lá, serviço feito a toque de caixa. Uma boa parte faz o serviço corrido, um negócio meio pros cocos, por causa de cobrança da administração.** Substitui uma peça por outra, faz as gambiarra e depois nunca mais volta [para trocar] e daí depois só vai complicando.

Márcio disse não se recordar de punições, defeitos ou acidentes decorrentes das “gambiarras”, mas parece não se sentir tranqüilo por ser obrigado a agir contra seus princípios. Para ele, essa idéia de que o caminhão não pode parar vem da chefia, porque quer focar na quantidade de serviço e não na qualidade. Assim, quando chega algum veículo com problemas, ao invés de verificarem o veículo todo e realizar uma manutenção preventiva, fazem apenas o serviço indicado e, ainda sim, algumas vezes, adotando procedimentos pouco seguros, devido a pressão por resultados vindo da chefia.

Quanto aos riscos físicos enfrentados no trabalho como mecânico, Márcio reconheceu que eles são reais e constantes, relatando também como fazia para lidar com os mesmos:

Por exemplo, um caminhão, se você não calçar um caminhão lá é perigoso demais da conta. Um caminhão pode voltar lá, passar em cima da canela... já era! Você tem que matutar primeiro! **Quando você vai fazer o serviço você tem que imaginar também a probabilidade de risco, se acontecer, o que pode ser feito, o que você pode fazer para evitar isso.** É um tipo de coisa boa pra você pensar. É um detalhe... [...] e tem alguns casos, que o álcool ajuda a esquecer também. **Quando eu vou fazer alguma coisa, eu procuro visualizar o que pode acontecer,** esses negócio assim, que são hábitos. Eu procuro circular o erro pra não ter perigo. A gente também aprende a prever o erro para evitar.

3.2.4.1 A “chegada no paraíso” - o uso do álcool na Empresa K

Quando eu entrei pra Empresa K eu já bebia. Aí, quando eu tava na Empresa K, continuei bebendo todo dia, só que mais vezes. Aí, não sei o que que aconteceu, não sei se pela facilidade... ou pelo próprio organismo assim, não sei, mas foi lá [na Empresa K] que desencadeou mesmo.

Márcio identificou que houve um aumento do seu consumo de álcool quando ingressou no Departamento de Manutenção de Veículos da Empresa K. Inicialmente disse que se sentia “preso” enquanto estava no trabalho, uma vez que tinha vontade de beber constantemente, mas não podia sair da empresa a qualquer momento para ir aos bares consumir bebidas alcoólicas. Era preciso esperar até o horário do almoço ou encontrar algum meio para deixar suas atividades e ir até o bar:

Eu sou um alcoólatra que tem que tá bebendo uma de 15 em 15 minutos, **aquele negócio de eu ter que ficar no serviço ali e ter que esperar o almoço pra eu sair, aquilo ali me matava, me matava, eu explodia por dentro.** Na Empresa K não tinha como sair, cê tava lá dentro, trancado lá dentro né, no Alcatraz, preso né, então não tem jeito!

Entre 1998 e 2000, fez muitas horas-extras, mas, em algumas ocasiões, quando seus superiores iam embora, ele e alguns colegas iam para os bares próximos à Empresa K, só retornando para a empresa por volta das 20 horas, quando deviam voltar para suas casas. Em diversas ocasiões, chegou alcoolizado no trabalho. Quando estava escalado para pegar serviço às 13 horas, ia para o bar próximo à Empresa K pela manhã e lá permanecia bebendo até o meio-dia. Em seguida, ia para a casa de sua mãe comer alguma coisa e dirigia-se para o trabalho. Segundo ele, essa intensificação no uso do álcool foi virando uma rotina:

Eu pegava serviço 8 horas, aí saía de casa umas 6 e pouco e quando descia do ônibus, já descia e cortava caminho passando pelos botecos, já tomava lá. Aí, chegava no ponto às 7:15, já tomava duas, aí, descia no boteco tomava mais umas duas ou três, já chegava lá [na Empresa K] cheio de cachaça na cabeça. Engraçado... era todo dia um tubo [garrafa] de dois litros. Tinha um ou outro, costumava, às vezes, até três pessoas terem, então, tinha aquela fartura, entendeu? Cinco ou seis anos atrás... pro alcoólatra, isso era uma maravilha, cê tava no paraíso pra beber.

Aos poucos, como também é revelado na fala anterior, Márcio passou a criar estratégias para disponibilizar álcool no local de trabalho. Havia uma espécie de troca de bebidas entre os próprios trabalhadores do Departamento de Manutenção de Veículos, sendo que alguns sabiam identificar aqueles que sempre tinham cachaça escondida em algum local, visto que havia sempre um colega responsável por providenciar as “encomendas” dos demais. Dessa

forma, criaram uma espécie de rodízio e cada um era responsável por fornecer a bebida aos colegas em um determinado dia.

Márcio revela que existiam algumas estratégias para tentar esconder a bebida e o próprio consumo do álcool no local de trabalho. Ele deixa claro também que a bebida era alvo de disputa entre os colegas:

A gente escondia lá pra um canto ou atrás de uma moita. Eu costumava, quando tava mexendo em um caminhão... caminhão se você chegar embaixo, o caminhão é alto, então cê **deixava a pinga debaixo lá do caminhão, lá guardada num canto.** É engraçado que até nesse negócio existe ato de terrorismo. Às vezes, quando você escondia a cachaça num canto, quando cê chegava lá, alguém já tinha tirado a cachaça e colocado um vidro cheio de água lá... quase morria de raiva!

Além do ambiente bastante favorável ao consumo de bebidas, Márcio não identificou muitas iniciativas, por parte da empresa, no sentido de minimizar o problema do uso nocivo do álcool. Tudo indica também que a própria chefia não inibia o uso do álcool durante o horário de trabalho, fazendo “vista grossa” para o problema, conforme diz Márcio, embora admita ter sido repreendido muitas vezes: “a chefia, na maior parte das vezes, foi passiva nisso. Acho que... faz vista grossa, aquela coisa. Eu já levei muito xingo por causa disso, mas parece que tem uns que são os protegidos”.

Márcio relatou a grande disponibilidade e a “liberdade para beber” como elementos que facilitaram o aumento do seu consumo de álcool, após o ingresso na Empresa K. Os mecânicos conseguiam beber durante o serviço ou bebiam e depois iam embora. Não existia uma fiscalização e, segundo ele, “até alguns chefes costumavam beber com os mecânicos durante o expediente”. No entanto, temos que considerar, conforme dito anteriormente, que a disponibilidade da bebida, por si só, não determina o alcoolismo, sendo necessário entender o motivo pelo qual tantos mecânicos necessitam de fazer uso dela.

Na época das entrevistas, Márcio percebia que a ingestão do álcool afetava seu comportamento, dizendo que durante o período em que intensificou seu uso de álcool na Empresa K, era alertado pelos colegas ou advertido pelos encarregados, quando percebiam que ele estava alcoolizado. Disse que após beber não percebia qualquer alteração, nem mesmo notava que estava cambaleando, mas os colegas comentavam que seu rosto estava

inchado, avermelhado e era muito evidente que ele havia bebido. Nessas situações, ou ele era mandado de volta para casa ou recebia uma advertência.

Havia também estratégias para burlar os controles de presença e deixar o local de trabalho para consumir álcool nos bares ao redor da Empresa K. Alguns batiam o cartão de ponto ao meio-dia e saíam, pois, assim, não perderiam o dia de trabalho, devendo apenas algumas horas; outros, alegavam doença ou mal-estar para que fossem liberados e havia aqueles que entregavam o cartão de ponto a algum colega e pediam para que ele fizesse o registro. Nos casos em que os trabalhadores não compareciam, eles acabavam tendo que repor as faltas aos domingos, o que era avaliado como muito ruim. Assim, criou-se a estratégia de sair ao meio-dia, porque o “prejuízo” era muito menor. Com a saída ao meio dia, ficaria configurado para a chefia que o funcionário apenas deixou de trabalhar por algumas horas.

Segundo relatou, o álcool era usado “como uma forma de terapia, [pois] quando bebia, sentia-se desinibido, como se tivesse desligado seu elo com qualquer coisa, inclusive, com o trabalho”. Mencionou também que não podia “romper o elo” totalmente porque de alguma forma ainda estava “preso” lá na mecânica, mas “a primeira coisa que sentia era vontade de ir embora”.

Márcio afirmou que o alcoolista não se preocupa com a questão dos horários e compromissos de trabalho, porque “o que ocupa sua mente é o desejo de beber”. Relatou que enquanto estava no bar, pensava no que precisaria fazer para beber no dia seguinte. Quando estava no trabalho, já ficava pensando em como faria para sair da empresa ou onde poderia conseguir alguma bebida lá dentro, o que impedia que seus esforços fossem concentrados na atividade.

Com frequência, relatou a sensação de “divisão do trabalhador”, pois não conseguia sair daquele local onde trabalhava, mas também não conseguia desenvolver suas atividades. Foi então que percebeu que havia perdido o limite no uso do álcool:

A partir do momento em que eu já tomava para ir para o serviço. Mas naquela época eu segurava a onda ainda, não demonstrava que tinha bebido. É quando você começa a misturar a responsabilidade com o lazer. Depois que você cumpriu a obrigação, você tá por sua conta! **Mas a partir do momento que aquela obrigação não é mais tão obrigação assim, você pode misturar, aí já tá entrando... você caminha a passos largos para o alcoolismo.**

Mesmo com a possibilidade “oficiosa” de beber no horário do almoço ou do lanche, Márcio afirmava que aquilo era insuficiente para ele, pois “desejava era beber todo o tempo” para se sentir bem. Ele passou a buscar meios para deixar o local de trabalho sem que sofresse qualquer tipo de punição. Assim, entrava nos caminhões da empresa quando algum motorista ia sair para testá-los. Nem todos os motoristas eram coniventes com esse tipo de atitude e alguns o impediam de sair, gerando indisposições entre eles, não apenas porque os motoristas impediam a saída dos mecânicos, mas também porque os delatavam à chefia.

Essas estratégias não eram exclusivas de Márcio, segundo ele, vários colegas do Departamento de Manutenção de Veículos apresentavam quadros de uso nocivo de álcool. Em seu relato, deixou claro que há muitos mecânicos que fazem uso freqüente de álcool. Ao falar especificamente da Empresa K, identificou que o consumo é ainda mais elevado. Além do consumo diário que transcorria na clandestinidade, era comum o consumo de bebidas alcoólicas nas comemorações organizadas pelos trabalhadores aos sábados e ao final do ano, em muitas situações, com apoio da própria empresa. Ele comparou também esse consumo no almoxarifado e na mecânica:

Lá [no almoxarifado] às vezes eu bebia mais era em festa, eu bebia mais era fora. Agora na Empresa K, pelo fato de ser uma oficina lá no Departamento de transporte, **quando eu entrei lá, a história da cachaça já era brava. No final de ano tem umas festa, uma cachaçada do caramba.** Eles falam que é festa de confraternização.

Aparentemente, Márcio atribui esse consumo exacerbado do álcool não à empresa em si, mas, principalmente, ao Departamento de Manutenção de Veículos e ao trabalho nele desempenhado. Ele distinguiu seu trabalho na Empresa K como funcionário terceirizado no almoxarifado e, no período seguinte, desempenhando a função de mecânico:

É que **no escritório [almoxarifado] o ambiente era diferente.** Depois, **quando você chega num ambiente de 60, 70 pessoas e um punhado de cachaceiro, aquele negócio todo, aí é outro mundo.** Qual é a diferença entre uma turma de executivo e uma turma de servente de pedreiro? Existe um certo... [risos], **existe uma certa graduação, né?** [risos] É o caso lá da oficina [risos].

Márcio estabeleceu um paralelo entre o uso do álcool pelos garis²⁴ e pelos mecânicos da Empresa K. Segundo ele, o objetivo do uso do álcool seria: “ficar aéreo, sair fora de si mesmo, disfarçar, sair da realidade”. No entanto, a principal diferença seria que:

Os garis recebem muita cachaça ao longo do trajeto e mesmo aqueles que bebiam pouco se tornavam alcoólatras pela facilidade de acesso. O fato de estarem na rua lhes dava livre acesso, mais facilidade por ganhar a cachaça. **Na mecânica é mais difícil, porque tinham que encontrar meios para sair ou comprar e conseguir levar para dentro** [do Departamento de Manutenção de Veículos].

3.2.5 A decisão pela abstinência

A partir do ano 2000, Márcio começou a perceber alterações em seu organismo que, segundo ele, indicavam que era o momento de interromper o uso constante de álcool. Além dos problemas de pressão e mãos trêmulas, revelou que suas “ressacas” começaram a durar mais tempo, chegando a sentir mal estar e dores de cabeça por até 15 dias consecutivos. Em diversos pontos de seu relato, deixou claro que sua memória também foi afetada, pois pouco conseguia recordar sobre os fatos vividos durante o período do alcoolismo (os episódios de blackouts mencionados anteriormente).

Ao analisar a forma como vinha conduzindo sua vida e as conseqüências do seu quadro de alcoolismo, Márcio percebeu que não conseguia recordar como era sua vida sem o álcool, ou mesmo, antes do alcoolismo. Ele disse que tentava relembrar os acontecimentos, mas não conseguia se recordar como era “ser normal, sóbrio”, visto que durante um longo período ele teve não apenas o seu comportamento alterado pelo álcool, mas também era afetado pelos efeitos físicos do consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

À época de nossas entrevistas, Márcio estava casado há aproximadamente sete anos, relacionamento que lhe gerou duas filhas (de seis e cinco anos). Relatou que o início do casamento coincidiu com a decisão de parar de beber:

Eu tava parando, ela [esposa] pegou pouco tempo de cachaça na minha vida, uns três anos só, uns dois ou três anos só, teve essa sorte. Mas ela [esposa] pegou pouco tempo, em relação à minha mãe que pegou a vida toda, até hoje. Ela [esposa] era tolerante demais da conta. Toda vez que eu tava tentando parar, ela foi tolerante comigo nessa fase.

²⁴ Para maiores detalhes sobre as relações entre a atividade de coleta de lixo domiciliar dos garis e o alcoolismo, indicamos os trabalhos de Oliveira (2004) e Murta (2007) que constataram uma significativa presença do alcoolismo nessa categoria.

Acrescentou que o nascimento das filhas foram dois acontecimentos fundamentais para que permanecesse abstinente: “porque eu já tava parado, mas foi tipo uma alavanca também, como uma alavanca, uma ajuda né? Como se fosse me dando um empurrão.”

Embora tenha buscado atendimento no PPAA e nas reuniões do AA, Márcio ressaltou que o processo de abstinência foi bastante longo, pois, inicialmente, foi difícil aceitar a ajuda de outras pessoas:

Foi uma conquista, porque, às vezes, **eu olhava pra trás e falava: “eu não lembro de mim normal mais não”, que entra ano e sai ano você não passa um dia sem uma gota de álcool na veia.** Hoje eu olho pra trás e... se eu tivesse essa mentalidade de hoje naquela época que eu comecei, não teria acontecido isso.

Recordando-se das recaídas e dos problemas enfrentados em decorrência do abuso de álcool, Márcio disse que o processo de abstinência foi uma grande conquista pessoal. Ele também mencionou os sentimentos gerados por tal situação, um constante estado de apreensão e receio em ter uma nova recaída no uso do álcool:

Uma depressão interna, com você mesmo. Você sabe que não pode beber, senão você explode. Você tem que ter uma segurança boa. É igual você pegar uma bomba, assim, colocar debaixo do paletó e ficar segurando ela [faz o gesto como se estivesse abraçando alguma coisa junto ao peito]. Essa aflição interna, esse negócio... eu não sei dizer, coisas mal resolvidas, um passado esquisito.

Márcio percebeu o quanto foi difícil livrar-se de uma dependência que o acompanhou durante quase trinta anos, pois essa mudança não significava apenas deixar de ingerir o álcool, mas mudar também outros aspectos de sua vida. Ele teve algumas recaídas em seu processo de abstinência e, embora não se recorde exatamente quando ocorreram, conseguiu identificar alguns fatores que possivelmente contribuíram para essa recaída.

Um dos fatores apontados foi acreditar que já era capaz de controlar a ingestão de bebidas. Porém, quando voltava a beber, percebia que ainda não havia conseguido readquirir o controle sobre o uso do álcool. Achava que “o organismo já estava restabelecido, quando, na verdade, ainda estava fragilizado”.

Outro fator que, segundo Márcio, pode provocar uma recaída é a atração que o ambiente do bar pode exercer sobre algumas pessoas. Embora não tenha sido o seu caso, reconheceu que muitos percebem o bar como um local de celebração, um ambiente de alegria, onde as pessoas ficam conversando, sorrindo e isso faz com que o alcoolista sinta vontade de

permanecer naquele ambiente. Não é a bebida em si que atrai, mas ela é um complemento para aquela situação social (NEVES, 2004).

Identificou também alguns elementos que o auxiliaram a optar pela abstinência e mantê-la. Embora sua mãe fizesse cobranças para que deixasse de beber, sempre o apoiou, mesmo nas recaídas. Como já mencionado, sua esposa também o apoiou para que superasse as recaídas no processo inicial de abstinência, bem como o nascimento das filhas foram fatores decisivos para que ele permanecesse abstinente.

Na época das entrevistas, Márcio tinha desenvolvido algumas estratégias e alguns substitutos para ocupar o lugar que o álcool tinha em sua vida. No trabalho, por exemplo, quando tinha algum tempo vago, buscava desenvolver outras tarefas para não ficar com o tempo ocioso. Mesmo que a tarefa a ser executada não se relacionasse diretamente com sua função, não se importava em executá-la, desde que não ficasse ocioso.

Ele pareceu ter novamente (re)encontrado uma forma de dedicar-se a “um trabalho que te dá trabalho, não apenas do ponto de vista físico, mas que ocupa a sua mente”, ao buscar diferentes tarefas para ocupar seu tempo e formas de “testar suas habilidades”, mesmo que elas não se relacionem diretamente com suas tarefas específicas. Quando fazia uso de álcool, não se preocupava com o trabalho porque a bebida era o que lhe ocupava a mente. Hoje, quando encontra alguma dificuldade, insiste no problema até solucioná-lo. Na época do alcoolismo, deixava a tarefa ou a repassava para outra pessoa.

Afirmou que, enquanto fazia uso de álcool, não conseguia pensar em outras coisas, vivendo em função do momento em que poderia beber. Não havia tempo sequer para cumprir bem suas tarefas, quanto mais assumir outras. Atualmente, no entanto, disse sentir que o tempo transcorre mais depressa quando tem o dia preenchido por várias tarefas e não se sente mais preso no ambiente de trabalho.

Ponderou também que essa tentativa de preencher o tempo com o trabalho pode ser uma estratégia de evitação do álcool. Antes, quando tinha algum tempo livre, dedicava-o à bebida e hoje pode utilizar esse tempo para empregar suas habilidades e conhecimentos, facilitando até mesmo o trabalho de outras pessoas, seja cuidando da limpeza da oficina, espalhando serragem para absorver o óleo que acumula no chão, limpando peças, dentre outras atividades:

Tava acontecendo o seguinte: as caixas de marcha dos caminhão, ele tava empilhando as caixa lá e tava gastando três meses pra montar uma caixa, três meses, dois meses. Então, as caixa ia empilhando, ia comprando caixa de marcha, no final das conta acho que tinha umas seis ou sete caixas empilhadas lá! Eu acho que eles tavam comprando, então eu achei aquilo revoltante! Aí, eu falei [com o encarregado]: “oh fulano [supervisor], pode deixar que eu monto essas caixas aí pra você”. Aí, comecei a mexer, aí, botou umas caixas lá pra eu arrumar, um punhado de caixas de marcha.

É importante ressaltar que tal atitude também é um importante elemento de valorização das suas capacidades profissionais. Segundo seu relato, ter iniciativa e ser o único mecânico da Empresa K que sabe realizar a manutenção em veículos menores e nos caminhões era um diferencial em relação aos demais mecânicos.

As relações com os colegas de trabalho também se modificaram. Durante o período em que estava reduzindo o consumo de álcool, alguns companheiros de trabalho costumavam oferecer-lhe bebida e, para manter sua decisão, acabou se afastando dessas pessoas.

Segundo avaliou, as humilhações e agressões vivenciadas por ele em seu relacionamento com o pai, bem como o “problema de aprendizagem” apresentado durante a infância, passaram a ser entendidos como problemas referentes ao contexto familiar daquela época e não como sinais de “limitações” ou incapacidades suas. Seu desempenho no trabalho evidenciava isso.

3.2.6 Análise do caso

Márcio viveu muitas adversidades ao longo de seu desenvolvimento na infância e adolescência. A principal fonte de sofrimento destacada por ele foram as dificuldades trazidas à sua família pelo alcoolismo do pai e a difícil e, freqüentemente conturbada, relação com o mesmo. Tal conflito com o pai foi um elemento muito marcante e presente ao longo de toda sua vida, incluindo o começo da fase adulta. O ambiente familiar desorganizado, em decorrência do pai alcoolista, parece ter sido um elemento central na compreensão dos quadros de alcoolismo de seu irmão e dele próprio.

Ao se referir aos seus primeiros contatos com o mundo do trabalho, Márcio sempre evidenciou, com orgulho, o fato de ser trabalhador desde sua infância. O lugar ocupado pelo trabalho em sua vida, desde cedo, foi muito além de suprir as suas necessidades

financeiras ou de sua família. Devido aos freqüentes episódios de ofensas, desmoralização e humilhação experimentados na relação com seu pai, ele buscou no trabalho mais do que uma independência monetária. Desde muito novo, trabalhar significou, para ele, uma importante fonte de realização pessoal, um espaço de reafirmação de suas competências e habilidades.

Em vários momentos, ele ressaltou a “dificuldade de aprendizado” vivida na infância durante a fase escolar e tudo leva a crer que era algo relacionado aos conflitos vivenciados com seu pai naquela época. A realização pela via do trabalho tornou-se um elemento muito importante para Márcio, porque foi através de sua competência profissional que pôde mostrar para o pai (o qual sempre o diminuía com ofensas) que era habilidoso e capaz. Mas, acima de tudo, foi pelo trabalho que descobriu suas próprias competências e pôde acreditar mais em si mesmo.

No entanto, foi nesse mesmo contexto profissional que acabou encontrando um espaço favorável ao agravamento do seu quadro de alcoolismo. Ou seja, apesar de ter encontrado no trabalho um espaço para o desenvolvimento de suas competências, certas especificidades desse mesmo contexto acabaram contribuindo para a intensificação do seu problema de alcoolismo.

Alguns dos elementos que Márcio destacou como possíveis responsáveis por esse agravamento do alcoolismo no seu trabalho na Empresa K (grande facilidade de acesso ao álcool; o uso da bebida como forma de aliviar a tensão e a fadiga geradas pelas exigências laborais; a pressão dos colegas para beber) já foram abordados também na história de Rafael e, assim como ocorreu com esse último, foi nessa empresa que intensificou o uso de bebidas alcoólicas.

Embora na história de Márcio seja possível perceber a intensificação do uso do álcool ao longo de sua trajetória profissional como mecânico, parece ser na Empresa K que seu quadro de alcoolismo se agravou. Descreveremos agora, os elementos que, em conjunto, contribuíram para esse agravo.

Ao longo de sua infância e adolescência, devido aos freqüentes conflitos dentro de casa e à desestruturação familiar, Márcio afirmou que sempre gostou de ficar sozinho, tornando-se, na fase adulta, uma pessoa muito tímida. Essa característica pessoal é muito importante

para entendermos o papel que o álcool desempenhou: o de facilitar suas relações interpessoais, inclusive no ambiente de trabalho na Empresa K. Como era muito tímido e avaliava que as pessoas do Departamento de Manutenção de Veículos (DMV) eram “muito desunidas”, e agiam com “muita trairagem”, o álcool foi um elemento facilitador para que pudesse socializar com os colegas de trabalho.

Um elemento considerado por ele como agente estressor em sua atividade na Empresa K está ligado à organização do trabalho. Segundo relatou, a falta de autonomia para escolher a ordem em que faria seu trabalho era um fator de desgaste. O sentimento de contrariedade, gerado por essa intervenção da chefia no seu trabalho, provocava grande frustração, principalmente nos casos em que o chefe desconsiderava as especialidades técnicas de cada mecânico do DMV.

Ao mencionar a “pressão infundada da gerência”, que o levava a fazer algumas “gambiarras” para reparar os veículos do Departamento de Manutenção de Veículos, ele relatou um sentimento de desvalorização do seu saber e do que ele considerava como um bom serviço. É importante lembrar o efeito cumulativo desses elementos. Entendidos separadamente, podem parecer apenas contrariedades comuns ao trabalho e que possuem pouca importância. No entanto, se considerados em conjunto, são fatores que potencialmente podem minar a saúde dos trabalhadores.

No caso de Márcio, a intensificação do uso de bebidas alcoólicas foi a saída encontrada para o enfrentamento desses fatores estressantes. Se considerarmos que já vinha de uma trajetória repleta de conflitos e de desmoralizações, sendo o trabalho seu único ponto de apoio, fica mais fácil entender o impacto que essa prática gerencial teve sobre ele.

Márcio atribui o alcoolismo principalmente à história de vida dos sujeitos, mas reconhece que o trabalho pode favorecer essa condição “se a pessoa já tem uma “queda” e o serviço, e o ambiente são propícios ao uso do álcool, por já ter grande disponibilidade”.

Além dos problemas com a chefia, identificou que fatores financeiros relacionados à baixa remuneração dos trabalhadores da área mecânica, o que ele descreveu como “sentimento de contrariedade em relação ao salário”, poderiam ser mais um estímulo ao uso de álcool, ao juntar-se aos demais fatores. De acordo com sua percepção:

As pessoas aqui [na Empresa K] que não fazem uso de álcool, ou fazem pouco, podem ser menos vulneráveis ou tem outros tipos de conflito. **Elas podem não fazer uso de álcool como uma solução, mas podem ter conflitos conjugais, falar da vida dos outros, serem “cri-cri”, mas a maior parte se dirige ao álcool.**

Portanto, ele admite ter uma vulnerabilidade pessoal, advinda de sua história familiar, mas não nega que a forma de organização do trabalho na Empresa K contribuiu para sua postura.

É importante lembrar que a tentativa de preencher o tempo livre com o trabalho e com outras atividades, foi a estratégia de evitação do álcool desenvolvida por Márcio. Essa necessidade constante de controlar-se (“manter a bomba abraçada ao peito”), talvez indique que as tensões que favoreceram o uso do álcool ainda podem estar presentes em sua vida, mesmo ele tendo encontrado outros meios para lidar com seus problemas.

Ele reconhece que o trabalho tem ocupado o lugar que o álcool ocupava em sua vida anteriormente. É importante dizer que a mesma atividade pode apresentar um potencial adoecedor e mantenedor da saúde. Em seu caso, inicialmente usava o álcool para dar conta do trabalho. No entanto, com o passar do tempo, foi perdendo o controle desse uso funcional do álcool. Ao lidar com situações difíceis em sua vida, atualmente, tenta se absorver com as demandas do trabalho. Tal atividade tem o mesmo efeito que o álcool tinha, tornando possível que ele se desligue de algumas preocupações. Enquanto trabalha, ele desliga dos problemas e não vê o tempo passar.

CAPÍTULO IV

COSTURANDO OS CASOS INDIVIDUAIS COM O TRABALHO NA EMPRESA K

No relato dos trabalhadores entrevistados, percebemos alguns elementos que revelam as dificuldades sofridas na realização do trabalho dentro do Departamento de Manutenção de Veículos (DMV) da Empresa K. Os principais pontos destacados como possíveis fatores que favorecem o uso abusivo do álcool foram: o estresse pela responsabilidade advinda do exercício da atividade, elementos da organização do trabalho na Empresa K que geravam frustrações/contrariedades, falta de autonomia, o medo de contaminação com os caminhões de lixo, a grande disponibilidade do álcool nesse Departamento e a pressão do grupo de colegas de trabalho para fazer o uso de bebidas alcoólicas.

Neste tópico, iremos basear nossa discussão nos depoimentos de Rafael e Márcio, assim como em entrevistas feitas com outros mecânicos do DMV da Empresa K. Alguns desses relatos foram colhidos na fase de observações de campo. Conforme mencionado, devido a questões relativas ao limitado tempo para execução desse estudo, não foi possível realizar o estudo de caso do terceiro mecânico com o qual também foi realizada a entrevista em profundidade. As contribuições trazidas por esse terceiro entrevistado, bem como as dos outros trabalhadores do DMV, foram acrescentadas no nosso trabalho para ilustrar algumas de nossas colocações.

Alguns autores como Seligmann-Silva (1986) e Le Guillant (1984/2006b) já indicaram que determinadas formas de organização do trabalho, ou as condições em que este é executado, podem ser fonte de considerável desgaste da saúde dos trabalhadores, que apresentariam dificuldades em repousar ou “desligar”, ao final da sua jornada de trabalho. Os mesmos autores ressaltam ainda que esse desgaste vai além do cansaço físico decorrente de esforços corporais, podendo ser causados também pelos esforços cognitivos ou por exigências psíquicas presentes nos contextos de trabalho.

O termo estresse tem recebido diferentes significados e conceituações. Em psicologia, segundo Stedman (2003), estresse pode ser considerado como um estímulo, físico ou psicológico, que produz tensão ou desequilíbrio ao atuar sobre um indivíduo.

Pulcherio (2002) indica que algumas características como personalidade, idade, apoio social, gênero e as estratégias utilizadas para enfrentamento de problemas desempenham importantes papéis na experiência do estresse. A autora complementa afirmando que:

A sobrecarga quantitativa de trabalho – ter muito para fazer ou pesada carga horária; qualitativa – trabalho sem criatividade; o conflito de papéis - ser superior e subordinado ao mesmo tempo; a incapacidade para decidir o próprio trabalho - o fato de a pessoa não decidir o que fazer, estão entre os principais estressores psicossocial do trabalho.” (*ibid*, p. 257)

Ao tratarmos de estresse no trabalho especificamente, estamos nos referindo à interação entre os fatores oriundos do trabalho, provocadores de estresse e fadiga, e a pressão experimentada e/ou percebida pelos profissionais em seu cotidiano de trabalho. Entende-se hoje que o tipo de agente estressor (físico e/ou psicológico) que atua na saúde do trabalhador - as especificidades do trabalho desenvolvido em cada ocupação e as condições em que o trabalho é executado – também são fatores de risco para o desenvolvimento de quadros de alcoolismo ligados ao ambiente de trabalho (VALENZUELA, 2001; VAISSMAN, 2004).

A necessidade de ter que prever sempre o que pode acontecer e, ao mesmo tempo, realizar um trabalho bem feito sob condições desfavoráveis, parece ter sido fonte de desgaste, por exemplo, para Rafael, que disse sempre ir para casa “com o caminhão na cabeça”.

A preocupação com as conseqüências de seu trabalho também surgiram em relatos de outros mecânicos do DMV:

Isso é uma coisa muito séria. Inclusive, na área de freio, tem que tomar muito cuidado com isso por causa da segurança, tanto do motorista, do pessoal que estão trabalhando ali e do povo na rua. Se a gente faz uma coisa lá que não tá muito certa, o cara lá [motorista] não consegue dominar aquilo na rua... oh o problema, né? [o que faz para evitar o problema] Tento olhar tudo dentro dos mínimos detalhes, como manda o regulamento e tentar fazer bem feito ao máximo, muita atenção, cuidado... É triste ver um colega morrer, ou matar alguém, por erro da gente, né? (Paulo²⁵ - mecânico de manutenção de veículos da Empresa K)

²⁵ Nome fictício.

Tudo indica que Rafael e Márcio faziam uso do álcool para “dar conta” das responsabilidades demandadas pelo trabalho, sendo também uma estratégia para aliviar os efeitos da tensão, da fadiga e do estresse vivenciados no trabalho. Devemos ressaltar ainda que esse estresse, assim como o “peso” da responsabilidade, dependem da percepção do sujeito e deve ser contextualizado na história de cada um.

Durante nossas observações de campo no Departamento de Manutenção de Veículos da Empresa K, também ouvimos outros trabalhadores reivindicando por autonomia para decidir a seqüência em que realizariam seu trabalho diário. Quanto aos os efeitos dessa falta de autonomia no trabalho, observamos, em algumas falas, um impacto psicológico, na forma do que chamaram de “estresse”:

O que estressa mesmo não é a coisa do físico não, tem que fazer um pouco de força mesmo, mas isso a gente tira de letra! **O que estressa mesmo é o psicológico**. Eles dão dois serviços pesados, assim, daqueles difícil mesmo para fazer, isso um depois do outro, seguidos sabe? **Você não tem tempo de organizar seu trabalho e administrar o que vai fazer depois sabe?** Tem outra hora que você fica com dois fáceis. Eu não acho ruim o trabalho difícil, só que **a gente não tem liberdade de intercalar**. Quem escolhe são eles [gerência imediata]. **Aí, não tem jeito não, a gente tem que beber se não, não agüenta!** (Geraldo²⁶ - mecânico de manutenção de veículos da Empresa K).

Conforme percebido na fala de Geraldo, um mecânico que também é alcoolista, o principal elemento de desgaste não são as exigências físicas do trabalho de mecânico, mas sim a “falta de liberdade” e autonomia para decidir sobre suas próprias ações no trabalho. Geraldo complementou que o uso de bebidas alcoólicas seria uma forma de suportar os efeitos desse estresse.

Como identificado anteriormente por Márcio, as “exigências infundadas” da gerência por resultados seriam outro elemento gerador de estresse entre os mecânicos da Empresa K. Além das “gambiaras” feitas para liberar o veículo serem consideradas atitudes que comprometem a qualidade técnica do serviço, Paulo revelou que elas também entram em conflito com os valores do próprio trabalhador como, por exemplo, o que seria “um bom trabalho” a ser realizado por ele:

[Ao faltar peças para reparar os caminhões] Fica parado ou senão tira parte de um e põe no outro, quando tem condições, tira de um e põe no outro... **Acho que é uma prática errada! Se eu pudesse falar que não, eu falaria que não! É aumentar serviço, tem muita coisa que vai tirar e estraga, às vezes dá muito gasto. Eu acho que não é negócio não. Às vezes, a mesma peça que cê tira**

²⁶ Nome fictício.

desse e põe naquele ela já não monta, porque já acostumou a trabalhar ali. Às vezes, fica algum defeitozinho! Trabalha, mas se tirá, vai ter dificuldade pra você montar. [...] O certo era não faltar nada, mas não tem jeito, né? (Paulo - mecânico de manutenção de veículos da Empresa K)

De acordo com Pulcherio (2002), há evidências de que pessoas que “trabalham com alta demanda e baixo controle (não podem tomar decisões), dificuldades de colaboração no trabalho [...], têm, tanto um risco aumentado para problemas com o álcool, como uma ingestão alcoólica aumentada” (p. 258-259).

Na fala de outros mecânicos da Empresa K, também percebemos o medo de contaminação por lidar com os caminhões de lixo, em especial os destinados à coleta de resíduos hospitalares, e o uso do álcool como forma de assepsia. De acordo com um deles: “mesmo o caminhão passando lá pela ducha, guarda umas sujeiras, e aí o álcool ajuda a limpar o nosso corpo também sabe?” (Geraldo - mecânico de manutenção de veículos da Empresa K).

Conforme já dito, o uso dos “efeitos farmacológicos” do álcool (relaxante, calmante, indutor do sono, anestésico, anti-séptico, euforizante ou estimulante) para permitir a realização do próprio trabalho já foi identificado em outros estudos (BRASIL, 2001; OLIVEIRA, 2004; SILVA, 2006; MURTA, 2007).

Laurell e Noriega (1989) buscaram ampliar a visão tradicional de adoecimento (focalizada apenas na tentativa de identificar e classificar os sintomas) e incorporaram a dimensão social para entender os processos de saúde-doença na análise do trabalho. Para alcançar tal ampliação na visão tradicional da doença, os autores adotaram a categoria “carga de trabalho²⁷”. A interação dinâmica dessas cargas, nos processos biopsíquicos humanos pode gerar o que os autores conceituam como “desgaste”, podendo levar à perda de capacidade real e/ou potencial, física e psíquica para a realização de uma atividade por parte dos trabalhadores (LAURELL e NORIEGA, 1989).

²⁷ A categoria “carga de trabalho” englobaria os elementos presentes no processo de trabalho que “interatuam dinamicamente entre si e com o corpo do trabalhador, gerando aqueles processos de adaptação que se traduzem em desgaste, entendido como perda da capacidade potencial e/ou efetiva corporal e psíquica.” (LAURELL e NORIEGA, 1989, p. 110). Tais cargas de trabalho podem ser organizadas em dois grupos: o primeiro contemplaria as cargas físicas, químicas, biológicas e mecânicas, que possuem “materialidade externa ao corpo humano” e que se transformam tornando-se uma nova materialidade ao interagirem com o trabalhador. Já o segundo grupo, englobaria as cargas fisiológicas e psíquicas, que não possuem “materialidade visível externa ao corpo humano”.

Nesse sentido, o processo de agravamento do alcoolismo vivido por Rafael e Márcio na Empresa K, pode ser entendido como uma forma de “adaptação patogênica às exigências do trabalho”, onde o álcool foi usado como uma “válvula de escape” que tornaria possível suportar o desgaste gerado pelas “cargas de trabalho”. Estas cargas seriam de ordem cognitiva e psíquica, provocadas pela forma de organização do trabalho naquela empresa.

Entendemos que a compreensão do uso do álcool no contexto de trabalho deve ser ampliada e, nesse sentido, concordamos com Silva (2006) quando propõe entendermos a funcionalidade no uso do álcool pelos trabalhadores:

[...] o reconhecimento da existência da funcionalidade no uso do álcool e a distinção entre adaptações patogênicas ou não-patogênicas transfere o eixo da discussão do problema do alcoolismo de um enfoque voltado para fatores puramente orgânicos ou psicológicos e centrado no sujeito isolado para um enfoque que leva em conta também, e sobretudo, a dimensão social. (SILVA, 2006, p. 139)

Ao que nos parece, tanto Rafael quanto Márcio faziam o “uso funcional do álcool” em várias situações de trabalho, inclusive, em certas ocasiões, como “válvula de escape” para poderem executá-lo.

Entendemos também que, em ambos os casos, uma série de fatores se somaram de modo a favorecer o agravamento do alcoolismo: a dificuldade de conseguir uma realização pelo trabalho executado, as poucas oportunidades para usar as habilidades técnicas aprendidas previamente, a grande disponibilidade de álcool e o “estresse” causado pelas exigências e impedimentos impostos pelo estilo de gerenciamento do Departamento.

A impossibilidade de realização no trabalho fez com que Rafael cada vez mais se “desinteressasse” pela atividade que executava, passando a “valorizar mais” o álcool. Ao perceber que o trabalho e a bebida não podiam andar juntos, devido às responsabilidades exigidas pela tarefa, ele preferiu intensificar o uso do álcool como uma forma de aliviar suas tensões e frustrações, dedicando-se menos ao trabalho. Márcio também experimentou uma fase de desinvestimento no seu trabalho e investimento no álcool. Tal processo foi interrompido quando ele começou a perceber os efeitos do seu quadro de alcoolismo, efeitos estes que tinham conseqüências físicas (como os “apagões” que passou a experimentar com maior freqüência, maiores dificuldades para seu corpo metabolizar o álcool ingerido, etc) e familiares (conflitos decorrentes do uso exacerbado do álcool). Ao manter-se em abstinência, ele pôde dedicar-se ao trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como exposto, a grande polêmica colocada entre as diversas teorias e abordagens que pretendem explicar o alcoolismo está relacionada à questão fundamental: existe uma “personalidade alcoolista” ou uma “predisposição” biológica, moral ou psicológica que levaria ao alcoolismo?

Dentro das teorias psicológicas, por exemplo, co-existem diversas explicações para o fenômeno do alcoolismo, sendo que algumas se complementam e outras se contradizem. Cremos que tais explicações propostas pelo(s) modelo(s) psicológico(s) não são capazes, isoladamente, de fornecer a compreensão do alcoolismo. Mesmo porque, algumas ainda se mostram vinculadas a uma concepção monocausal do fenômeno, conservando a noção de uma predisposição ao alcoolismo, só que agora, ao invés de ser uma “predisposição moral ou biológica” como se entendia anteriormente, postulam uma “predisposição psicológica”.

Acreditamos que isso ocorra porque muitas teorias psicológicas não consideram que ao invés de uma “personalidade alcoolista” ou de uma “predisposição psicológica”, existem outras experiências anteriores de vida que, somadas a vários outros fatores, tornariam as pessoas mais suscetíveis ao alcoolismo ou mais vulneráveis aos efeitos do álcool.

No nosso entender, o alcoolismo não permite uma análise linear para sua compreensão, pois não pode ser abordado como um fenômeno que possui uma “origem única” ou uma “causa universal”. Trata-se de um fenômeno multicausal que envolve uma constelação de fatores biológicos, psicológicos e sócio-culturais. Tais fatores estão em constante interação e, em conjunto, indicariam maior ou menor probabilidade de sua ocorrência.

Ao adotar tal concepção, tentamos evitar cair em algum viés específico de compreensão do problema, seja ele biologizante, sociologizante ou psicologizante. Sendo assim, concluímos que a maior ou menor vulnerabilidade ao alcoolismo vai depender da complexa associação entre fatores biopsicossociais na vida de cada pessoa.

Além de Rafael e Márcio, outros trabalhadores da Empresa K citaram “ser comum” o uso de álcool nos horários de almoço ou após o expediente. Buscamos, então, compreender como tal “cultura profissional” regulava e/ou sustentava o uso de álcool entre os trabalhadores da área de mecânica, sempre atentos às questões da organização do trabalho e às especificidades impostas pela atividade de mecânico.

Uma explicação superficial sobre o alcoolismo entre os mecânicos de manutenção da Empresa K poderia sugerir indícios de uma maior “permissividade” do uso do álcool nesse contexto laboral, como se tal prática fosse aceita como parte “natural da cultura da categoria” ou valorizada como um elemento importante no “processo de socialização dos novos integrantes”. No entanto, um olhar mais cuidadoso nos levou a entender que outros fatores presentes no ambiente de trabalho contribuíram de forma decisiva para aumentar o risco do alcoolismo. Conforme dito anteriormente, a disponibilidade da bebida, por si só, não determina o alcoolismo, sendo necessário entender o motivo pelo qual tantos mecânicos necessitam fazer uso dela em tal empresa.

Vaissman (2004) indicou a disponibilidade do álcool, a pressão social para beber e as situações de tensão, estresse ou perigo no trabalho como sendo alguns desses fatores de risco para a ocorrência de alcoolismo no trabalho. O consumo coletivo de bebidas alcoólicas como prática defensiva dos trabalhadores ou como uma forma de garantir pertencimento ao grupo também foi apontado por Seligmann-Silva (2003).

Nas histórias de Rafael e Márcio percebemos que esses fatores de risco somaram-se e contribuíram para o agravamento do quadro alcoolismo dos dois trabalhadores em suas atividades na Empresa K. Retomando Formigoni e Monteiro (1997, p. 39), é fundamental compreendermos qual é a função do uso do álcool na vida de cada pessoa. Nas histórias dos dois trabalhadores aqui apresentadas, o uso de bebidas alcoólicas como forma de redução da ansiedade e/ou meio de facilitação da interação social estavam presentes de forma bem evidente.

As abordagens atuais dos estudos sobre o alcoolismo têm percebido que as influências sociais podem ser consideradas como um fator de grande relevância na determinação do nível de ingestão de álcool (OMS, 2004a). Dentre tais influências sociais estão incluídas a profissão e a pressão de colegas para o uso do álcool (HIRATA, 1991; OMS, 2004a). O consumo do álcool como mecanismo de inclusão no grupo de trabalho e para facilitar a

socialização no ambiente de trabalho também são estratégias utilizadas pelos trabalhadores com frequência (BRASIL, 2001; NASSIF, 2002; SELIGMANN-SILVA, 2003; MURTA, 2007).

No entanto, nossas observações e as entrevistas com os trabalhadores indicaram que o uso do álcool na Empresa K era algo que ia além do “fator cultural” de beber entre os mecânicos ou uma forma de ser aceito ou incluído no grupo. Como já exposto, o estresse e a fadiga do trabalho somavam-se à desvalorização do conhecimento, à reduzida perspectiva de crescimento profissional e à “falta de regras na Empresa K”. Rafael expressou, de forma muito clara, como o uso do álcool entre os mecânicos também indicava que esses trabalhadores estavam tendo problemas no contexto de trabalho:

Mas com certeza **o álcool não tá ali à toa não**, principalmente aonde, lá na seção lá [mecânica da Empresa K], não tá ali à toa. **Tem algum motivo que o mecânico ali ele tá passando**. Alguma coisa, algum probleminha ele tá tendo, pode ser com serviço, pode ser com chefia. Pode ser mesmo no relacionamento, isso é com certeza que eu falo, **o álcool ele é usado muitas vezes como válvula de escape**. Tem colegas meu lá que até passou até mal por causa de chefia lá. Então, eu acho que um dos motivos também da área mecânico é dele não saber separar uma coisa da outro, o álcool do estresse do serviço ou de alguma perseguição que, às vezes, lá tem!

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho²⁸ (OIT, 1984 *citado por* MARTINEZ e PARAGUAY, 2003), o ambiente psicossocial no trabalho pode ser um elemento importante na manutenção da saúde dos trabalhadores, uma vez que:

[...] engloba a organização do trabalho e as relações sociais de trabalho. Fatores psicossociais no trabalho são aqueles que se referem à interação entre e no [*sic*] meio ambiente de trabalho, conteúdo do trabalho, condições organizacionais e habilidades do trabalhador, necessidades, cultura, causas extra-trabalho pessoais que podem, por meio de percepções e experiência, influenciar a saúde, o desempenho no trabalho e a satisfação no trabalho (OIT, 1984 *citado por* MARTINEZ e PARAGUAY, 2003, p. 60).

Martinez, Paraguay e Latorre (2004), num estudo realizado para identificar se a satisfação no trabalho tinha implicações na saúde dos trabalhadores, verificaram que a satisfação no trabalho é realmente um elemento de proteção da saúde dos trabalhadores. Devemos frisar que essas autoras, ao realizarem tal estudo, consideraram o trabalho como uma das principais formas de a pessoa realizar-se como ser humano.

²⁸ ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT) - International Labour Office. **Psychosocial factors at work: recognition and control**. Report of the Joint ILO/WHO Committee on Occupational Health - Ninth Session. Geneva: International Labour Office, 1984.

Atualmente, a centralidade do trabalho na promoção da saúde dos trabalhadores tem sido reconhecida pelos órgãos do sistema de saúde do nosso país, como percebemos no posicionamento do Ministério da Saúde do Brasil que, ao tratar das doenças relacionadas ao trabalho, afirma que:

O trabalho ocupa, também, um lugar fundamental na dinâmica do investimento afetivo das pessoas. Condições favoráveis à livre utilização das habilidades dos trabalhadores e ao controle do trabalho pelos trabalhadores têm sido identificadas como importantes requisitos para que o trabalho possa proporcionar prazer, bem-estar e saúde, deixando de provocar doenças. Por outro lado, o trabalho desprovido de significação, sem suporte social, não-reconhecido ou que se constitua em fonte de ameaça à integridade física e/ou psíquica, pode desencadear sofrimento psíquico. (BRASIL, 2001, p. 161)

Ao tratar das patologias e do sofrimento no trabalho, Guérin (2001) destaca que algumas agressões à saúde dos trabalhadores apresentam grande dificuldade para serem evidenciadas e quantificadas, em especial pela multiplicidade dos fatores que constituem a organização do trabalho, a variabilidade interindividual dos trabalhadores e as diversas formas de manifestações dessas patologias.

Esse “sofrimento invisível” e de difícil quantificação pode gerar adoecimentos e danos à saúde dos trabalhadores. Em alguns casos, os efeitos dessas agressões à saúde dos trabalhadores só se manifestam após longo prazo de exposição. O grande desafio para os profissionais da área de Saúde Mental & Trabalho é “tornar visíveis” esses elementos “invisíveis e não quantificáveis” do trabalho.

As diversas pesquisas sobre a temática do alcoolismo e seus desdobramentos têm contribuído para compreendermos melhor as relações existentes entre o consumo de bebidas alcoólicas e os possíveis danos para a saúde do usuário, bem como para a sociedade como um todo. Para compreender e modificar as condições insalubres de trabalho que existem atualmente, mais pesquisas precisam ser desenvolvidas visando tal objetivo, evitando que tantos trabalhadores sofram por não possuir consciência da relação entre a atividade de trabalho que exercem e seu potencial adoecimento.

Devemos admitir também que o presente estudo sofreu as limitações próprias da utilização do método de estudo de caso, que envolvem a questão dos cuidados com as generalizações indevidas dos resultados.

Becker (1997) utiliza a metáfora do “mosaico” para tentar ilustrar a triangulação de fonte de dados e de instrumentos de pesquisa. Segundo o autor, cada nova peça que colocamos no mosaico aumenta nossa compreensão do quadro geral estudado. Percebemos ainda que os resultados de qualquer pesquisa em ciências humanas, como o nosso estudo, constituem-se sempre como uma aproximação provisória da realidade social em foco.

Como a alcoologia é uma área de estudo em expansão, carece ainda de mais produções científicas sobre as temáticas relacionadas ao alcoolismo. Os estudos tornam-se mais escassos ainda quando se busca entender as relações entre o uso do álcool e vicissitudes impostas pelo trabalho.

Por se tratar de um fenômeno complexo, estamos cientes de que o mesmo não pode ser reduzido aos achados de uma pesquisa. Esperamos que este nosso trabalho seja um estímulo a novas pesquisas, ampliando o debate e o nosso conhecimento na área. Segundo Lima (2005):

[...] as possíveis relações entre o trabalho e o uso de bebidas alcoólicas ainda têm sido pouco exploradas pela comunidade acadêmica. A maioria das pesquisas trata basicamente de dados epidemiológicos sobre o alcoolismo nas organizações ou de programas empresariais de recuperação de trabalhadores dependentes (p. 69).

Por fim, ao tratarmos de um quadro complexo como as questões referentes ao alcoolismo, concordamos com Le Guillant (1984/2006a) ao apontar que as relações entre o trabalho e a história de vida dos sujeitos não apresentam um caráter de causalidade, mas sim uma relação de complementaridade na compreensão do fenômeno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Myrian Constantino. **A terceirização e seu impacto na cultura organizacional**: um estudo de caso em grandes empresas de Minas Gerais. 1999. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

ALONSO-FERNÁNDEZ, Francisco. Angustia, alcohol y drogas en el mundo actual. Em: ALONSO-FERNÁNDEZ, Francisco. **Psicología médica y social**. 4. ed. Madrid: Paz Montalvo, 1978. p. 481 - 493.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALCOOLISMO E DROGAS (ABRAD). Disponível em: < <http://abradonline.org/index.php> >. Acesso em: 19 fev. 2007.

BALL, David. Addiction science and its genetics. **Addiction**, Oxford, v. 103, n. 03, p. 360-367, mar. 2008. Disponível em: < <http://www.blackwell-synergy.com/doi/pdf/10.1111/j.1360-0443.2007.02061.x> >. Acesso em: 24 fev. 2008.

BASÍLIO, Mirian Cátia Vieira; GARCIA, Maria Lúcia Teixeira. Vendas de bebidas alcoólicas: questões (im)pertinentes. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre: ABRAPSO, v. 18, n. 3, p. 104-112, set/dez. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n3/a15v18n3.pdf> >. Acesso em: 25 fev. 2008.

BECKER, Howard Saul. A história de vida e o mosaico científico. Em: BECKER, Howard Saul. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 101-115.

BERTOLETE, José Manoel. Problemas sociais relacionados ao consumo de álcool. Em: RAMOS, Sérgio de Paula; BERTOLETE, José Manoel (orgs.). **Alcoolismo hoje**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 131-138.

Bíblia Sagrada. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.

BILLIARD, Izabelle. Les conditions historiques et sociales d'apparition de la psychopathologie du travail en France (1929-1952). Em: CLOT, Yves (org.). **Les histoires de la psychologie du travail**. Paris: Octarès, 1996. p. 69-84.

BRASIL, CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE. **Lei nº 6.938** de 31 de agosto de 1981 (Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente). Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6938.htm >. Acesso em: 15 jul. 2008.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE; FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. **Estudos epidemiológicos**. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2000. 123 p. Disponível em: <

http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/estudos_epidemiologicos.pdf >. Acesso em: 16 jan. 2008.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL. **Doenças relacionadas ao trabalho**: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001. 580 p. Disponível em: < http://www.cremesp.org.br/library/modulos/publicacoes/pdf/doenca_trabalhador.pdf >. Acesso em: 06 jan. 2008.

CAMPANA, Ângelo Américo Martinez. Álcool e empresas. Em: RAMOS, Sérgio de Paula; BERTOLOTE, José Manoel (orgs.). **Alcoolismo hoje**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 223-240.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill D.; FLOWERS, Betty S. (orgs.). **O poder do mito**. 23. ed. São Paulo: Palas Athena, 2005. 242 p.

CARBONE, Adriana. **Terapia Familiar Sistêmica** - Breve histórico: origem e desenvolvimento da terapia familiar. 2008. Disponível em: < <http://www.revistapsicologia.com.br/materias/hoje/terapiaFamiliarSistemica.htm> >. Acesso em: 14 jul. 2008.

CARLINI, Elisaldo A.; GALDURÓZ, José Carlos F.; NOTO, Ana Regina; NAPPO, Solange A. **I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país. São Paulo: CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas - Universidade Federal de São Paulo) e SENAD (Secretaria Nacional Antidrogas), 2002. 480 p. Disponível em: < <http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid> >. Acesso em: 02 fev. 2008.

CARNEIRO, Henrique. **História das drogas e bebidas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 200 p.

CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS (CEBRID). **Livreto de drogas psicotrópicas**. São Paulo: CEBRID, 2003. Disponível em: < <http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/> >. Acesso em: 02 fev. 2008.

CHALUB, Miguel; TELLES, Lisieux E. Borba. Álcool, drogas e crime. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, supl. 2, p. s69-s73, out. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s2/03.pdf> >. Acesso em: 17 fev. 2008.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006. 222 p.

CLOT, Yves. Curso: **Clínica da Atividade** - uma abordagem para a compreensão e transformação das situações de trabalho. Ciclo de Palestras com o professor Yves Clot, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2007.

CODO, Wanderley. Um diagnóstico integrado do trabalho com ênfase em saúde mental. Em: JACQUES, Maria da Graça Corrêa; CODO, Wanderley (orgs.). **Saúde mental & trabalho** - Leituras. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 173-190.

CODO, Wanderley (org.) **O trabalho enlouquece?** Um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis: Vozes, 2004. 238 p.

COSTA, Regina Teixeira. **Alcoolismo e vida social:** estratégias do sujeito alcoolista para exílio da vida social. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

DUARTE, Paulina do Carmo Arruda Vieira. Redução de danos no ambiente de trabalho. Em: BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE; SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. **Álcool e redução de danos:** uma abordagem inovadora para países em transição. 1. ed. em português, ampl. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2004. p. 73-84. Disponível em: < <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Livro%20Alcool.pdf> >. Acesso em: 17 fev. 2008.

EDWARDS, Griffith. **O tratamento do alcoolismo.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 292 p.

ESTEVAM, Carlos. **Freud:** vida e obra. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1973. 143 p.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade.** São Paulo: Habra. 1986. 393 p.

FILOMENO, Karina. **Da cibernética à teoria familiar sistêmica.** 2002. Trabalho de Conclusão Curso (Curso de formação em Terapia Sistêmica) – Movimento: Instituto e Clínica Sistêmica de Florianópolis, 2002. Disponível em: < <http://www.sistemica.com.br/docs/Karina%20Filomeno.doc> > . Acesso em: 24 jul. 2008.

FISHMAN, Ross. **Tudo sobre drogas** - alcoolismo. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 72 p.

FORMIGONI, Maria Lúcia O. Souza; MONTEIRO, Maristela Golnadel. A etiologia do alcoolismo. Em: RAMOS, Sérgio de Paula; BERTOLOTE, José Manoel (orgs.). **Alcoolismo hoje.** 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 33-43.

FOWLER, Tom; LIFFORD, Kate; SHELTON, Katherine; RICE, Frances; THAPAR, Anita; NEALE, Michael C.; McBRIDE, Andrew; BREE, Marianne B. M. Exploring the relationship between genetic and environmental influences on initiation and progression of substance use. **Addiction**, Oxford, v. 102, n. 03, p. 413-422, mar. 2007. Disponível em: < <http://www.blackwell-synergy.com/doi/pdf/10.1111/j.1360-0443.2006.01694.x> >. Acesso em: 16 dez. 2007.

FRANKL, Viktor Emil. **Dar sentido a vida:** a logoterapia de Viktor Frankl. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1990. 150p. (Logoterapia 5).

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. 23. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2006. 136p. (Logoterapia 3).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Em: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980a, v. VII.

FREUD, Sigmund. Histeria (1888). Em: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980b, v. I.

FREUD, Sigmund. Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas (1893). Em: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980c, v. I.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). Em: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980d, v. IV.

FREUD, Sigmund. Rascunho K: as neuroses de defesa (um conto de fadas para o Natal) - Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1896). Em: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980e, v. I.

FREUD, Sigmund. Carta 79 - Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1897). Em: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980f, v. I.

FREUD, Sigmund. Carta 55 - Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1897). Em: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980g, v. I.

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização (1930). Em: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980h, v. XXI.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 281 p.

GISCHEWSKI, Valéria Rezende. **O abuso do álcool entre policiais militares: um estudo de caso**. 2004. Trabalho de Conclusão Curso (Especialização em Psicologia Organizacional e do Trabalho) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. 107 p.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. Em: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-80. (Temas sociais).

GUÉRIN, François (org). **Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia**. São Paulo: Universidade de São Paulo - Escola Politécnica - Departamento de Engenharia de Produção; Fundação Vanzolini; Edgard Blücher Ltda, 2001. 200p.

HENDERSON, Marion; HUTCHESON, Graeme; DAVIES, John. **Alcohol and the workplace**. WHO regional publications - European series, n. 67. Genebra, 1996. Disponível em: < <http://eric.ed.gov/ERICWebPortal> > Acesso em: 27 dez. 2007.

HIRATA, Edson Shiguemi. Programas de alcoolismo inseridos na empresa. Em: FORTES, José Roberto de Albuquerque; CARDO, Walter Nelson (orgs.). **Alcoolismo: diagnóstico e tratamento**. São Paulo: Sarvier, 1991. p. 296-303.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa; CODO, Wanderley (orgs.). **Saúde mental & trabalho - Leituras**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 420 p.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre: ABRAPSO, v. 15, n. 1, p. 97-116, jan./jun. 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/?lng=pt> >. Acesso em: 24 mar. 2007.

JUNG, Carl Gustav (org.). **O Homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. 316 p.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1980. 92 p.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 150 p.

KAPLAN, Harold I.; SADOCK, Benjamin J.; GREBB, Jack A. **Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. 9. ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 2007. 1.584 p.

KESSLER, Félix Henrique Paim; DIEMEN, Lisa von; PECHANSKY, Flávio. Dependência química. Em: KAPCZINSKI, Flávio; QUEVEDO, João; IZQUIERDO, Ivan. **Bases biológicas dos transtornos psiquiátricos**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p 299-307.

KOSTERMAN, Rick; HAWKINS, J. David; GUO, Jie; CATALANO, Richard F.; ABBOTT, Robert D. The dynamics of alcohol and marijuana initiation: patterns and predictors of first use in adolescence. **American Journal of Public Health**, Washington, v. 90, n. 3, p. 360-366, March 2000. Disponível em: < <http://www.ajph.org> >. Acesso em: 02 fev. 2008.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **O sagrado existe**. São Paulo: Ática, 1994. 110 p. (Ponto de vista).

LARANJEIRA, Ronaldo (org.). **I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007. 76 p. Disponível em: < http://www.senad.gov.br/relatorio_padroes_consumo_alcool.pdf >. Acesso em: 02 fev. 2008.

LAURELL, Asa Cristina; NORIEGA, Mariano. **Processos de produção e saúde: trabalho e desgaste operário**. São Paulo: Hucitec, 1989. 333 p. (Saúde em debate).

LE GUILLANT, Louis. O caso Marie L. (1984). Em: LIMA, Maria Elizabeth Antunes (org.). **Escritos de Louis Le Guillant** - da ergoterapia à psicopatologia do trabalho. Petrópolis: Vozes, 2006a. p. 331-348.

LE GUILLANT, Louis. O trabalho e a fadiga – prefácio da tese do Dr. J. Bégoïn (1984). Em: LIMA, Maria Elizabeth Antunes (org.). **Escritos de Louis Le Guillant** - da ergoterapia à psicopatologia do trabalho. Petrópolis: Vozes, 2006b. p. 218-241.

LE GUILLANT, Louis; BÉGOÏN, Jean. Algumas observações metodológicas a propósito da neurose das telefonistas (1957). Em: LIMA, Maria Elizabeth Antunes (org.). **Escritos de Louis Le Guillant** - da ergoterapia à psicopatologia do trabalho. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 189-217.

LEYTON, Vilma; GREVE, Júlia Maria D'Andréa; CARVALHO, Débora Gonçalves de; MUÑOZ, Daniel Romero. Perfil epidemiológico das vítimas fatais por acidente de trânsito e a relação com o uso do álcool. **Saúde, Ética & Justiça**, São Paulo, v. 10, n. 1/2, p. 12-18, 2005. Disponível em: < http://www.fm.usp.br/iof/revista_2005/03_perfil_epi >. Acesso em: 17 fev. 2008.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. A pesquisa em saúde mental e trabalho. Em: TAMAYO, Álvaro; BORGES-ANDRADE, Jayro Eduardo; CODO, Wanderley (orgs.). **Trabalho, organizações e cultura**. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1997. p. 49-59.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. A psicopatologia do trabalho – origens e desenvolvimentos recentes na França. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília: CFP, v. 18, n. 2, p. 10-15, 1998.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. A questão do método em psicologia do trabalho. Em: GOULART, Íris Barbosa (org.). **Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002a. p. 123-132.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. Esboço de uma crítica à especulação no campo da saúde mental e trabalho. Em: JACQUES, Maria da Graça Corrêa; CODO, Wanderley (orgs.). **Saúde Mental & Trabalho - Leituras**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002b. p. 50-81.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. A relação entre distúrbio mental e trabalho – evidências epidemiológicas recentes. Em: CODO, Wanderley (org.). **O trabalho enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 139-160.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes (org.). **Relatório para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 127 p.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes (org.). **Escritos de Louis Le Guillant** - da ergoterapia à psicopatologia do trabalho. Petrópolis: Vozes, 2006. 359 p.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes; ASSUNÇÃO, Ada Ávila; FRANCISCO, João Manuel Saveia Daniel. Aprisionado pelos ponteiros de um relógio: o caso de um transtorno mental desencadeado no trabalho. Em: JACQUES, Maria da Graça Corrêa; CODO, Wanderley (orgs.). **Saúde Mental & Trabalho - Leituras**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 209-246.

MARTINEZ, Maria Carmen; PARAGUAY, Ana Isabel Bruzzi Bezerra. Satisfação e saúde no trabalho – aspectos conceituais e metodológicos. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 6, p. 59-78, 2003. Disponível em: < <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php> >. Acesso em: 24 mar. 2007.

MARTINEZ, Maria Carmen; PARAGUAY, Ana Isabel Bruzzi Bezerra; LATORRE, Maria do Rosário Dias de Oliveira. Relação entre satisfação com aspectos psicossociais e saúde dos trabalhadores. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 55-61, 2004. Disponível em: < www.fsp.usp.br/rsp >. Acesso em: 24 mar. 2007.

MASUR, Jandira. **O que é alcoolismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 76 p. (Coleção primeiros passos; n. 205).

MELCOP, Ana Glória Toledo. Vamos parar por aqui? Os desafios da abordagem de redução de danos nas violências no trânsito. Em: BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE; SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. **Álcool e redução de danos: uma abordagem inovadora para países em transição**. 1. ed. em português, ampl. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2004. p. 84-102. Disponível em: < <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Livro%20Alcool.pdf> >. Acesso em: 17 fev. 2008.

MELONI, José Nino; LARANJEIRA, Ronaldo. Custo social e de saúde do consumo do álcool. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 26, supl. 01, p. 07-10, maio 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v26s1/a03v26s1.pdf> >. Acesso em: 17 fev. 2008.

MILAN, James Robert; KETCHAM, Katherine. **Alcoolismo: os mitos e a realidade**. São Paulo: Nobel, 1986. 218 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. 269 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 01, p. 35-42, 1998. Disponível em: < <http://www.scielo.br/?lng=pt> >. Acesso em: 17 fev. 2008.

MINAYO-GOMEZ, Carlos; THEDIM-COSTA, Sônia Maria da Fonseca. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 02, p. 21-32, 1997. Disponível em: < <http://www.scielo.org/pdf/csp/v13s2/1361.pdf> >. Acesso em: 03 nov. 2006.

MONIZ, António Brandão. Crescimento da produtividade e organização do trabalho - discussão de alguns factores. **Economia e Prospectiva**, Lisboa, n. 21-22, p. 89-108, 2002. Disponível em: < http://mpr.ub.uni-muenchen.de/6515/1/artigoBMoniz1_MEcon.pdf >. Acesso em: 24 jul. 2008.

MURAD, José Elias; FORTINI, Guiomar da Mota Magalhães. **Sobre o álcool e o alcoolismo**. Belo Horizonte: Abraço, 2002. 36 p.

MURTA, Edmar Pires. **A relação entre a atividade de coleta de lixo domiciliar de Belo Horizonte e o alcoolismo entre os coletores**: um estudo de caso. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

NASSIF, Lilian Erichsen. **Uma contribuição da psicopatologia do trabalho para o estudo do alcoolismo no trabalho**: estudo de caso em uma instituição pública de ensino superior. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

NEVES, Delma Pessanha. Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 07-36, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n1/02.pdf> > . Acesso em: 10 de Maio de 2006.

NOGUEIRA, Geralda Eloísa Gonçalves. **Suicídio entre policiais militares**: um estudo de caso em saúde mental e trabalho. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

OLIVEIRA, Marcelo Cristiano. **Apropriando-se do trabalho**: um estudo sobre o trabalho dos garis coletores de lixo. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

ORGANISTA, José Henrique Carvalho. Lukács: a centralidade do trabalho em sua ontologia do ser social. Em: ORGANISTA, José Henrique Carvalho. **O debate sobre a centralidade do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 127-150.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT) - International Labour Office. **Psychosocial factors at work: recognition and control**. Report of the Joint ILO/WHO Committee on Occupational Health - Ninth Session. Geneva: International Labour Office, 1984. *Citado por* MARTINEZ, Maria Carmen; PARAGUAY, Ana Isabel Bruzzi Bezerra. Satisfação e saúde no trabalho – aspectos conceituais e metodológicos. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 6, p. 59-78, 2003. Disponível em: < <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php> > . Acesso em: 24 mar. 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Global status report on alcohol**. Genebra, 1999. Disponível em: < http://www.who.int/substance_abuse/publications/en/GlobalAlcohol_overview.pdf > . Acesso em: 28 dez. 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Global status report on alcohol**. Genebra, 2004a. Disponível em: < http://www.who.int/substance_abuse/publications/global_status_report_2004_overview.pdf > . Acesso em: 28 dez. 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Global status report - alcohol policy**. Genebra, 2004b. Disponível em: <

http://www.who.int/substance_abuse/publications/en/Alcohol%20Policy%20Report.pdf >. Acesso em: 28 dez. 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Alcohol and injury in emergency departments**: summary of the report from the WHO collaborative study on alcohol and injuries. Genebra, 2007a. Disponível em: < http://www.who.int/substance_abuse/publications/alcohol_injury_summary.pdf >. Acesso em: 28 dez. 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação Internacional das Doenças** - décima revisão (CID-10), 2007b. Disponível em: < <http://www.who.int/classifications/apps/icd/icd10online/> > Acesso em: 28 dez. 2007.

ORTH, Anaídes Pimentel da Silva. **A dependência química e o funcionamento familiar à luz do pensamento sistêmico**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

PACHECO, Lilany Vieira. **Não pense, acredite e faça**: sobre as estratégias de construção da subjetividade nos Alcoólicos Anônimos. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

PEÑA-ALFARO, Alex Antônio. **Alcoolismo**: os seguidores de Baco. São Paulo: Mercuryo, 1993. 160 p.

PENSO, Maria Aparecida; SUDBRACK, Maria Fátima. Envolvimento em atos infracionais e com drogas como possibilidades para lidar com o papel de filho parental. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n. 03, p. 29-54, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n3/24604.pdf> >. Acesso em: 04 abr. 2008.

PIRES, Sandra. Maus tratos infantis: factor de risco na gênese da toxicodependência. **Toxicodependências**, Lisboa, v. 11, n. 01, p. 65-78, 2005. Disponível em: < http://www.toxicodependencias.pt/media/artigos/2005_01_TXT7.pdf >. Acesso em: 02 fev. 2008.

POLITZER, Georges. **Crítica dos fundamentos da Psicologia**: a Psicologia e a Psicanálise. 2. ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2004. 194 p. (Filosofia e Psicanálise, n. 1).

PORTES, Patrícia Cristina Paiva. **O uso do álcool por motoristas profissionais**: o caso dos transportes coletivos urbanos. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE (PBH). Disponível em: < <http://portal.pbh.gov.br/pbh/index.html?idNv1=32&idConteudoNv1=&emConstrucaoNv1=N> >. Acesso em: 15 jul. 2008.

PULCHERIO, Gilda. O uso de substâncias psicoativas pelos profissionais da saúde: a questão do estresse. Em: PULCHERIO, Gilda; BICCA, Carla; SILVA, Fernando Amarante

(orgs.). **Álcool, outras drogas, informação**: o que cada profissional precisa saber. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 255-271.

QUILICI, Mário. **A natureza da adição às drogas**. 2008. Disponível em: < http://br.geocities.com/psipoint/drogas_a_naturezadaadicao.htm >. Acesso em: 10 fev. 2008.

REHFELDT, Klaus H. G. **Álcool e trabalho**: prevenção e administração do alcoolismo na empresa. São Paulo: EPU Editora, 1989. 95 p.

REZENDE, M. M. **Curto-circuito familiar e drogas**: análise de relações familiares e suas implicações na farmacodependência. 2. ed. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1997. *Citado por* ORTH, Anaídes Pimentel da Silva. **A dependência química e o funcionamento familiar à luz do pensamento sistêmico**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ROOM, Robin; BABOR, Thomas; REHM, Jürgen. Alcohol and public health. **Lancet**, Oxford, v. 365, n. 05, p. 519-530, fev. 2005. Disponível em: < www.thelancet.com >. Acesso em: 29 dez. 2007.

SAINT - EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. 18. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1975. 96 p.

SANTIAGO, Jesús. **A droga do toxicômano**: uma parceria cínica na era da ciência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SELIGMANN-SILVA, Edith. Crise econômica, trabalho e saúde mental. Em: ANGERAMI, Valdemar Augusto; STEINER, Helena; SILVA, Moacir Carlos (orgs.). **Crise, trabalho e saúde mental no Brasil**. São Paulo: Traço, 1986. p. 54-132.

SELIGMANN-SILVA, Edith. A inter-relação trabalho-saúde mental: um estudo de caso. **Revista de Administração de Empresa**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 70-79, set./out. 1992.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Desgaste mental no trabalho dominado**. Rio de Janeiro: Cortez, 1994. 322 p.

SELIGMANN-SILVA, Edith. Psicopatologia e psicodinâmica do trabalho. Em: MENDES, René (org.). **Patologia do trabalho**. 2. ed. atual. ampl. São Paulo: Atheneu, 2003. p. 1141-1182.

SILVA, Fabiana Barggiona de Oliveira. **A relação entre o uso do álcool e o trabalho na construção civil**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SILVA, Mara Regina Santos. Família de alcoolista: o retrato que emerge da literatura. **Família, Saúde e Desenvolvimento**. Curitiba, v. 5, n. 1, p. 09-18, jan./abr. 2003. Disponível em: <

<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/refased/article/view/5090/3846> >. Acesso em: 11 out. 2006.

SILVA, Priscila Simões F. **Alcoolismo e trabalho**: estudo de caso de um motorista do transporte coletivo urbano em Belo Horizonte. 2004. Trabalho de Conclusão Curso (Especialização em Psicologia Organizacional e do Trabalho) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

SILVEIRA, Ajax César. **O drama do alcoolismo**: causas, conseqüências e solução. 2. ed. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1980. 207 p.

SILVEIRA, Nise. **Jung**: vida e obra. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 209 p. (Vida e obra).

STANTON, M. D.; TODD, Thomas. C. (orgs.). **Terapia familiar del abuso y adicción a las drogas**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1985. *Citado por* ORTH, Anaídes Pimentel da Silva. **A dependência química e o funcionamento familiar à luz do pensamento sistêmico**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

STEDMAN, Thomas Lathrop. **Stedman dicionário médico**. 27. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 2017 p.

TENAGLIA, Maria Rita Corrêa Reis. **Construção civil e alcoolismo**: um estudo em empresa de construção civil de Belo Horizonte. 2004. Trabalho de Conclusão Curso (Especialização em Psicologia Organizacional e do Trabalho) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

VAISSMAN, Magda. **Alcoolismo no trabalho**. Rio de Janeiro: Garamond / Fiocruz, 2004. 219 p. (Coleção Loucura XXI).

VALENZUELA, Eusebio Megías. Definición de los factores de riesgo laborales en el consumo de drogas. **Toxicodependências**, Lisboa, v. 07, n. 02, p. 59-65, 2001. Disponível em: < http://www.toxicodependencias.pt/media/artigos/2001_02_TXT7.pdf > Acesso em: 02 fev. 2008.

VIEGAS, Sônia. **Trabalho e vida**. Conferência pronunciada para os profissionais do Centro de Reabilitação Profissional do INPS. Belo Horizonte, 1989.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

YONTEF, Gary M. **Processo, Diálogo e Awareness**: Ensaio em gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1998. 412 p.

ZANOTI-JERONYMO, Daniela Viganó; CARVALHO, Ana Maria Pimenta. Alcoolismo parental e suas repercussões sobre crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica. **Saúde Mental, Álcool e Drogas**. Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 01-15, 2005. Disponível em: < <http://www2.eerp.usp.br/resmad/artigos.asp> >. Acesso em: 02 fev. 2008.